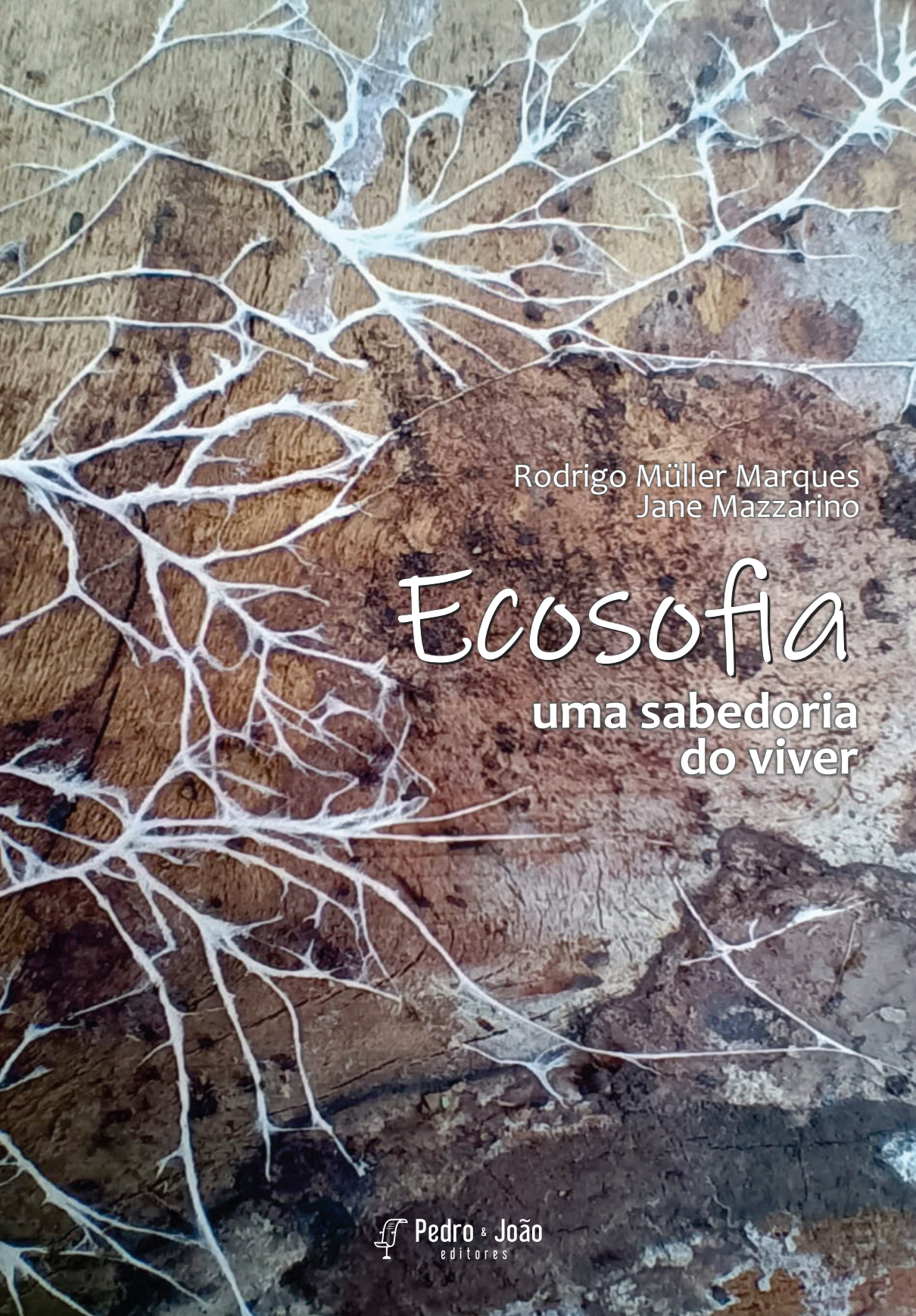

Rodrigo Müller Marques
Jane Mazzarino
Ecosofia
uma sabedoria
do viver
Pedro & João
editores

ECOSOFIA:
UMA SABEDORIA DO VIVER

Pedro & João
editores

Agradecemos o apoio recebido para esta obra

do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, por meio de recursos oriundos da Chamada CNPq nº 18/2024 - Bolsas de Produtividade em Pesquisa – PQ.

da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul – Fapergs, por meio de recursos oriundos do Edital Fapergs nº 09/2023 Programa Pesquisador Gaúcho – Pqg.

da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes, pela bolsa de estudos de doutorado do primeiro autor, por meio do Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições Comunitárias de Educação Superior – Prosuc.

do Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento – PPGAD, da Universidade do Vale do Taquari – Univates, pelo período de aprimoramento pessoal, social e científico que possibilita aos dois autores.

RODRIGO MÜLLER MARQUES
JANE MAZZARINO

ECOSOFIA:
UMA SABEDORIA DO VIVER

Pedro & João
editores

Copyright © Autor e autora

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor e da autora.

Rodrigo Müller Marques; Jane Mazzarino

Ecosofia: uma sabedoria do viver. São Carlos: Pedro & João Editores, 2026. 193p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-2995-9 [Impresso]
978-65-265-2996-6 [Digital]

1. Ecosofia. 2. Filosofia do Ambiente. 3. Interdisciplinaridade. 4. Epistemologia. 5. Ciências Ambientais. I. Título.

CDD – 500/370

Capa: Marcos Della Porta
Foto de Capa: Jane Mazzarino
Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB – 8-8828
Revisão: Miriane Saraiva Hokama
Diagramação: Nicole Cavalcante Duque Gredilha Coelho
Editor: Valdemir Miotello
Diretores executivos: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:
Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).

Pedro & João Editores
www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 – São Carlos – SP
2026

PREÂMBULO

Neste artesanato, artesãos e obra se confundiram, mesclaram-se e se interinfluenciaram. Como autores, não somos mais os mesmos, pois reencantamos, em grande escala, conquistas, saberes e incompletudes, abraçando-as e vivendo-as, sabendo que são companheiras imprescindíveis para termos existências plurais e pulsantes.

As linhas transversais que produzem a ecosofia sintetizam experiências e reflexões teóricas profundas em uma proposta colaborativa de se fazer pesquisa. Pode-se dizer que Ecosofia, uma sabedoria do viver assume uma vertente epistemológica e práxica, ao mesmo tempo aberta ao emergente e calcada no pré-existente.

Este livro deixa silêncios ou lacunas. O corpo foi atravessado, os sentidos e os sentimentos provocados e expostos aqui em forma de texto e de incompletude. Do seu preenchimento pouco se sabe. Pode jamais acontecer, se fazer em breve ou nunca ser notado ou tratado. Na ecosofia, a vida é fluxo e as completudes são desimportantes.

Das ideias que circulam no livro, destaca-se a produção de ecosofias singulares, com as possibilidades abertas pelas técnicas e tecnologias, pelos grupos, pelas pluralidades e por todas as outras multiplicidades visíveis e invisíveis, que nos aproximam do mundo, de coletivos e de nós mesmos, para assim enfrentarmos os grandes dilemas que assolam um cenário marcado pelas mudanças climáticas.

Os movimentos que constituíram esta obra seguem seus percursos criando trajetórias que se auto-organizam para desterritorializarem-se em seguida, formando rizomas que se desfazem diante de novos movimentos do pensamento, em reconstruções constantes.

Ecosofia, uma sabedoria do viver é um convite ao movimento inventivo de si. Um convite para "desperdiçar" um tempo com a ciência sensível e artesanal.

O apanhador de desperdícios

Uso a palavra para compor meus silêncios.
Não gosto das palavras
fatigadas de informar.
Dou mais respeito
às que vivem de barriga no chão
tipo água pedra sapo.
Entendo bem o sotaque das águas
Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões.
Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim um atraso de nascença.
Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.
Sou um apanhador de desperdícios:
Amo os restos
como as boas moscas.
Queria que a minha voz tivesse um formato
de canto.
Porque eu não sou da informática:
eu sou da invencionática.
Só uso a palavra para compor meus silêncios.

Manuel de Barros

SUMÁRIO

PRIMEIRAS NOTAS **11**

PARTE 1 – VIAGEM AOS CENTROS DA ECOSOFIA: AVENTURAS EPISTEMOLÓGICAS **19**
Estação 1: Naess, a Ecologia Profunda e a Autorrealização **20**
Estação 2: Guattari e os Registros Ecológicos **46**
Estação 3: Maffesoli e a Sensibilidade Múltipla e Latente **73**

PARTE 2 – UMA ECOSOFIA ARTESANAL PARA AS CIÊNCIAS AMBIENTAIS **91**
Afinal, Onde Estamos? **92**
E Agora, Para Onde Vamos? **123**

PARTE 3 – LINHAS TRANSDISCIPLINARES PARA UMA EPISTEMOLOGIA ECOSÓFICA NAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS **145**
A Inventividade **146**
Organicidade **155**
Afetividade **162**
Ativismo **168**
As Linhas que Formam o Tecido Ambiental **173**

CONSIDERAÇÕES ECOSÓFICAS AMADORAS E NÃO FINAIS **177**

REFERÊNCIAS **181**

PRIMEIRAS NOTAS

A natureza é o início e o fim de toda a vida
Michel Maffesoli

A história humana é perpassada por diferentes relações tecidas com o meio ambiente, trazendo em si desafios específicos em diferentes contextos, tempos e espaços. As mudanças ambientais pelas quais o planeta passou afetaram profundamente a trajetória da humanidade, marcada também por mutações biológicas e invenções tecnológicas (Harari, 2015). Este caminho percorrido nos trouxe até a contemporaneidade, que segue a mesma toada e desafia, constantemente, a nos reinventarmos.

O cenário contemporâneo é plurivocal, capaz de fazer emergir diversos atores, palcos e debates, introduzindo-os cotidianamente nos círculos acadêmicos, nos noticiários, nos mercados e em outras instituições que compõem a vida de diferentes grupos sociais e de seus participantes. Dentre a pluralidade de temas emergentes, destaca-se a problemática socioambiental (crise ambiental)[1], a qual introduz problemas sem soluções prévias e sem receitas prontas, cobrando, mais uma vez, reinvenções (Leff, 2006; Grün, 1996).

As relações tecidas entre ambiente e humanidade, principalmente a partir da Revolução Industrial (século XVIII), demonstram-se desequilibradas e não harmoniosas. As construções de sociedades industriais, da economia de mercado e do consumismo, criaram um contexto desafiador e complexo, mediado em larga escala pela crise ambiental e suas derivações. Tal crise é antropológica e civilizatória, pois coloca em risco não só a biodiversidade do planeta, mas a vida humana e, junto com ela, o sentido da vida, do viver (Leff, 2010).

[1] Entende-se que a crise socioambiental pode ser nomeada como crise ambiental, pois não há indivíduo ou sociedade fora do ambiente.

Ao traçar uma breve genealogia da crise ambiental, pode-se observar que a criação dos Estados-Nação, as reformas religiosas, a consolidação da burguesia, a Revolução Industrial, o germinar e a solidificação do capitalismo colocaram o humano como grande interventor do mundo, separando-o do meio ambiente. Assim, a humanidade teria o direito de utilizar a natureza como fonte de objetos e recursos. Estas características fortemente modernas, mas que afetam diretamente a contemporaneidade, colocam no centro dos debates a "objetificação da natureza", os tecnicismos exacerbados e a fragmentação dos saberes científicos (Porto-Gonçalves, 2012; Grün, 1996).

Nas últimas décadas ganharam força eventos que tratam das questões ambientais. Tais eventos envolveram e ainda envolvem diferentes organizações institucionalizadas e atores não institucionais, levando a sociedade à discussão de temas ligados às questões ambientais, ressaltando o caráter "ambiental-planetário" da crise pela qual se passa. O consumismo, o lixo, a reciclagem, a poluição do ar, da água e dos diferentes ecossistemas tornaram-se temas presentes no cotidiano do debate global (Leff, 2010; Cascino, 2003; Soffiati, 2002).

Segundo Diamond (2006), mudanças ambientais são recorrentes no planeta e ocorreram ao longo da história humana, porém, a própria humanidade, a partir de suas atividades e seus modos de ver, entender e se relacionar com a natureza, pode acelerar ou mesmo ocasionar graves crises. No contexto contemporâneo, observa-se que as concepções instrumentalizadoras e utilitaristas da natureza, influenciadas pelo Iluminismo (séculos XVII e XVIII) e suas diretrizes antropocêntricas, levaram à utilização da natureza como mercadoria, distanciando a humanidade de uma visão complexa e "organísmica" do mundo (Grün, 1996; Leff, 2006).

Os "ecos" do passado levam até a crítica que faz Passeti (2007), ao afirmar que o planeta possui donos e estes trabalham e constituem o mercado. Aquilo que escapa às suas lógicas, não é potencializado e, se possível, "as ameaças" ao modo de ser e viver atravessados pela racionalidade econômica (acúmulo de capitais),

são eliminadas, potencializando ainda mais as problemáticas socioambientais. Tais lógicas, que objetificam e dominam, criam uma ética antropocêntrica, cartesiana e dual, incapaz de compreender a complexidade do mundo e dos problemas ambientais (Passeti, 2007; Grün, 1996).

Algumas das principais causas da crise ambiental estão expostas e advém, segundo Leff (2010), das dissonâncias causadas pelo modo de vida moderno, baseado em uma racionalidade recortante e fragmentadora do mundo, vinculada fortemente aos aspectos que permeiam a lógica econômica, capaz de "coisificar" e colocar a natureza como recurso a ser dominado (racionalidade moderna). Dessa forma, a "supertecnificação" e a "supereconomização" do mundo, traduzem entes e coisas em valores monetários e, por isso, podemos afirmar que a crise ambiental é uma crise de conhecimento (Leff, 2010).

O timbre introdutório da problemática socioambiental é grave, porém, é necessário evitar uma cacofonia. A crise de conhecimento se refere não à informação, visto que vivemos, segundo Castells (2006), em uma sociedade da informação e em rede, mas sim a construções disciplinares, limitantes e fragmentadas da realidade e dos saberes sobre o mundo, voltadas, em muitos casos, para utilitarismos e economicismos inférteis.

Segundo Morin (2003), a hiperespecialização, criada pelo conhecimento científico de viés disciplinar, confina e despedaça o saber. Tal prática reduz o complexo, separa o que está ligado, elimina desordens e decompõe o que é composto, fazendo usos majoritariamente técnicos do conhecimento. Dessa forma, não é comum "alimentar" "[...] um pensamento capaz de considerar a situação humana no âmago da vida, na terra, no mundo, e de enfrentar os grandes desafios de nossa época. [...]" (Morin, 2003, p. 17).

Jared Diamond (2006) afirma que a resposta que uma sociedade dá a um problema ambiental depende, sobretudo, das instituições políticas, econômicas, sociais e dos valores culturais que a permeiam. Aqui, o conhecimento científico, permeado pela lógica racional econômica, coloca-se como ponto de ligação

essencial, levando à crise ambiental e usando da ciência para privilegiar o mercado. A ciência e os cientistas concentram, não raramente, grandes esforços nos níveis econômicos e políticos, tornando o fazer científico uma "[...] maciça instituição no centro da sociedade, subvencionada, alimentada, controlada pelos poderes econômicos e estatais [...]" (Morin, 2014, p. 19).

Como escutar as diferentes vozes e instrumentos, afastando-se dos solos (antropocêntricos) e aproximando-se de sinfonias compostas e plurais? Os primeiros passos podem ser dados através do pensamento complexo. Tal pensamento é desafiador e desafiante, pois luta contra a mutilação e busca reconexões através da multidimensionalidade que cada saber possui, engendrando, assim, diversos pontos de vista e possibilidades de múltiplas óticas, envolvendo seres e ambientes no conhecer (Morin, 2014).

Pode-se dizer que complexo é o que está junto e entrelaça "[...] para formar a unidade da complexidade; porém, a unidade do *complexus* não destrói a variedade e a diversidade das complexidades que o teceram" (Morin, 2014, p. 188). Pode-se falar, então, em multitotalidades flexíveis, que se retroalimentam a partir da pluralidade interna e externa, compositoras dos diferentes seres e sistemas (Morin, 2014).

A complexidade avança para além da racionalidade econômica e moderna e, nesse sentido, potencializa a construção de novos saberes, principalmente os ambientais. Segundo Leff (2006), o saber ambiental se configura como um campo epistemológico que desenvolve e integra análises da realidade complexa, a partir da articulação de processos de diferentes ordens de materialidade e de racionalidade (física, biológica, social, cultural). Dessa forma, concebe-se que outros modos de vida são possíveis e, para isso, pode-se partir da epistemologia ambiental enquanto articulação histórica, simbólica e biológica, na construção de novos saberes.

Na busca por tecer complexamente saberes ambientais, é necessário adentrar no campo do diálogo de saberes. Segundo Pozzer e Cechetti (2016), tal campo "faz dançar" diversas epistemes na elaboração de diferentes tipos de conhecimento. As

possibilidades daí advindas, tratam do "[...] desenvolvimento de episte(me)todologias interculturais que enfrentem e superem a colonialidade do ser, saber, poder e viver, criando espaços de acolhida e intercâmbios [...]" (Pozzer; Cechetti, 2016, p. 21). O ato de dialogar com diferentes saberes coloca em pauta a relação entre "diferentes-iguais", de forma horizontal, como uma "[...] música compartilhada, a escuta comum... é o enriquecer-se com @ outr@ [...]" (Figueiredo, 2015, p. 38). A música, que embala a dança e o próprio trajeto do dançar é composto por atritos, lacunas, "passos em falso" e "pisadas no pé", mas pressupõe um mover-se conjunto, em pares ou em grupos, de forma horizontal e transversal (Pasini, 2016), potencializando assim a construção de saberes múltiplos.

O diálogo de saberes pressupõe multi, inter e transdisciplinaridades que se autoecoproduzem (Leff, 2000; Morin, 2014). Dessa forma, a fim de avançar no tratamento, tanto teórico quanto prático da crise ambiental, pode-se observar que o ato de dialogar multifaceta as possibilidades, os olhares e as ações, potencializando cada vez mais a construção de saberes complexos, o que se aproxima do saber ambiental e de sua episteme.

Ao tratar algum tema através de múltiplos olhares disciplinares (multidisciplinaridade) ou construir um conhecimento comum a partir de diferentes disciplinas (interdisciplinaridade), avança-se no pensar, no ser e no agir, a fim de enfrentar os problemas socioambientais emergentes. Além da multi e da interdisciplinaridade, outra possibilidade é buscar a transdisciplinaridade, pensando-a enquanto possibilidade de ir além, ultrapassando os saberes disciplinares e tecendo olhares complexos, próximos do holismo e tateadores de ontologias (Leff, 2000; Morin, 2014). Dessa forma, interligar e construir visões conjuntas aproxima a produção de saberes da vida e do ato de viver.

Segundo Capra (2006, p. 78) a vida acontece em teia e "[...] sempre que olhamos para a vida, olhamos para redes". O mundo e a vida que o compõe estão integrados de diversas formas, encaixados em processos naturais indissociáveis. Uma mudança de paradigma requer uma expansão de percepções, dos modos de pensar e dos valores que construímos, visto que a vida está em seu

próprio cerne e tal cerne é, por si só, complexo, intenso, multifacetado, em suma, é profundamente ambiental (Capra, 2006).

O quadro geral pintado até aqui faz notar que a melodia que envolve ciência e conhecimento na modernidade busca dualizar, recortar e fragmentar, enquanto nas últimas décadas se observa uma tentativa de diversificação, de integração de diferentes olhares e saberes, aumentando as potências interlocutoras e o compartilhamento de espaços para diferentes composições. Tais características influenciaram no surgimento do campo das Ciências Ambientais, como uma possibilidade forte para avançar nos debates e na busca de soluções para a crise ambiental e planetária. Expandir horizontes nas Ciências Ambientais coloca-se então como um desafio urgente e necessário.

No caso desta pesquisa, a qual se insere no Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento da Universidade do Vale do Taquari - Univates e na Área das Ciências Ambientais, é importante vislumbrar, conforme Documento de Área, a necessidade de se realizar a "[...] colaboração dos diversos conhecimentos, originando algo novo, construindo um novo saber, que possibilite a busca de soluções para os problemas oriundos da relação sociedade e natureza" (Capes, 2019, p. 11). Segundo a Capes (2019), as Ciências Ambientais estão interligadas com atividades sociais, econômicas, tecnológicas, entre outras. Tal área ultrapassa competências acadêmicas específicas e não se rege por geografia política, espacial, econômica ou se "enclausura" em determinado grupo, abrindo assim o leque de possibilidades para o ser e fazer científico.

A crise ambiental, a emergência do paradigma da complexidade, o saber ambiental e a construção de áreas e programas de pesquisa na seara ambiental, abrem uma ampla avenida para reflexões e ações plurais, polifônicas e polissêmicas. Uma pergunta (dentre tantas) "paira no ar": Como contribuir com tais reflexões e ações? A proposta aqui levantada é investir na ecosofia, que emerge a partir da década de 1970 no cenário acadêmico e se amplia com o passar do tempo. Enquanto filosofia ecológica, sabedoria comum sobre a casa (Terra) e reflexão teórico-metodológica do eu, do nós (*socius*) e do meio

ambiente, a ecosofia potencializa a religação do ser humano à natureza e aos seus fluxos (Naess, 2010; Guattari, 1990; Maffesoli, 2021), possibilitando construções de saberes ambientais complexos, capazes de avançar na superação, tanto filosófica e teórica, quanto prática, da crise ambiental.

Esta obra mapeia reflexões teórico-metodológicas. Para realizar tal tessitura, faz-se uso da pesquisa bibliográfica, através da leitura de livros e artigos encontrados, coletados, lidos e sistematizados.Na coleta de dados para realizar tal tessitura, faz-se uso da pesquisa bibliográfica, através da leitura de livros e artigos encontrados, coletados, lidos e sistematizados. O que se busca é avançar epistemologicamente de modo a contribuir com a área das Ciências Ambientais, através da proposição de uma ecosofia própria e de um tratado para uma ecosofia amadora. Para isso é preciso partir e valorizar o existente.

A dialogia entre autores que colaboram para aprofundar o conceito teve como ponto de partida uma busca no Portal de Periódicos da Capes, que reúne mais de 45 mil publicações periódicas nacionais e internacionais e 126 bases de dados. Encontramos cerca de 500 trabalhos que citavam a Ecosofia, dos quais 300 mostraram alguma relevância de aprofundamento, o que evidenciou-se com a leitura do uso do conceito em toda a publicação e seleção de artigos para leitura em profundidade. Além disso, as leituras foram além do encontrado no Portal e adentraram diferentes linhas teóricas para enriquecer a sabedoria ecosófica de nosso tempo.

Após apresentar o caminho feito enquanto uma prática artesanal, apresentam-se as ideias fundadoras da ecosofia, as quais fazem emergir relações múltiplas com outros conceitos, culminando em linhas transversais para uma epistemologia ecosófica nas Ciências Ambientais.

PARTE 1

VIAGEM AOS CENTROS DA ECOSOFIA: AVENTURAS EPISTEMOLÓGICAS

A sabedoria sobre o meio ambiente e suas configurações ecossistêmicas, descendem de tempos imemoriais e fazem parte da história. O afastamento ocasionado pelo antropocentrismo é gerador de vazio, tanto material quanto espiritual, caracterizando a existência como uma mera formalidade. As tessituras complexas do humano na teia da vida exigem uma visão de mundo integrada, sutil, consciente e sensível, pois só assim pode-se, ao menos, adiar "o fim do mundo" (Krenak, 2019, 2021; Capra, 2006).

No contexto de uma possível catástrofe, a ecosofia emerge como uma potência a ser exercitada e sua multivocalidade encontra-se presente neste capítulo que, para além de "adiar fins de mundo", busca em autores reconhecidos e que abordam com profundidade o conceito, inspirações para reanimar, reencantar e reimaginar mundos diferentes. A abordagem dos pensamentos de Arne Naess, Félix Guattari e Michel Maffesoli se justifica por serem autores com publicações focadas no conceito e acessíveis. Suas publicações partem de espaços geográficos e temporais distintos, embora algumas vezes se cruzem no tempo-espaço.

Este capítulo busca realizar um convite para uma viagem pelo universo de autores e suas principais ideias ecosóficas, entendendo que cada um possui centralidades em seus pensamentos e, por isso, a proposta é uma viagem aos centros da ecosofia. Em troca da oferta de tais itinerários, pede-se um espírito livre, crítico, aventureiro e sensível de quem viaja, aventurando-se por caminhos distintos, entroncamentos complexos, paisagens diversas e territórios múltiplos.

Estação 1: Naess, a Ecologia Profunda e a Autorrealização

A viagem inicia por Arne Naess e tem por objetivo mapear seu pensamento no que tange à ecosofia, além de criar, por assim dizer, traçados para navegar pelo que o autor propõe. O esforço de sistematizar e encontrar os eixos de congruência entre os elementos abordados nas obras de Naess se faz presente como uma bússola para quem pretende conhecer autor, obra e ecosofia sem se perder.

Naess foi um autor norueguês, que atuou como professor universitário e veio a falecer em 2009. Ele sempre teve uma relação íntima com as montanhas, especificamente com a montanha de *Hallingskarvet* (chamava-a de "Montanha pai", ele a respeitava) e dedicou grande parte da vida à filosofia. No meio acadêmico, o autor participou de debates do círculo de Viena, foi influenciado por Spinoza, por Gandhi e pela cultura da paz. Viveu na Noruega ocupada pelo Nazismo, atuou na resistência e acompanhou a criação da Organização das Nações Unidas. Todos estes dados são essenciais para o profundo entendimento da Ecologia Profunda, movimento que ajudou a criar, da ecosofia e da autorrealização proposta na obra de Naess, pois todas elas partem do pessoal e do singular que constitui autor e obra (Rothenberg, 2010; Bugallo, 2018; Naess, 2010, 2018).

Naess (2010, 2018) constrói sua visão ecosófica a partir da ontologia, entendendo que é importante observar e apreciar a vida que pulsa no planeta, concebendo o quão fabulosa a Terra é. Neste sentido, a variedade e a diversidade da vida devem ser celebradas, afastando o antropocentrismo de cena. Além disso, o autor elabora sua perspectiva entendendo que o egoísmo humano precisa ser revisto, o que, para ele, leva ao amadurecimento. Tal amadurecimento pressupõe o entendimento do humano como parte do ambiente, em eco-relações não violentas, desenvolvendo a capacidade de buscar a realização de si a partir da realização de outros seres, por meio do altruísmo e da empatia com humanos e não humanos, o que leva à diminuição da degradação do planeta e da vida.

Para Naess (2010, 2018), o conjunto de máquinas que tece a era "tecno- industrial" foi planejado para não parar e nem recuar. Por isso, é preciso entendê-lo e compreender sua ideologia produtiva e consumista. Desta forma, a crise ambiental é observada pelo autor como possibilidade de inspirar novas maneiras sociais de coexistência. Para coexistir de modo harmônico, uma diminuição gradativa do consumo e da população mundial se faz necessária. Esta proposta não representa uma perda na qualidade de vida, mas uma transição necessária para o equilíbrio ecossistêmico.

A biologia da conservação vem trabalhando com a busca dos equilíbrios ecossistêmicos, visando garantir a sobrevivência e a conservação da vida. O que torna a biologia conservacionista problemática é sua visão objetivista que, muitas vezes, predomina, criando assim a tendência de esvaziamento dos componentes relacionais do ambiente. Pensar através de relações ecossistêmicas é entender que há dança e "magia" em todos os movimentos da natureza, não apenas dados científicos. A dureza da objetividade pode fazer com que o "baile" não ocorra ou as pessoas terminem indo "embora cedo, acabando assim com a festa" (Naess, 2018).

Segundo Naess (2010), encontrar novas formas de ser e habitar o mundo, as quais concebam a conservação e a preservação de espécies e também a diversidade da vida, pressupõe, em essência, que a pluralidade cultural e étnica seja potencializada. A diversidade oferece possibilidades de recriar as relações entre humanidade e Gaia. Nesse sentido, o desrespeito às sociedades não industriais demonstra profundo desconhecimento e traz problemas sérios, pois a possibilidade de aprendizado mútuo se esvai. Essa afirmação não significa voltar ao passado ou aos "velhos modos de viver em sociedade", mas sim olhar a vida através de outras lógicas, inspirando-se no não industrial, problematizando o que é realmente necessário e essencial à vida (Naess, 2010, 2018).

Naess (2010), na construção de seu pensamento ontológico, parte de sistematizações inspiradas no modo ecossistêmico da vida. Segundo o autor, sistematizar informações é necessário para pesquisar, sendo pedagogicamente, eticamente e politicamente

importante realizar tal tarefa. A sistematização auxilia na criação de guias concretos para a ação. Ao sistematizar, é preciso flexibilidade, pois os sistemas podem conter funções especiais, adaptadas às diferentes realidades. Modificações podem ocorrer sempre que necessário através de reinterpretações, ou seja, não se trata de criar estruturas engessadas, mas sim capazes de oferecer "firmeza" teórica e prática para o agir humano individual e coletivo (Naess, 2010).

Os sistemas criados por Naess (2010, 2018) partem de normas e hipóteses. É necessário que a interconexão entre estes elementos seja articulada para que exista a possibilidade de discussões racionais. Para ele, norma é aquilo que guia a ação e deve ser posto em prática, enquanto a hipótese é o pano de fundo, o pressuposto que torna válida ou não a norma. Desta forma, ao se trabalhar com visões ontológicas, é preciso entender que o crescimento do pluralismo ocorrerá e precisará ser reorganizado, pois nenhuma norma ou hipótese está fossilizada na natureza. A criatividade que engendra a experiência de viver é uma potência a ser exercitada como forma de ampliação e reconfiguração dos diferentes sistemas.

A visão de criação sistemática de Naess (2010) não busca focar na relação subjetiva-objetiva com a natureza, visto que o autor concede peso especial à espontaneidade da observação e da experiência livre em meio aos espaços naturais. Sendo assim, é preciso reconhecer-se como meio. A observação e a experiência livre permitem a identificação da natureza humana, o que consiste em ver a poesia do mundo, lembrando que o poeta é o poema, assim como o poema também é o poeta. Ou seja, conforme os afetos e as afetações vão sendo construídos, o sistema vai sendo reelaborado. A espontaneidade pode ser vista como o "óleo que azeita" ou a peça nova que se acopla às engrenagens dos sistemas, incorporando novas funcionalidades a partir do já existente (Naess, 2010, 2018).

Na criação de seus próprios sistemas de pensamento e ação, Naess (2010, 2018), busca inspiração em Gandhi e Spinoza. De Gandhi, o uso da não-violência nos conflitos, a busca pela desmilitarização das instituições, assim como o diálogo com seu

opositor são propostas latentes. Para que a não-violência se efetive, a educação colaborativa e a comunicação aberta, sincera e respeitosa entre campos opostos precisam ser exercitadas. Usar desta "tática" não significa ser inativo, mas sim usar estratégias não agressivas, como, por exemplo, o boicote a empresas, a recusa de cooperação, a desobediência social etc. Além disso, evitar a invasão ou o ataque pessoal e dificultar tendências de priorização da sua visão de mundo para com a dos outros são passos importantes do pensamento gandhiano explorados por Naess (2010).

Spinoza influencia Naess (2010, 2018) servindo de inspiração para o movimento da Ecologia Profunda. Este movimento parte de uma visão total, que busca uma orientação geral para situações concretas, sem ser uma filosofia acadêmica ou academicista, construída pela multiplicidade (inclusive poética). O que sustenta a Ecologia Profunda, em sua relação com Spinoza, é a ideia de premissas filosóficas e/ou religiosas que colocam a vida com um valor intrínseco. Tal viés pressupõe que a apreciação com valores profundos de respeito à natureza, entendendo-a como o todo que compõe a vida no planeta (os humanos fazem parte dela), ligam-se ao monoísmo spinoziano.

Para Naess (2010), filosofia e religião "jogam" no campo do ativismo e continuarão jogando. No movimento da Ecologia Profunda ou na ecosofia, a atividade deve ser direcionada para as atitudes que dão significado à vida e a natureza deve ser vista como um todo. O movimento e a ação devem ser determinados pelo desejo de uma natureza livre. Dessa forma, Naess pressupõe que a mente e a natureza são "uma só", um todo que compõe o ser. No caso da ecosofia, como construção pessoal e íntima, a visão ontológica a partir do ser individual é dinamizada através do altruísmo, das intuições e da integração do humano com a natureza, sendo todos um só (*Gestalt)*. A fonte spinoziana acaba, por assim dizer, banhando os escritos e a perspectiva de Naess (2010, 2018).

Naess (2010, 2018) referencia três movimentos importantes para a sustentabilidade: o movimento de paz; o movimento da

justiça social (inclui o feminismo); e o movimento radical. Estes três movimentos são transversais em Naess e atuam a partir da Ecologia Profunda e da ecosofia.

Pode-se dizer que a viagem iniciada nesta seção mostra traços pulsantes do pensamento de Naess. Como forma de organizar o trajeto daqui em diante e apreciá- lo, primeiramente será explorada, com maior profundidade a Ecologia Profunda e depois, a viagem segue até a ecosofia.[2]

Ecologia Profunda

Para entender a Ecologia Profunda, é importante compreender o que vem a ser ecologia e o que pode ser conceitualizado como ecologia superficial/rasa. Segundo Naess (2018), ecologia significa o estudo científico interdisciplinar das condições vitais dos organismos em interação mútua e com o entorno orgânico e inorgânico. A partir desse entendimento, em 1972, na Conferência de Estocolmo, o autor distinguiu dois tipos de movimentos ecológicos principais: o superficial e o profundo. O movimento ecológico superficial luta contra a poluição e o esgotamento de recursos, "preso a cientificismos técnicos, racionais e fragmentados", muito próximo da biologia da conservação. Já o movimento ecológico profundo é uma imagem de campo total, no qual as relações estão nos agentes de modo que sem essas relações, os agentes são diferentes. Além disso, o movimento profundo prega um igualitarismo biosférico, não ignorando as demandas já levantadas pelo movimento superficial, mas indo além, buscando profundidade na análise e na ação (Rothenberg, 2010).

A primeira proposta levantada por Naess, em 1972, para o movimento ecológico profundo trouxe os seguintes pontos:

[2] Devido à grande importância dada à Ecologia Profunda e da sua ligação íntima com a ecosofia, opta- se por começar por ela, compondo assim um trajeto que parte do mais amplo para o mais específico.

> 1. Rechazo de la imagen de "el-hombre-en-el ambiente" a favor de la imagen relacional, de campo total; 2. Igualitarismo biosférico – en princípio -; 3. Principios de diversidade y simbiosis; 4. Postura anti-clasista; 5. Lucha contra la polución y el agotamiento de los recursos; 6. Complejidad, no complicación; 7. Atutonomínia local y des-centralización (Naess, 2018, p. 22).[3]

Embora fosse uma espécie de ensaio de plataforma para a Ecologia Profunda construída posteriormente, é possível observar que já se faz presente uma abordagem ontológica-relacional, superando-se algumas dicotomias modernas. Sua gênese se funda em uma visão que concebe um igualitarismo biocêntrico, uma ação plural e pulverizada, tanto para a preservação dos recursos quanto para a autonomia local de pensar, agir e ser em sua comunidade (Rothenberg, 2010; Bugallo, 2018; Naess, 2010, 2018).

Após 1972, Naess vai atualizando sua plataforma ecológica profunda, suprimindo a necessidade de uma visão relacional totalizadora e não discriminando as metafísicas dualistas ou pluralistas. Desaparece também a exigência de sempre existir uma autonomia local e descentralizada, podendo assim captar uma gama maior de estilos sociais. A exigência anticlassista foi deixada de lado por não ser um tema estritamente ecológico e a ideia de que a vida tem valor intrínseco em si mesma ganha papel relevante (Bugallo, 2018; Naess, 2010, 2018).

Observa-se que a plataforma ecológica profunda proposta por Arne Naess possui um caráter modificável, provisório e aberto às futuras propostas e mudanças, com o objetivo de angariar simpatizantes das mais diversas linhas.[4] A proposta mais recente

[3] Tradução do autor: "1. Rejeição da imagem do "homem-no-ambiente" em favor da imagem relacional, de campo total; 2. Igualitarismo biosférico - em princípio -; 3. Princípios de diversidade e simbiose; 4. Postura anticlasse/anticlassista; 5. Combate à poluição e ao esgotamento dos recursos; 6. Complexidade, não complicação; 7. Atutonomia local e descentralização" (Naess, 2018, p. 22).

[4] Na obra Ecologia, Comunidad y estilo de vida (2018) estão disponíveis duas propostas, uma de Rothenberg (1987) e outra da Shumacher College, da Inglaterra. Observa-se então que, seja de forma individual ou coletiva, as propostas viáveis para a Ecologia Profunda são diversas.

feita por Naess (2018) para o movimento ecológico profundo traz os seguintes elementos:

1) O florescimento da vida humana e não humana na Terra tem valor intrínseco, independentemente da utilidade que os humanos dão a ela. Ao invés de se falar em uma biosfera, é mais potente transitar pela ideia de uma ecosfera, fazendo referência à proposta de colocar junto os seres vivos e aqueles que os biólogos classificam como não vivos (rios, paisagens, ecossistemas, etc.). Enfim, a "terra vivente" possui valor intrínseco.

2) A riqueza e a diversidade da vida são valiosas em si mesmas e contribuem para o florescimento da vida humana e não humana na Terra.

3) Os humanos têm o direito de reduzir a riqueza e a diversidade da vida na Terra somente para satisfazer suas necessidades vitais. Ou seja, o ser humano necessita consumir, mas torna-se essencial compreender a diferença entre um meio de satisfação da necessidade e a necessidade mesma, afastando-se assim do consumismo.

4) A interferência atual no mundo não humano precisa diminuir, pois no momento ela é excessiva e está piorando rapidamente. O problema coloca-se então no tamanho da interferência humana no meio, sendo importante aumentar as áreas selvagens e de preservação.

5) O florescimento da vida humana e das culturas é compatível com o decrescimento substancial da população humana. O florescimento da vida humana e não humana depende desse decrescimento.

6) Uma mudança verdadeira nas condições de vida para melhor, requer uma mudança política, que afete as estruturas econômicas, tecnológicas e ideológicas básicas. O crescimento econômico é incompatível com as condições de equilíbrio ecossistêmico do planeta. Dessa forma, é pertinente pensar globalmente e agir localmente, ter autodeterminação e gerar processos de fortalecimento da comunidade local, pois estes são pontos-chave para implementações de mudanças profundas.

7) A mudança ideológica passa pela apreciação da qualidade de vida, através de situações de valor intrínseco, mais do que tentar um alto nível de vida, vinculado ao consumo.

8) Aqueles que se identificam com os pontos prévios possuem a obrigação de participar diretamente ou indiretamente do movimento ecológico profundo, na intenção de aplicar as mudanças necessárias no mundo. Há um espaço amplo para diferentes opiniões acerca das prioridades. Opiniões divergentes entre o que vem primeiro ou depois, ou então ao que é mais urgente, não devem excluir cooperações vigorosas.

Os princípios da Ecologia Profunda formam uma composição polifônica em uma sinfonia complexa. Vale dizer que, como qualquer composição, releituras podem ocorrer, conforme Naess (2010) sugere. Para ele, a criação de um programa base faz a diferenciação do movimento da Ecologia Profunda dentro dos movimentos alternativos, o que não impede que ele coopere com os outros grupos. A diversidade, já presente em sua genética, é potência a ser exercitada (Naess, 2010, 2018).

Um ponto central que interliga as diferentes plataformas de Ecologia Profunda é que quem se identifica com os pontos levantados têm a obrigação de implementar as mudanças necessárias, ou seja, assume um compromisso. Os partidários deste movimento tendem a estar do mesmo lado, mas nem sempre as perspectivas são as mesmas e os objetivos e métodos comuns e/ou replicáveis, o que celebra a diversidade enquanto possibilidade de prática comunitária e social (Naess, 2010).

As diferenciações nas visões de mundo de indivíduos e comunidades geram possibilidades férteis para a germinação de diferentes *gestalts*, o que dinamiza a diversidade nos processos de habitar o mundo, afinal, cada um constrói seu próprio universo de entendimento. Se as visões são diferentes e múltiplas, interligar práticas no movimento ecológico profundo, auxilia na construção de um sistema pulsante e vivo. Sendo assim, misturam-se teorias, pedagogias, éticas e políticas na construção deste movimento, a fim

de torná-lo significante e significativo para quem dele participa nos diferentes espaços (Naess, 2010, 2018).

A Ecologia Profunda se preocupa com o sofrimento humano e busca a redução das desigualdades, mas não se coloca como antropocêntrica. Ela visa a experiência espontânea, ou como a filosofia delimita, valoriza a "fenomenologia". Atenta, desta forma, aos propósitos, às metas e às normas fundamentais. Pode-se dizer que se coloca tanto como um guia abstrato de caráter filosófico, quanto um meio para tomar decisões e ações concretas nos conflitos ambientais (Naess, 2018). Dessa forma, é possível inferir que ela entende que o ser humano é compositor do meio, indissociavelmente maestro, musicista e música das "sinfonias ambientais".

O movimento ecológico profundo busca superar três elementos e práticas que estão causando autodestruição: guerras, exploração e supressão de humanos e exploração e degradação de não humanos. Assim, o movimento se insere nas diferentes instituições, buscando diálogos transculturais, ecumênicos, filosóficos e práticos (Naess, 2010). O que interliga toda essa diversidade? O fato de se buscar a eco-relacionalidade harmoniosa nas comunidades, nos países e em Gaia.

A pluralidade e mobilidade são valorizadas por Naess (2010), como ele mesmo afirmou: "I see the deep ecology movement and its supporters as part of a total view that comprises many levels and many ultimate philosophies and diverse practices in close contact with each other [...]" (Naess, 2010, p. 114)[5]. Dessa forma, a alegria, a criatividade e a experiência sensível são práticas possíveis para dinamizar a construção do movimento. Para que isso ocorra, é potente vivenciar o próprio corpo, as emoções e as sensações que atravessam o ser, pois assim as premissas ecocêntricas se moldam e atuam próximas de sua plenitude (Naess, 2010).

[5] Tradução livre do autor: "Eu vejo o movimento da Ecologia Profunda e seus apoiadores como parte de uma visão total que compreende muitos níveis e muitas filosofias definitivas e diversas práticas em contato umas com as outras".

A plataforma é essencial, porém, Arne dá uma atenção especial também ao agente que participa do movimento. Segundo o autor, é preciso viver de forma simples, praticar o anticonsumismo, apreciar as emoções e as diferenças étnicas e culturais, buscando riqueza nas experiências de convivência na comunidade e na satisfação das necessidades vitais, protegendo as diferentes formas de vida nos mais diferentes ecossistemas (Naess, 2010).

Os elementos individuais transformam o movimento coletivo e, nesse sentido, a ecosofia ganha tração, ao ser colocada como propulsora de práxis pessoais, intimamente interligadas e retroalimentadas pela Ecologia Profunda. Não se trata aqui de uma relação de domínio ou de supremacia do movimento ecológico profundo, mas sim de searas distintas de atuação que se retroalimentam, sendo a ecosofia o que envolve o universo pessoal, íntimo, microcósmico. O subcapítulo a seguir busca explorar a ecosofia no universo de Naess.

Ecosofia em Naess

A ecosofia de Naess surge a partir de 1969, ainda não sistematizada, mas "buscando" conceitos importantes em sua vida, como a diversidade, a não violência, a ecumenidade, o igualitarismo, a austeridade e a fortaleza. Nesse contexto, o diálogo não violento e inter-religioso, o biocetrismo, a vida rica em conquistas de valor intrínseco e a luta a favor da integridade do ambiente, da diversidade cultural e dos estilos de vida ambientalmente compatíveis entram em jogo. Tudo isto está em linha com a Ecologia Profunda (Naess, 2010, 2018).

A palavra ecosofia é formada pelo prefixo *eco*, o qual se encontra em economia e ecologia, mas que traz em si a ideia de *oikos*, ou seja, casa. A terminação *sofía*, que significa compreensão e/ou sabedoria, completa a expressão conceitual e, dessa forma, unem-se a palavra casa e sabedoria. Uma ecosofia, portanto, provém de uma cosmovisão filosófica ou de um sistema inspirado pelas condições que se vive, uma sabedoria a ser tecida para e com

a casa que, no caso humano, é o planeta Terra e todos ecossistemas (Naess, 2010, 2018).

Segundo Naess (2010), a ecosofia é o modo como a pessoa vive, filosoficamente e totalmente em harmonia ecológica. A perspectiva ecosófica dialoga com a *Gestalt*, a qual pode se caracterizar como uma visão total, baseada em nuances de sentimentos, pensamentos e experiências. Dessa forma, "[...] ecosophies are not platforms for a political movement or policies, but are personal philosophies of life in a worldview"[6] (Naess 2010, p. 33).

Naess (2018), propõe uma distinção essencial entre ecofilosofia e ecosofia. Para o autor, a ecofilosofia é um campo de estudo, uma forma de refletir sobre os problemas comuns à filosofia e à ecologia. Quando as questões filosóficas e ecológicas se aplicam a nós mesmos e à natureza, chamamos a filosofia de ecosofia, ou seja, ela é uma filosofia que concerne ao ser, não a um campo de estudos.

No desenvolvimento de situações práticas é que são aplicadas as ecosofias. Enquanto filosofia "própria", ela guia as reflexões e ações humanas para e com o meio habitado. Isso não significa que ela necessariamente é uma criação totalmente original e inédita, pois pode se inspirar em diferentes autores, correntes de pensamento, religiões, tradições filosóficas e outros universos de referência (Naess, 2010, 2018). Pode-se dizer que a ecosofia é uma tessitura que o ser faz do que o rodeia, do cosmos no qual habita e, assim como a vida, ela pode mudar.

A ecosofia é uma cosmovisão, porém, intenta-se dar a ela uma expressão sistemática. A ideia central é que o ser é responsável pelas suas ações frente a motivações e premissas relativas a qualquer questão que possa ser perguntada. Tais motivações e premissas compõem uma filosofia de vida, a qual engajada ao eco, torna-se ecosofia (Naess, 2018).

Naess ressalta que é preciso ter cuidado com os ecologismos cientificistas e racionalistas. Não se trata de negá-los ou jamais

[6] Tradução do autor: Ecosofias não são plataformas para um movimento político ou para políticas, mas são filosofias pessoais de vida em uma visão de mundo.

"beber em suas fontes", mas entender que a ecosofia, enquanto portadora de princípios e motivações para atuar, faz com que a ecologia ganhe tração e potência para se estabelecer de forma reflexiva, sensível e complexa (Naess, 2010, 2018).

A ontologia é posta em debate por Naess na construção de sua ecosofia, pois a diferença entre "ver o bosque" como um conjunto de relações (como um conservacionista vê), ou então como um "conglomerado de árvores" (como um desenvolvimentista vê), é mais ontológica do que ética. É a forma como se encara a realidade que muda, por isso, torna-se pertinente na filosofia do ambientalismo e na própria ecosofia "mover-se da ética para a ontologia e depois voltar". Olhar as ontologias pode clarificar políticas diferentes e suas bases éticas nas construções ecosóficas (Naess, 2018).

Para compreender ontologicamente o meio, é necessário sensibilizar-se para as qualidades, entender que tudo flui e que as relações de interdependência são diretas e persistentes, ao mesmo tempo que mutantes e transitórias. É uma forma de conceber uma "sabedoria da casa" atenta às qualidades primárias (tamanho, forma, movimento), secundárias (cor, temperatura, gosto, etc.) e terciárias (força, praticidade, beleza, etc.). Desta forma, a ecosofia atua através do relacionalismo, ou seja, parte da ideia de que algo possui diversas características que são, ao mesmo tempo, interligadas complexamente na teia que compõe a vida e o viver (Naess, 2018).

O organismo é formado por interações e, dessa forma, ele e seu entorno não são duas coisas. Não existem objetos completamente separados. Nenhuma parte da experiência está realmente isolada. Tal ideia parte das *gestalts* enquanto percepção da unidade com vários elementos. A matéria, a emoção e a razão se misturam no que é experimentado espontaneamente no todo indivisível ("*Gestáltico"*). As relações de construções ecosóficas valorizam os sentimentos, buscando aprofundá-los e clarificá- los, abrindo espaço para diferentes espectros transitarem pelo saber de e sobre Gaia (Naess, 2018).

Segundo Naess (2018), na ecosofia, diferentemente da filosofia acadêmica, as decisões contam mais do que as generalidades. Ver as

relações, as intensidades e os fluxos é essencial para compreender ontologicamente o ambiente. Ao sugerir uma forma de construir uma ecosofia, o autor coloca-a como exercício de sistematização, o que, por sua vez, é uma tentativa de criar uma normativa. Tal sistema pressupõe três características fundamentais:

1) Um sistema normativo (ético, por exemplo) não consiste só em normas, mas também em enunciados não-normativas;

2) As normas derivam, em geral, de outras normas ou hipóteses, sendo assim, as opiniões sobre o que se deve ou não fazer dependem das hipóteses traçadas. Ou seja, as normas dependem das crenças sobre as relações de interdependência da biosfera.

3) Para aceitar as normas é preciso ter em mente as hipóteses que levam até essas normas, aceitando-as primeiramente para depois dar a norma como norma.

Na metodologia de Naess (2010, 2018), sempre quando se tem uma norma é necessário questionar-se: quais são as hipóteses relevantes para a adoção dessa norma? Então, ao pensar estilos de vida pessoais, sociais e ecologicamente mais responsáveis e harmoniosos, não é possível se desvincular da cosmovisão própria de cada ser.

Sobre as normas, existem dois tipos: a genuína, que tem validade independentemente das relações de metas e fins (possui valor intrínseco), e a instrumental, que serve como base apenas para execução de outra norma. Nenhuma norma é aplicável absoluta ou maximamente, pois todas elas estão interligadas entre si e partem das hipóteses sobre a realidade. Ou seja, todo esse sistema pressupõe, quando necessário e desejável, movimento, mutação, evolução (Naess, 2018).

Na sistematização é preciso elencar os princípios e ligá-los às decisões práticas, principalmente no sentido ecopolítico. O ecósofo (aquele que faz ecosofia) precisa refletir em completude e também explicitar o que realmente quer, não como uma questão pessoal, mas sim como uma perspectiva social e ecosférica. Dessa forma, é preciso que, na construção ecosófica, se entenda o humano como uma conjuntura em um sistema relacional sem limites

determinados no tempo e no espaço, convivente com outros humanos, animais, plantas e ecossistemas. Nesse sentido, nossos enunciados referentes a qualidades e coisas, frações e "todo" não podem ser mais precisos se não realizarmos uma transição ao campo e ao pensamento relacional (Naess, 2018).

No jogo entre o individual e o coletivo da ecosofia e da Ecologia Profunda[7], Naess (2018) coloca em relação áreas que possuem no diálogo e nas reinvenções relacionais convergências essenciais. As áreas elencadas pelo autor são as seguintes: a) Tecnologia; b) Economia; c) Política[8]. A seguir, realizam-se pequenos "passeios" nestas áreas, buscando assim explorar profundidades ecosóficas possíveis através do diálogo de saberes.

Tecnologia

A inovação técnica e tecnológica faz parte da natureza humana, que é criativa. Porém, é preciso reinventar as relações com estas searas, repensando usos sociais e culturais. A tecnocracia não é capaz de responder aos desafios contemporâneos e, por isso, pensar as eco-relações entre humano, meio e tecnologia é essencial para resolver problemas socioambientais vivenciados (Naess, 2018).

Ao tomar como base a ecosofia, a tecnologia avançada é aquela que faz avançar os objetivos básicos de cada cultura, levando os grupos humanos a "pisarem ligeiramente" sobre a terra, sem muito impacto ou sem deixar muitas pegadas. Pode- se usar as tecnologias de massa disponíveis (Alpha) e as pequenas e descentralizadas (Beta) para mudar o modo como se produz, como se consome, como se relacionam humanos e não humanos, enfim,

[7] Optou-se por trazer estes elementos no subcapítulo da ecosofia, a fim de interligá-la à Ecologia Profunda, diferenciando os níveis de atuação e também como forma de mostrar o que estrutura a Ecosofia T, que vem a ser a ecosofia singular de Naess, explorada no próximo subcapítulo.

[8] Naess (2010, 2018) opera seu pensamento nesses tópicos interligando ecosofia e Ecologia Profunda, pois individual e coletivo tecem relações complexas com estes temas.

o modo como se vive. Por exemplo, a tecnologia Alpha sugere o agronegócio puramente mercadológico, enquanto a Beta, direciona-se à produção local, orgânica e coletiva. Mudar de uma para a outra exige alterações profundas nos modos de produção e consumo (Naess, 2018).

Segundo Naess (2018), adentrar "o dominante" e realizar pequenas mudanças é potente. Neste sentido, as tecnologias fornecem possibilidades múltiplas, principalmente as "*betas*", que dialogam com reinvenções tanto produtivas quanto de consumo. Não se trata de transferir a tecnologia dos países ocidentais e industriais para os países do "terceiro mundo"[9], pois isso já está causando erosões culturais, alienações intelectuais e problemas ambientais trágicos e dramáticos. É preciso readaptar as tecnologias conhecidas para fazer florescer novos jeitos de viver em comunidade, atuando no micro, a fim de alterar o macro, buscando o que é "*beta*" e suas influências.

A tecnologia encontra-se intimamente relacionada com instituições sociais (ciência, governo centralizado, escola, etc.) e, por isso, a mudança na tecnologia significa mudança na cultura. O desenvolvimento tecnológico é muitas vezes julgado pelos estados industriais e pensado no consumo de massa, servindo, em grande medida, ao *status quo*. A avaliação ecosófica sobre as técnicas e tecnologias, baseia- se na satisfação das necessidades vitais das comunidades locais, não desprezando a tecnologia ou a indústria "tradicional", mas buscando maior autonomia, independência e autossuficiência em quem se vale do aparato técnico e tecnológico na busca de bem-estar e qualidade de vida (Naess, 2010, 2018).

As potências tecnológicas para a ecosofia são várias e possibilitam reinvenções das relações individuais, sociais e ambientais. Inovação tecnológica é importante, mas a economia também precisa mudar, o que pode vir pelas tecnologias *betas* e por novos modos de produzir, consumir e de enxergar as relações econômicas, como se explora no próximo tópico.

[9] Esta dominação foi muito utilizada (embora ainda se utilize) até o final do século XX para elencar as regiões do globo consideradas subdesenvolvidas.

Economia

Para Naess (2018), o que faz com que a crise ecológica seja extremamente séria é a ideologia produtiva antiecológica profundamente consumista. Segundo o autor, economia deriva de *oikonomos*, aquele que se ocupa da casa, uma tarefa normativa. Dessa forma, é essencial que a ecosofia e o movimento da Ecologia Profunda se ocupem de estudar a economia e, sempre que possível, participem das tomadas de decisão sobre esse eixo.

A visão economicista, que sobrepõe a economia a tudo e todos, enxerga o crescimento econômico e o Produto Interno Bruto (PIB) como os pontos cardeais a serem seguidos como orientadores da vida. Tal visão reducionista precisa ser revisada, tendo em vista que o PIB favorece demandas e não necessidades, o que vai contra a proposta ecosófica. Esta crença favorece a natureza ilimitada dos desejos e, consequentemente, alimenta a expansão dos mercados (Naess, 2018).

A consideração central de Naess (2018) é que qualquer progresso econômico, no geral, pressupõe um conjunto de normas ou valores e alguns deles são bem básicos. Um exemplo é a caracterização do bem-estar, que para o autor deve ser entendido como a satisfação de necessidades dos membros da comunidade. Buscar qualidade de vida e bem-estar é entender como as pessoas se sentem, do que precisam, para então, ao invés de demandas, trabalhar com necessidades ambientais, subjetivas, sociais e culturais.

A natureza não possui um preço, tampouco cabe em algum sistema monetário. Dados científicos e quantitativos não devem atuar como os únicos subsídios para o tratamento da economia em suas relações epistemológicas e práticas com a natureza. Fica evidente a necessidade de conhecer diferentes práticas econômicas (mesmo as que são criticadas) e alterar padrões de consumo e de produção. Ao aproximar os movimentos ambientalistas e seus membros dos debates econômicos, um importante intercâmbio

relacional é tecido e as mudanças podem ocorrer verdadeiramente (Naess, 2010, 2018).

Fortalecer as trocas comunitárias e a satisfação de necessidades em busca de um bem-estar individual e coletivo, colocam-se como algo a ser seguido pela economia. Inovações tecnológicas e no terreno da economia colocam-se como demandas pungentes, mas incapazes de sozinhas darem conta da problemática ambiental, conforme afirma Naess (2010, 2018). Sendo assim, entra em cena a política, um terreno a ser explorado, reconstruído e ressignificado.

Política

Segundo Naess (2018), a ecosofia e o movimento ecológico não podem evitar a política e nem precisam dela distanciar-se. Suas inserções no mundo político, seja institucionalizado ou não, têm muito a ganhar através da análise dos focos de poder e como as estruturas estão organizadas, buscando encontrar meios e espaços de colaboração e cooperação. A menos que as ideias sejam levadas à ação através da política, mudanças drásticas ou maiores não ocorrerão; afinal, toda decisão política possui relevância para a natureza.

A ecopolítica possui um amplo leque de possibilidades, mas Naess (2018) enumera alguns temas que podem ser expandidos, pensando sempre a relação de uma pessoa/nação/instituição ou grupo e qualquer uma destas temáticas, sendo elas:

a) Políticas de contaminação do ambiente humano; b) Políticas de contaminação de habitats de outras formas de vida; c) Políticas de recursos para os humanos; d) Políticas de recursos para formas de vida não humanas; e) Políticas da população humana; f) Políticas de população não humana.

Os temas ecopolíticos possuem grande força, principalmente se geram tensões entre perspectivas de longo prazo com as de curto prazo. Tais perspectivas precisam englobar a índole local interligada com as regionais, nacionais e globais, além de questionar o desrespeito aos direitos humanos, combater a

desigualdade social e a destruição de ecossistemas. Colocar em discussão essas perspectivas já torna capaz a produção de debates ecológicos profundos (Naess, 2018).

As diferentes contaminações já são debatidas, mas o desafio de que todos os seres vivos e ecossistemas sejam respeitados ainda carece de resolução. As questões que envolvem recursos escassos e apropriações indevidas também colocam-se em pauta, sendo cada vez mais importante o fortalecimento do local/comunitário sem esquecer o global. Nesse contexto, construir formas de diminuir a população humana, valorizar a diversidade étnica e cultural e conceber espaços para humanos e não humanos nos diferentes ecossistemas é uma demanda urgente (Naess, 2018).

A política, para Naess (2010, 2018), possui uma importância central. Ela tangencia autorrealização, autodeterminação, autossuficiência e educação. Torna-se então evidente que a política é um campo polivalente, aberto e repleto de possibilidades disruptivas, tanto para o indivíduo quanto para a comunidade.

Segundo Naess (2018), a autorrealização pode ser entendida como a realização das necessidades vitais e a construção do bem-estar do indivíduo e do grupo no qual se insere. Para que ela se efetive, é importante que exista a autodeterminação, ou seja, uma capacidade de realizar as potencialidades dos seres. Nesse sentido, autodeterminação não significa "egolatria", mas sim a afirmação de que o poder de decisão não tenha sofrido coerção por conta de algum centro de poder distante e/ou centralizado. Quanto maior a descentralização, mais fácil a autodeterminação.

A autorrealização influencia na autodeterminação que, por sua vez, pode desencadear a autossuficiência, principalmente em nível local. A autossuficiência local gera menos danos ao meio ambiente, fortalece a produção e o consumo através das tecnologias *beta* e gera vínculos profundos entre os diferentes membros de uma comunidade. Quando a autossuficiência não for plenamente viável, é importante que se tente a comunicação intercultural e entre comunidades na busca da superação dos desafios comunitários. Alcançar a autossuficiência exige

trabalho duro, sendo possível somente em uma comunidade coerente, local, lógica e natural (Naess, 2018).

Observa-se que a ecosofia e a Ecologia Profunda interligam o individual e o local, dando atenção especial à comunidade e seu pleno desenvolvimento ecosófico. Naess (2018) elenca algumas necessidades a serem sanadas para que a comunidade alcance níveis de autossuficiência, autorrealização (individual e comum) e autodeterminação. São eles: a) Os membros conseguem se conhecer e a população mantém-se em um nível relativamente constante; b) As decisões em áreas que afetam todos os membros são tomadas através da comunicação direta (democracia direta); c) A cordialidade é utilizada para contrapor comportamentos antissociais; d) As formas e os meios de produção se relacionam de maneira mais firme com a produção primária e então aproximam-se da autossuficiência; e) A tecnologia é essencialmente "leve" e advém de materiais próximos; f) A cultura e o entretenimento possuem "cores locais" e se aplicam ao trabalho; g) A escolarização foca nas necessidades locais e a educação formal e artística estão presentes; h) As diferenças de oportunidades e de riqueza são pequenas; i) A extensão geográfica é pequena, a fim de que possa ser percorrida de bicicleta ou através de algum meio "menos poluente"; j) Hospitais e instituições internacionais, nacionais ou regionais convivem com essas comunidades, para que a sociedade mais ampla esteja amparada.

Naess (2018), em suas concepções, coloca em jogo o local e o global, entendendo que centralização demasiada gera cultura de massa e padronização, o que desencanta a vida, pois esta cobra criatividade e diversidade para existir e se expandir. A cooperação e a ajuda mútua entre governos, organizações, sociedades e comunidades são importantes nos movimentos políticos. A utilização de diferentes táticas, técnicas e tecnologias pode ampliar espaços, fugindo muitas vezes do panorama político tradicional e reinventando modos de ser e fazer política. Desta forma, evidencia-se que falar de política sob o ponto de vista da Ecologia Profunda e da ecosofia pode ser revolucionário, mas os passos a serem dados são reformistas.

Segundo Naess (2018), nem socialismo, nem comunismo são soluções para a problemática socioambiental. Burocratização e forte centralização são temas de críticas ásperas feitas pelo autor, que propõe que, em linha geral, os ecósofos e os ecologistas profundos se movam mais em direção a um anarquismo não violento do que a um dos sistemas já citados. Pode-se dizer que as utopias das "sociedades verdes" apontam para uma democracia com controle local dos meios de produção, entendendo-a como melhor método para alcançar os objetivos da Ecologia Profunda e da ecosofia.

A educação é colocada transversalmente no debate ecosófico, sendo uma educação "verde", inserida dentro do panorama político, podendo ser formal, informal e/ou comunitária. Os ecologistas profundos, ou mesmo naturalistas no sentido romântico, devem se converter em agentes educadores centrais nas comunidades, concebendo práticas educativas em suas ecosofias. Fica evidente que tudo está conectado e o leque de atuação ecopolítica é amplo, porém, ao agir, é importante manter o foco e buscar a eficiência em um "lugar" de cada vez (Naess, 2018).

Atuar politicamente para alcançar um futuro que possua harmonia nas relações entre humanos e natureza, apropriando-se de saberes técnicos e da política formal para gerar reformas em busca de revoluções, são passos a serem dados, tanto pelos partidos políticos "verdes" quanto por instituições, comunidades e organizações que ainda serão criadas. Um erro a ser evitado é se apegar a velhas estruturas. O ativismo plural, multifacetado, multi-referenciado e multilocalizado é um dos ativos mais valiosos para as mudanças necessárias (Naess, 2018).

A perspectiva de Naess (2010, 2018) coloca grande importância no desenvolvimento da comunidade, necessitando ser perpassada ecosoficamente pelos princípios de reciprocidade, não violência, humildade e gratitude. Assim, criar sensos de pertencimento, buscando no lugar e nas relações construídas a partir de experiências genuínas de vida, fornecem um ou vários motivos para viver. Nesse sentido, a sensibilidade coloca-se como potência a ser exercitada.

Naess (2010, 2018), em suas reflexões sobre a ecosofia ainda propõe a concepção de um "eu ecológico", profundamente imbricado nas relações comunitárias. Este eu é um ser perpassado por relações de amor, cuidado, respeito, responsabilidade e conhecimento aplicável para todos os seres em todos os sentidos. Nesta perspectiva, a ecosofia está imbricada em uma lógica, numa metodologia fetal, epistemológica, ontológica, ética, descritiva e normativa, como uma filosofia da ciência, uma filosofia sócio-política e estética geral que compõe cada ser. A seguir, a "próxima parada da viagem ecosófica naessiana" é a Ecosofia T, criada por ele com base em suas vivências e referências.

A Ecosofia T

Naess (2018), em sua Ecosofia T[10], elenca três metas supremas: prazer, felicidade e perfeição. Conforme os objetivos pessoais se alcançam, mais facilmente a qualidade de vida pessoal se desenvolve. Sendo assim, parte-se de uma abertura para diferentes concepções acerca dos objetivos e do caminho próprio que cada pessoa trilha.

A autorrealização na Ecosofia T se usa para indicar um tipo de perfeição. É um processo, mas também uma meta última. O término desta ecosofia é uma autorrealização pessoal e comunitária, também sendo concebida como uma referência de desenvolvimento da realidade como uma totalidade. Assim, a norma autorrealização pressupõe que o outro, a comunidade e qualquer membro do meio, estejam realizados para que o "eu" alcance sua autorrealização. Longe de egoísmo, pressupõe-se aqui uma maturidade que condensa hipóteses sociais, psicológicas e ontológicas como forma de gerar harmonia e equilíbrio entre o ser e o meio. Este modo de pensar e ensinar conduz a mais atos benevolentes do que a leis morais (Naess, 2010, 2018).

[10] A Ecosofia T leva o nome da sua cabana na montanha de *Tvergasteis* (através das pedras).

Nos últimos milênios, a humanidade se tornou uma espécie invasora, pioneira, individualista, agressiva e ansiosa. Neste caso, tentou-se suprimir outras espécies, o que precisa ser revisto. Rever os passos dados e buscar outros caminhos implica igualdade, alegria e desenvolvimento em pequenas comunidades, elementos essenciais da Ecosofia T e para a efetivação de autorrealização (Naess, 2018).

Naess (2010, 2018) pressupõe, em sua ecosofia, que os câmbios se dão do interior para o exterior, mas também trabalham em conjunto. Tais câmbios não são simples, tendo em vista que o indivíduo e a sociedade encontram-se imersos em lógicas racionais modernas e fortemente influenciadas pelo capitalismo e pelo consumismo. Desta forma, a tecnologia, a política, o estilo de vida e a economia precisam de reinvenções, as quais passam por ecosofias multifacetadas e multireferenciadas (Naess, 2010, 2018).

A ecosofia de Naess apoia-se em duas ideias de autores essenciais: a não violência, aplicada por Gandhi, e a ideia de que a vida é fundamentalmente uma (*Gestalt*), conforme propõe Spinoza, já citadas anteriormente. A Ecosofia T, assim como qualquer ecosofia pessoal, está atenta a como a pessoa reage frente a problemas ambientais contemporâneos sobre a base de uma perspectiva total (unicidade). Ela enlaça toda vida e toda natureza. Quanto mais se convive com a natureza, mais sentimentos bons são construídos, visto que o humano é parte da natureza. A fim de alcançar o equilíbrio, ele propõe que a ecosofia atue como a arte da convivência harmoniosa com o meio (Naess, 2018).

Naess (2010, 2018) afirma que não é necessário abdicar das necessidades humanas para que outras espécies se "sobreponham", mas a responsabilidade é grande com aqueles que vivem perto de nós, sejam humanos ou não. Se existe um conflito, é preciso colocar as necessidades periféricas dos seres humanos em tensão com as necessidades vitais de outros animais. Do contrário, há uma grande probabilidade do "*homo sapiens sapiens"* entender que sua singularidade e suas capacidades especiais justificam a dominação e o maltrato de outros seres e do meio ambiente, mas,

no caso da Ecosofia T, a singularidade humana é utilizada como uma premissa para um cuidado universal com outras espécies.

A autorrealização, ao pressupor a identificação com o outro e o respeito a suas demandas, cria unidade em busca de uma totalidade harmoniosa em uma comunidade. É importante frisar que a identificação com outra vida depende da cultura, do entorno e das condições econômicas. A ecosofia entende o "eu" não como um ego a ser inflado, mas sim como uma parte genuína de toda a vida. Cada ser vivo compreende um "fim em si mesmo". Com a extensão do eu para a totalidade e a identificação com outros seres vivos e a apreciação do bem-estar, é possível tatear a ecosofia (Naess, 2018).

A educação e a ampliação de processos de autorrealização são passos essenciais para a ecosofia, o que não significa que crimes ambientais não devam ser punidos, mas se dá preferência para caminhos positivos ao invés de punitivos. Assim, pisa-se na terra "ligeiramente", respeitando todo tipo de vida, alterando o ambiente o mínimo possível, apreciando a paz e a tranquilidade em meio à natureza, deixando de lado a hegemonia do consumo e se apegando ao que é vital à vida (Naess, 2018).

A felicidade, o prazer e a perfeição são construções constantes, que dialogam com a autorrealização intimamente. O rompimento com as hegemonias, o olhar sensível e atento, assim como as relações harmoniosas, não violentas, singulares e totais do humano com o meio, são características essenciais na efetivação da autorrealização. No mapa das possibilidades, observa-se que a ecosofia se espraia, como um arquipélago que interconecta sonhos, necessidades, desejos e princípios na busca da construção de harmonias socioambientais.

Na Ecosofia T é necessário tratar interdependentemente quatro campos diferentes dos fenômenos: 1) Identificação com seres vivos individualmente e dentro de situações de vida limitadas; 2) Identificação com a coletividade de seres vivos em sua essência (ecossistemas, espécies, "a vida mesmo"); 3) Juízos éticos dos seres individuais em situações específicas; 4) Juízos éticos da vida coletiva em sua essência. Estes fenômenos compõem a *Gestalt*

ecosófica T e problematiza práxis adotadas até então, criando caminhos para novas práticas (Naess, 2018). A organização sistemática na Ecosofia T, encontra-se no Quadro 1[11].

Quadro 1: Organização da Ecosofia T.

Normas	Hipóteses
N1[12]: Autorrealização!	H1: Quanto maior a autorrealização alcançada, mais ampla e profunda é a identificação com os outros. H2: Quanto maior o nível de autorrealização obtida por qualquer outro, mais o seu incremento dependerá da autorrealização de outros. H3: A autorrealização completa de qualquer pessoa depende da dos demais.
N2:Autorrealização para todos os seres vivos!	H4: A diversidade da vida incrementa as autorrealizações potenciais.
N3: Diversidade da vida!	H5: A complexidade da vida incrementa as autorrealizações potenciais.
N4: Complexidade.	H6: Os recursos vitais da Terra são limitados; H7: A simbiose maximiza as autorrealizações potenciais em condições de recursos limitados.
N5: Simbiose!	H8: A autossuficiência local e a cooperação aumentam a autorrealização; H9: A autonomia local aumenta as possibilidades de se manter a autossuficiência local; H10: A centralização diminui a autossuficiência e a autonomia local.

Fonte: Da pesquisa, com base em Naess (2010, 2018).

Todas as formulações anteriores exploram termos-chave da filosofia social e política. Sugerem normas e hipóteses sistematizadas de forma precisa, e não pretendem nada além disso. Sendo assim, a Ecosofia T dá conta de uma parcela das relações humano-natureza ampliada ou alterada sempre que conveniente para o seu criador (Naess, 2018).

A complexidade na Ecosofia T está na interdependência entre organismos e uma série de fatores e/ou elementos. Ela chama atenção para um tipo de "dosagem" da diversidade, da complexidade e da

[11] Optou-se por não colocar toda a Ecosofia T, pois o quadro ficaria demasiado extenso. A versão completa pode ser consultada no livro *Ecologia, Comunidad y estilo de vida*, publicado em 2018.

[12] Cada N diz respeito à uma Norma e cada H à uma hipótese que sustenta tal norma.

simbiose. Exageros não são necessariamente bons em nenhum dos casos. Existem necessidades biológicas, ambientais e sociais, e elas devem ser alcançadas e saciadas, afirma Naess (2018).

Buscando tatear um apanhado geral, é possível observar que o microcosmo de relações individuais com o meio, colocadas na construção de uma ecosofia, é essencial para a existência do macrocosmo, o qual, por sua vez, influencia o micro. Por isso, as realizações devem ser qualitativamente diferentes, prezando-se pela diversidade, complexidade e simbiose nos pequenos espaços, a fim de alterar o global. A tessitura é íntima e parte de diferentes universos de referência, encontrando confluências no valor intrínseco à vida, na realização de potencialidades (individuais e grupais) e no olhar complexo e sensível para com o meio, sendo possível reinventar a ecosofia de acordo com o contexto e com as relações nele presente.

A complexidade de Naess: inter-relações entre ecologia profunda e ecosofia

A política, a economia e a tecnologia são eixos transversais para Naess (2010, 2018), que perpassam a Ecosofia e a Ecologia Profunda. Além disso, em suas concepções, o autor busca valorizar a emoção no pensamento e a experiência espontânea da realidade e como essas searas conduzem as habilidades de uma personalidade humana integrada e madura sobre a perspectiva total. Dessa forma, pode-se dizer que o autor entende a ecosofia como uma perspectiva total, inspirada pela ciência ecológica e pelas atividades do movimento ecológico profundo. A Ecologia Profunda e a ecosofia se entrelaçam com concepções que fogem ao domínio do científico e incluem princípios, normas, valores, crenças e concepções diversas.

Segundo Naess (2018), é preciso anunciar suas prioridades valorativas com firmeza. As normas e valores devem ser contrastados uma e outra vez, mediante sua prática e não sobre uma filosofia explícita que justifique o paradigma dominante. Sendo assim, as normas precisam estar abertas a revisitações.

Ecosofia e Ecologia Profunda retroalimentam-se. Tecem prioridades e caminhos reflexivos plurais para a ação, tanto do indivíduo quanto da comunidade. Os níveis podem ser diferentes, mas as interinfluências são constantes. Enquanto a Ecosofia busca criar uma visão total e sistematizada da ação do "eu", a Ecologia Profunda trabalha com princípios gerais para o movimento social e político. No jogo entre uma e outra, ambas avançam suas peças em direções confluentes e possuem o mesmo objetivo central: rever as ações para com o meio através de uma visão eco-relacional e sábia sobre nossa casa, Gaia (Naess, 2010, 2018).

Como esforço de sistematizar as ideias centrais de Naess no que tange à ecosofia, o Esquema 1 busca tornar mais pulsante e pungente o que se encontrou nos caminhos percorridos até aqui.

Esquema 1: Pulsações "Naessianas".



Fonte: Da pesquisa, com base em Naess (2010, 2018).

O Esquema 1 sistematiza elementos essenciais do pensamento de Arne Naess, tateando sua complexidade, mas sabendo da sua incompletude. Viajar pelas ideias ecosóficas demonstra que tanto o caminho quanto o caminhante são guiados pelo cuidado com o todo, com o planeta. Observar os percalços e as belezas da paisagem ao caminhar torna o percurso integrado.

A ecosofia "naessiana" coloca-se como uma sabedoria comum, da casa, integrada aos fluxos da vida, ao mesmo tempo que sistematiza elementos na tentativa de organizar a práxis do "eu ecológico". Compositora de destinos, esta ecosofia é pessoal, singular, própria e diversa, baseada em diferentes referências para construir seu sistema. O que pulsa é o que cria e faz pulsar e, neste sentido, Naess usa a pulsação própria como forma de ser e constituir a sua ecosofia e o seu eu "ecósofo".

Após viajar pelos universos constitutivos da ecosofia "naessiana", é hora de trilhar outro percurso, passando para o pensamento de Félix Guattari, compositor da próxima estação. Seguimos, caro leitor!

Estação 2: Guattari e os Registros Ecológicos

Este subcapítulo busca sistematizar, sem enquadrar ou normatizar, o pensamento de Félix Guattari sobre a ecosofia. Assim como o autor nos provoca a fazer, o trânsito e as idas e vindas do pensar serão exercitados com lógicas próprias, traços singulares e caminhos únicos de concepção.

Félix Guattari foi um pensador e militante que atuava através de reflexões teóricas, da prática clínica e do ativismo político. Atuou como protagonista do movimento internacional da Reforma Psiquiátrica e "navegou" pela militância trotskista, pela experiência clínica em *La Borde* e pela psicanálise. Produziu obras e conceitos diversos, sozinho e na companhia de Gilles Deleuze. O autor deixou citações e textos variados sobre a ecosofia, contudo, suas contribuições se encerraram em 1992, quando veio a falecer (Naudad, 2005).

A ecosofia proposta por Guattari (1990, 2015) leva em conta três registros ecológicos: a subjetividade humana, as relações sociais e o meio ambiente. Segundo o autor, a crise ecológica cobra respostas em escala planetária, com verdadeiras revoluções no campo político, social e cultural, solicitando novas orientações dos objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Sensibilidade, inteligência, transformação e desejo estão "em e no jogo". Nesse sentido, é na articulação entre "[...] a subjetividade em estado nascente, do *socius* em estado mutante, do meio ambiente no ponto em que pode ser reinventado, que estará em jogo a saída das crises maiores de nossa época" (Guattari, 1990, p. 55). A partir destas três ecologias, torna-se pertinente observar causas e possibilidades a serem exercitadas nos diferentes registros.

A contemporaneidade evidencia que as oposições dualistas tradicionais estão chegando ao fim. Conflitos permanecem, mas a diferença é que engajam sistemas multipolares, diversos e descentrados. Ocorrem rupturas, multiplicam-se os antagonismos e os processos de singularização tornam-se cada vez mais latentes. Esse pano de fundo traz em seu bojo a problemática socioambiental, que cobra articulação entre diferentes registros ecológicos, fazendo emergir a ecosofia (Guattari, 1990).

Segundo Guattari, a televisão e a era midiática, destilam discursos sedativos, sendo conveniente, daqui para frente, "[...] apreender o mundo através dos três vasos comunicantes que constituem nossos três pontos de vista ecológicos" (Guattari, 1990, p. 24). Tais pontos são importantes pois o Capitalismo Mundial Integrado (CMI), traduzido pelo sistema produtivo-econômico-subjetivo pós-industrial, produzido pelo capital, exacerba a produção de bens materiais e imateriais consumistas, deixando pouco espaço para construção de territórios existenciais individuais e grupais capazes de lidar com o ambiente de forma equilibrada (Guattari, 1990).

A ecosofia para Guattari (2015), longe de erigir regras universais a título de "guias práxicos", trata de liberar antinomias entre os três registros ecológicos. Neste sentido, a máquina

capitalística deve dar espaço para uma "rehabitação da singularidade" e da complexidade dos objetos de desejo humano. Sendo assim, a ecosofia pode se caracterizar como um "[...] enlace de la ecologia ambiental, de la ecologia científica, de la ecologia económica, de la ecologia urbana y de las ecologias social e mental[13] [...]" (Guattari, 2015, p. 31).

Guattari (2015) afirma que não há oposição entre suas ecologias. Para ele, toda apreensão de um problema ambiental postula o desenvolvimento de universos de valores, o que acarreta um compromisso ético-político que envolve as diferentes possibilidades de registros ecológicos e de suas inter-relações.

A ecosofia coloca-se, assim, como uma heterogênese metodológica, subjetiva, social, cultural, política, econômica e ambiental. Ela traz em seu bojo a necessidade de se debater as questões do nosso tempo, envolvendo aspectos da ética, da estética, da arte, da razão, da sensibilidade e da cidadania na construção de sabedorias individuais, coletivas e ambientais, capazes de responder às demandas complexas levantadas pela crise ambiental (Guattari, 1990, 2015).

Todos os aspectos das crises contemporâneas deveriam levar à mobilização de espíritos, sensibilidades e vontades em direção à ecosofia, diz o autor. Para ele, a crise ecológica remete a uma crise mais geral, do social, do político e do existencial. A criação de novos territórios de expressão e de existência, coloca-se, assim, como demanda presente. Microintervenções que reconfigurem as relações do eu com sua subjetividade, do eu com o social e do eu com o ambiental são potenciais disparadores de processos ecosóficos (Guattari, 2015).

Nos traços iniciais da sua proposta ecosófica, Guattari (2015) concebe o objeto ecosófico articulado a partir de quatro dimensões: fluxo, máquina, valor e território existencial. O quadro 2 tece uma síntese destas dimensões.

---

[13] Tradução livre do autor: "[...] elo de ecologia ambiental, ecologia científica, ecologia econômica, ecologia urbana e ecologias sociais e mentais" (Guattari, 2015, p. 31).

Quadro 2: Dimensões do objeto ecosófico.

Dimensão	Características essenciais
Fluxo	A dimensão do fluxo é evidente, visto que nos ecossistemas sempre há uma articulação de fluxos heterogêneos construtores da realidade e de devires múltiplos. O fluxo traz em si movimento e intensidades que permeiam o ambiente.
Máquina	A dimensão da máquina precisa superar as ideias tecnocráticas e mecanicistas e promover uma concepção que englobe aspectos biológicos, tecnológicos, informáticos, sociais, teóricos, estéticos e outros que venham a emergir. Sendo assim, a máquina concebe a técnica, mas também o social e o cognitivo. Parte da história e se renova, incorporando novas "peças e funções", operando no contexto da transformação, do desejo de mudança. Os valores são inerentes às máquinas, que concebem em si a emergência, a finitude e a destruição. Dessa forma, todos os sistemas de valor (religiosos, estéticos, ecosóficos, científicos etc.) instauram-se na interface maquínica entre o atual necessário e o virtual possibilista. Por ter essas características, a máquina é autopoiética, autoafirmadora ontológica, articuladora dos fluxos materiais dos ecossistemas e dos fluxos semióticos.
Valor(es)	A dimensão do(s) valor(es) passa por repensar sua concepção em muitos casos dogmática, abrindo-se a uma articulação estética, científica, artística, política, econômica etc., desvinculando-se das ideias mercadológicas para criar sistemas de valores integrados, sem dominações de uns sobre os outros. Universos de valores são constelações valorativas heterogêneas e singularizantes.
Território existencial	A dimensão do território existencial tem a ver com a finitude da existência, não como uma entidade eterna, mas sim fundada em coordenadas de determinação extrínseca, independente. É uma abertura ao que está posto, mas também ao que é virtualmente possível, como um lugar e um modo de vida que congrega materialidades e imaterialidades.

Fonte: Do autor, com base em Guattari (1990, 1992, 2015).

As dimensões, para Guattari (2015), devem se interligar e criar um grande "*filum* evolutivo". Todas elas compõem o objeto ecosófico e, em seu caráter criativo, permitem a aglomeração de componentes heterogêneos e, ao mesmo tempo, de unidades autopoiéticas, na criação de novas formas de habitar o planeta. Não se trata de totalizar ao criar algum modelo, mas sim de modelar para conceber processos de afirmação de valores que respeitem a singularidade e a heterogeneidade, ou seja, "[...] Lo que está en juego es la creatividad imaginaria em todos los registros[14]" (Guattari, 2015, p. 260).

[14] Tradução livre do autor: "[...] O que está em jogo é a criatividade imaginária em todos os registros" (Guattari, 2015, p. 260).

Segundo Guattari (2015), não existe um ser que atravessa sempre os entes, mas sim uma produção ontológica, através de universos de referência, de práticas sociais, analíticas e estéticas. O ser é posto como alguém que habita, concomitantemente, o caos e a complexidade. Guattari não requisita nenhuma ontologia, pois propõe metamodelizações, mas, para ele, as ontologias representam, para cada época e filosofia, uma tentativa de conceitualizar o estado do ser, das coisas em um contexto científico e social dado. Ao propor a ecosofia, o autor percebia o ser das coisas muito mais como um ser evolutivo, em aceleração maquínica e histórica. Por isso a crítica à ontologia, que confere uma existência universal, eterna em si mesma. Ler as ontologias é essencial, mas se prender a elas é abandonar o caráter de *filum* evolutivo que a ecosofia propõe.

Ao escrever sobre a construção de novos territórios existenciais, Guattari (1990, 2015) sugere um trabalho permanente de reencontro com a emergência e com a criação. Ao invés de um academicismo que repete o já posto, a ecosofia pressupõe fazer algo diferente com o que outros já fizeram. Não se trata de desenvolver uma perspectiva pragmática, mas sim uma criatividade social, uma heterogênese dos sistemas de valores, capaz de construir algo novo, uma ecosofia que atue nos conflitos ecológicos antagônicos e também nos devires animais, vegetais, atmosféricos, além das dimensões incorporais da ecologia, das formas culturais e de sensibilidade (Guattari, 2015).

A resistência ao Capitalismo Mundial Integrado (CMI) e ao processo de degradação ambiental, não é só um fazer social (de grupos), mas de pessoas que reconstroem a sensibilidade, através da poesia, da música e de diferentes relações intra e interpessoais com o mundo. Está em jogo uma reassunção, uma reapropriação processual da produção do mundo, antes de qualquer valor universal de uma biosfera que sempre estará aqui. É da própria

desfalecência caósmica[15] do modo de vida capitalístico que surgirão outros modos de sensibilidade e de intervenção política ecosófica. Assim, a crise é uma possibilidade intensa para a efetivação da ecosofia (Guattari, 2015).

A ecografia de Guattari não é macroestrutura nem infraestrutura. Ela ultrapassa essas categorias e trabalha com elas e entre elas, na formulação de metamodelizações que engendram o virtual com potencial de efetivação, de vir a ser. Os registros ecológicos em suas inter-relações, nas *autopoiesis* e nas perturbações externas, constituem universos de referência que podem transformar-se em territórios existenciais ecosóficos, reconfigurados para além do capital e da lógica economicista (Guattari, 2015).

A ecosofia de Guattari é transversal, pois passa entre diferentes polos. A transversalidade é composta e compositora de instâncias desterritorializadas, sendo também caósmica, sempre ligada a algo fora das estruturas e dos sentidos constituídos. Ao mesmo tempo, ela também possibilita a reterritorialização, ou seja, a ressignificação do território no qual se vive, uma transmutação transversal dos registros em modos de ser e viver ecologicamente responsáveis (Guattari, 2015). O autor critica as ideologias que massificam e o autoritarismo, inclusive científico, que fez com que a natureza tenha sido concebida como infinita. A ecologia, em muitos casos, infelizmente se fechou como uma matéria envolta apenas nas relações ecossistêmicas, que envolviam a preservação do espaço e de espécies. Para pausar os ataques ao meio ambiente, é necessário modificar a economia, o espaço urbano, as estruturas sociais, as mentalidades e os hábitos de consumo. Assim, unir os diferentes componentes ecosóficos é "brincar" com a heterogeneidade e extrair suas potências desta brincadeira. Para tal brincar, faz-se necessário

[15] Segundo Guattari (1992), a caosmose consiste no germinar do estado das coisas, que em meio ao caos, faz surgir novos elementos, confluentes ou dissonantes que coabitam os territórios emergentes.

incluir as máquinas[16], a arte e a estética, o caos, a cidade e o desejo, pois estes são alguns dos elementos que formam o alicerce capaz de elevar a intensidade ecosófica e inter-relacionar os registros ecológicos propostos por Guattari (1990, 2015).

A máquina e seus componentes articulam fluxos e valores nas constituições ecosóficas, as quais desembocam nos territórios existenciais. O movimento e a intensidade dos fluxos engendram componentes maquínicos biológicos, técnicos, tecnológicos, sociais, cognitivos, inorgânicos etc. nas suas composições, criando movimentos que pulsam e evoluem por meio da articulação estética, política, científica e econômica. Assim, o *filum* evolutivo vai constituindo as materialidades e imaterialidades dos territórios existenciais (Guattari, 1990, 1992, 2015).

A ideia de máquina é importante no pensamento de Guattari (2015), pois ela é capaz de articular diferentes elementos em sua autoprodução, visto que tem uma consistência, uma relação consigo mesma e com uma alteridade. O objeto técnico da máquina não pode ser reduzido à sua materialidade. Na *techné*, existem elementos ontogenéticos, de relações sociais, capital de conhecimento, relações econômicas e toda uma série de interfaces. Considerar a máquina como uma série de elementos que se conectam entre si é o que a torna potente e inventiva. Pode-se dizer que

> Una máquina es algo que se sitúa al término de uma serie de máquinas anteriores, y que relanza el filum evolutivo de las máquinas por venir; es por tanto um agenciamento material y semiótico que tiene la virtud de atravessar no solamente el tempo y el espacio, sino também niveles de existência muy diversos concernentes tanto al cérebro como a la biologia, los sentimentos, los investimentos coletivos (Guattari, 2015,p. 161).[17]

[16] Embora já se tenha abordado a máquina enquanto elemento do objeto ecosófico, este é um conceito transversal no pensamento do autor, por isso, retoma-se e se demora mais neste tópico.

[17] Tradução livre do autor: "[...] Uma máquina é algo que está no final de uma série de máquinas anteriores, e que relança o *filum* evolutivo das máquinas que virão; É, portanto, uma agência material e semiótica que tem a capacidade de atravessar não apenas o tempo e o espaço, mas também níveis muito diferentes de existência

A essência da máquina está ligada ao que desterritorializa seus elementos, seu funcionamento e suas relações com a alteridade. Ela está aberta ao seu exterior, mantendo relações com os componentes sociais e com as subjetividades. Dessa forma, uma máquina desenvolve universos de referência, ontológicos e heterogêneos, marcados pelas curvas históricas, de irreversibilidade e de singularidade. A máquina é mais do que estrutura, pois não se limita a um jogo de interações, porém, possui um núcleo de consistência, de insistência e de afirmação ontológica. Pode-se dizer que ela é portadora de uma finitude, de algo que nasce e morre (Guattari, 1992; 2015). Segundo Guattari (2015), o núcleo da máquina é autopoiético e interestático, aberto ao exterior e, por isso, implicado na complexidade. Não se evacua o afeto, que é a afirmação autopoiética, visto que o humano é formado por universos de referência incorporais e por texturas ontológicas, singulares. A máquina coloca-se então como possibilidade de religação, pois sua posição autopoiética e hipertextual "[...] permite tener uma actitud criacionista, de composición maquínica frente a esa cortina de hierro ontológica que separa el sujeto, de um lado, y las cosas, del outro[18]" (Guattari, 2015, p. 100).

As máquinas, em seus conjuntos, estão inseridas em maquinismos. Tal conceito pressupõe que a máquina começa com um fenômeno de consistência, autopoiese parcial, mas encontra-se ligada a sistemas maquínicos anteriores e sempre em posição de produzir virtualmente outras máquinas. A máquina aqui difere do cartesianismo, visto que possui certa vida. O que há de rico nos sistemas maquínicos é que não somente estão abertos a dimensões heterogêneas, mas também se abrem a uma heterogeneidade potencial na subjetividade por meio da sensibilidade (Guattari, 2015).

---

concernentes ao cérebro e à biologia, sentimentos, investimentos coletivos" (Guattari, 2015, p. 61).

[18] Tradução livre do autor: "[...] permite ter uma atitude criacionista, de composição maquínica diante daquela cortina de ferro ontológica que separa o sujeito, de um lado, e as coisas, do outro" (Guattari, 2015, p. 100).

A máquina está sempre em diálogo com uma alteridade, com algo exterior, tecnológico, humano, etc. A máquina, para além da estrutura do sistema, compreende essas relações exteriores também. Aí surge o campo do possível que, para Guattari, é a criação. Fazer confluir criatividade científica, social, econômica, das artes etc. territorializadas em desterritorializações maquínicas, para posterior reterritorialização (criação de novas miradas existenciais) é a ideia de mecanosfera, a qual faz com que nasçam dispositivos capazes de permitir a experiência da confluência heterogenética da singularidade (Guattari, 2015)

O caráter processual compõe a essência da máquina e da mecanosfera, advindo de uma continuidade indefinida, que está em constante mutação. Há vida e morte nas máquinas tecnológicas, teóricas, sociais, de guerra etc. A possibilidade de sua complexificação e sua abolição é possível e o nome dado a isso pelo autor é caosmose. A articulação entre diferentes elementos permite a evolução, a produção criadora maquínica. Com a simbiose entre máquina, ferramenta, campo social e humano e a aparição de máquinas linguísticas, diagramáticas e conceituais em articulação mútua, ocorre um descentramento maquínico, saindo-se assim da lógica dos objetos claros e distintos de um estado dado para chegar ao abstrato, à máquina enquanto autopoiese, geradora de devir maquínico, criadora do novo (Guattari, 2015). Guattari nos convida a maquinar territórios existenciais.

Segundo Guattari (2015), o devir maquínico constitui formas de humanidade e implica também em devires vegetais, musicais, matemáticos, artísticos etc. Tal devir supõe o virtual, uma proliferação existencial que ele chama de territórios existenciais, ou seja, a intuição do conceito de máquina implica num escape da lógica de objeto discursivo e de fluxo manifesto para a integração de entidades não discursivas, incorporais, contingentes, como a própria existência. Maquinar o mundo a partir de sua heterogênese é dar vazão às possibilidades de reinvenção das relações entre sociedade e natureza, superando-se, assim, as dicotomias fragmentadoras do ser e do saber. A máquina e os sistemas maquínicos podem, por

consequência, trabalhar na potencialização dos três registros ecológicos e na construção da ecosofia.

Os devires maquínicos e a constituição de máquinas no pensamento ecosófico abrem um leque de possibilidades. A cidade, por exemplo, é uma máquina produtora de subjetividade individual e coletiva através de equipamentos comuns (educação, saúde, controle social, cultura etc.) e de meios de comunicação de massa (Guattari, 2015).

A consciência ecológica a ser construída em relação às diversas máquinas, não deve se preocupar somente com as questões do meio ambiente, pois sem a transformação das mentalidades e dos hábitos coletivos, só se farão mudanças e reajustes incompletos. Torna-se urgente reinventar todo o tecido social e isso passa pela cidade. Trata-se de construir no real, atento ao que pode emergir, ao virtual concebido. A cidade coloca-se, então, como terreno a ser pavimentado nestas direções e, por isso, a ecosofia adentra "as terras citadinas" e busca, em suas múltiplas latências, inventar novas formas de ser e agir baseadas na ecosofia (Guattari, 2015).

As possibilidades maquínicas são diversas e, por isso, possuem em si o caos, o qual vai além do caótico, colocando-se como desenvolvedor de extrema complexidade. As entidades que habitam o caos estão animadas de velocidade infinita, podendo assim se complexificar e se descomplexificar rapidamente, criando e recriando possibilidades de emergência. Pode-se dizer que o caos habita o complexo e este habita o caos, de forma que a atitude criadora ecosófica passa pelas travessias caóticas da vida em direção a novos territórios existenciais (Guattari, 2015).

Adentrar o caos, e dele tirar máquinas através de ritornelos, é uma possibilidade ecosófica forte. Assim, o caos não complica, mas complexifica e, complexificando, gera possibilidades potentes para a arte, para a estética e para o artista que, quando ecósofo, pode dar vida e movimento à ecosofia (Guattari, 1990, 2015).

Guattari (2015), ao interligar a ecosofia ao caos que a arte faz emergir, a concebe como uma produtora de máquinas de sensação, de composição, de perceptos e percepções, afetos distintos de

sentimentos, sensações fora do comum. O artista, para além da escola de arte, é quem cria a existência e o ecósofo; nesse sentido, é um artista que pode usar técnica e tecnologia, junto a valores, fluxos e máquinas na criação de novos territórios de existência.

Em meio às homogeneizações e tecnocientificismos, a arte talvez seja o campo que resiste, visto que "El arte funciona en el sentido de la heterogénesis contra la homogénesis capitalística"[19] (Guattari, 2015, p. 117). O capitalismo busca planificar, empobrecer a subjetividade ao padronizá-la, enquanto a arte desterritorializa para reterritorializar, ao trabalhar o conceito para produzir sensações. Sendo assim, o artista trabalha no ponto do inominável, do não sentido, do porvir. É um "herói" que defende as espécies incorporais, assim como as promove (Guattari, 2015).

Para Guattari (2015), as limitações desse mundo tecnocrático e moderno se opõem à filosofia, à arte e à estética, que avançam a velocidades infinitas na inventividade. A arte coloca como epígrafe três tipos de problemas: a criatividade processual, o questionamento permanente da identidade do objeto, a polifonia da enunciação e a autopoieses. Tais elementos fornecem semeaduras possíveis em terrenos férteis do fazer criativo ecosófico, o qual pode trabalhar na superação da crise ambiental.

O paradigma estético, ao contrário do capitalista, vai em direção a uma heterogeneização dos sistemas de valores. Ele coloca-se como um refúgio para as práticas criativas e pode utilizar os dispositivos para construir sentidos novos, fora das ontologias dominantes. A arte, na luta contra o caos, faz surgir o instante, voltando ao caos de forma mais sensível, através de ritornelos que operam como focos autopoiéticos criativos, que ao mesmo tempo seguem a instantaneidade geral e pontos de caosmose que se afirmam como puras entidades de criação. O ritornelo é um ponto caósmico de criação, como uma detenção do movimento cronológico do tempo (inclusive incorporal). É como um reaprender com tudo e sempre.

[19] Tradução livre do autor: "A arte funciona no sentido da heterogênese contra a homogênese capitalista" (Guattari, 2015, p. 117).

Dessa forma, a ordem habita a desordem e a desordem habita a ordem e essa dupla imanência pode fazer nascer a verdadeira criação (Guattari, 2015). A arte é, por assim dizer, um terreno fértil para a caosmose e seus ritornelos (territorialização, desterritorialização e reterritorialização), os quais potencializam a ecosofia no criar de novos territórios existenciais permeados pelo paradigma estético.

A ecosofia, as máquinas, a estética e a arte possuem em comum o elemento do desejo, o qual é construído de acordo com o tema social em pauta, não como uma onda sem razão e desordenada de sentimentos quaisquer. Ele é um processo de singularização, como um ponto de proliferação e de criação de possibilidades em um senso de um sistema constituído. Erupções de acontecimentos casuais modificam o ambiente e, por consequência, alteram a ordem dos desejos (Guattari, 2015). Pode-se dizer que o desejo é sempre assim, "[...] alguien cae enamorado de algo em um universo que parecia cerrado y, de golpe, se abren otros posibles [...]"[20] (Guattari, 2015, p. 165). Compreender os desejos e amplificar as possibilidades de desejar geram potências para a subjetividade, para o *socius* e para as relações com o meio ambiente.

Máquinas artísticas, citadinas, estéticas, permeadas pelo caos e pelo desejo marcam uma importante introdução ao cerne do pensamento ecosófico de Guattari, que traz os três registros ecológicos (subjetividade, *socius* e meio ambiente) em suas nuances. A proliferação de ideias e as diversas linhas conceituais que se cruzam, colocam-se como características da obra deste autor e estão presentes em suas concepções de ecosofia. Por isso, a seguir, como um novo esforço de sistematização, os três registros ecológicos são tratados em separado para uma compreensão aprofundada, mesmo que possuam interconexões íntimas.

[20] Tradução livre do autor: "[...] alguém se apaixona por algo em um universo que parecia 'fechado' e, repentinamente, se abrem outras possibilidades" (Guattari, 2015, p. 165).

O Registro da Subjetividade

O primeiro registro ecológico a ser explorado é a subjetividade, a qual, na concepção ecosófica, pode ser conjugada no plural. Por ser uma proposta especulativa, ético-política e estética, multifacetada, com espaço para diferentes dispositivos analíticos e produtores de subjetividade, a ecosofia trabalha com subjetividades, sejam elas individuais ou coletivas. O objetivo é que elas transbordem, superando egoísmos e abrindo-se em diferentes direções: da tecnociência, da cultura, da estética, de representações artísticas, do corpo, do sexo, do tempo, etc. Dessa forma, pode-se dizer que a subjetividade é resultado da conjunção de componentes heterogêneos e é através deles que pode mudar, transformar-se (Guattari, 1990, 2015).

Ao criticar o Capitalismo Mundial Integrado (CMI), Guattari (1990) enfoca a sua perspicácia em descentrar os seus focos de poder das estruturas de produção de bens e serviços para estruturas que produzem signos, sintaxes e subjetividades, usando para isso o controle exercido sobre a mídia e sobre a publicidade. Tal projeto de controle coloca em questão a introjeção do poder repressivo por parte dos oprimidos, o que exige ressingularizações do entendimento do eu com o outro e com o meio, na construção de existências que se dão em outros territórios físicos e subjetivos, diferentes dos criados e compartilhados pelo CMI.

A ecosofia mental (subjetividade) busca a reinvenção da relação do ser com os "mistérios" da vida e da morte. O diálogo com aquilo que assusta e/ou encanta leva à produção de antídotos para a uniformização midiática e telemática. Seja pelo conceito, pelo afeto ou pelo percepto, os enraizamentos arcaicos ou uniformizantes globalizados precisam dar espaço a engajamentos que projetem um futuro intermediado por temporalidades humanas e não-humanas, ressingularizadas através de reconfigurações do ser com aquilo que o compõe, materialmente e imaterialmente (Guattari, 1990).

Quando trata da subjetividade, Guattari (2015) remete ao inconsciente e critica o viés psicoanalítico, que já está "programado para um destino final". Ele propõe uma esquizoanálise, ou seja, uma proposta em que a própria pessoa busca formas de acessar seu inconsciente, abrindo-se às interações sociais e econômicas na constituição subjetiva. Para o autor, o inconsciente também é maquínico e não se centra somente na subjetividade humana, mas sim nos fluxos de signos, sociais e materiais dos mais diversos. A esquizoanálise concebe o inconsciente maquínico como uma dimensão capaz de articular constelações funcionais complexas e polivocais, que singularizam a análise subjetiva e da subjetividade. A partir da análise singular e própria, Guattari entende que se pode reinventar a própria essência, criando assim novos territórios de existência.

As principais características do inconsciente maquínico são as seguintes: a) é o lugar de interação entre componentes semióticos e de sistemas de intensidade diversos, não sendo estruturado como uma linguagem; b) os componentes não dependem de uma sintaxe universal, por serem singulares; c) as relações inconscientes entre indivíduos não dependem de estruturas universais; d) pode se desenrolar para o passado, mas também se abrir sobre o aqui e o agora, tomando a opção do devir; e) ele não é o único em toda a terra; f) a análise pode ser individual ou coletiva.

O inconsciente maquínico faz transitar pelas intensidades que constituem os devires, acendendo a universos transformativos. Mas como acessar o inconsciente maquínico? Através de uma automodelização (metamodelização), que se apropria do todo ou de modelos pré-existentes para construir suas próprias cartografias, seus próprios modos de mapear e inventar. A metamodelização consiste em forjar instrumentos para captar a diversidade, a singularidade e a heterogeneidade (Guattari, 2015).

O indivíduo em sua subjetividade é uma intersecção de componentes institucionais e seus sonhos, conectados a filmes, séries, livros etc. Para compreender esse indivíduo em sua subjetividade, a esquizoanálise proporciona a possibilidade de

diálogo transmetodológico, pensando ramificações, rizomas e não padronizações pré-ordenadas. Aqui, o rizoma assume o papel de ramificação, sem hierarquia ou proposições/afirmações mais valiosas do que outras, podendo dirigir-se em diferentes direções (Guattari, 2015).

A subjetividade atravessa e é atravessada por delimitações sociais, étnicas, religiosas etc. O subjetivo não se limita ao contorno das classes sociais. Sendo assim, a proposta ecosófica propõe um viés ético-estético, centrado na criação de si mesmo, de sua relação com o corpo, com o mundo e com o outro. Essa relação com o outro é fundada em uma ética, que concerne à alteridade humana completamente constituída, na relação com indivíduos, com semelhantes, com o dessemelhante, com a diferença (animal, vegetal, humana), com o cosmos e com valores incorporais. Em síntese, a subjetividade ecosófica é uma vontade de construir a vida. Transita pela consciência, pela inconsciência e pelas máquinas de existência, saindo dos desencantamentos mundanos e lançando mão da esquizoanálise, a fim de criar novos territórios existenciais (Guattari, 2015).

Escapar da casualidade habitual poderá ser uma chance para o mundo e para as subjetividades. Entender a ontologia presente, mas compreender que os componentes ontológicos são heterogêneos e singularizantes é uma postura estética, que explora e navega pela pluralidade na construção de territórios existenciais. Tais territórios são criados e recriados a partir de metamodelizações transversalistas (Guattari, 2015). O que interessa para Guattari é que, atrás dos entes, não há um ser homogêneo, mas sim um de dimensões ontológicas heterogêneas e compreender tais heterogeneidades é uma forma de reinventar as relações consigo mesmo e, por consequência, com sua subjetividade.

A subjetividade, para Guattari (1990, 2015), coloca-se então como um fator, não superestrutural e dependente de casualidades materiais, mas sim como algo através do qual se constitui a existência humana, individual e coletiva. Tal existência se reconstitui em um processo permeado por relações de

interdependência entre indivíduos: crescimento, educação, bem-estar social e material, relações de valor etc. As relações com o meio tecnológico também possuem seu espaço, até porque a subjetividade não é só humana, mas igualmente maquínica. Produz-se, através das mídias, dos computadores e da linguagem. Pode-se dizer que "[...] la subjetividad es la materia prima de la espécie humana, lo que hace que haya vida individual, vida colectiva y vida a secas"[21] (Guattari, 2015, p. 253).

Para Guattari, não há fronteira entre homem, sociedade e *techné*, nem entre a apropriação do entorno e a constituição de novos territórios existenciais. A sociedade é um instrumento social, uma linguagem, e tal linguagem penetra o humano em sua individualidade singular. Dessa forma, não há delimitação clara e "límpida" entre o individual, o social e o inconsciente. Amar a diferença, o dissenso e o que isso representa é força para cada ser apropriar-se de algo essencial para si (Guattari, 2015).

Pode-se dizer que a subjetividade é o motor que reanima a singularização da existência, capaz de romper com o consumismo material e mental que dissocia o humano da natureza, seja ela geral ou sua própria. Assim, buscar novas formas de ser e agir, para além de uma "receita de bolo", passa por ingredientes próprios e singulares, capazes de trabalhar uma ecologia mental atenta à criação do novo, singular e próprio de cada existência. Eis aqui potências ecosóficas a serem encontradas, ressignificadas e construídas.

Socius

O registro ecológico do *socius*, para Guattari (1990), busca reconstruir relações interpessoais e também com os meios técnico-científicos, entendendo que estes podem, potencialmente, resolver problemáticas ecológicas emergentes, porém, convivem com "[...] a

[21] Tradução livre do autor: "[...] a subjetividade é a matéria-prima da espécie humana, o que significa que existe vida individual, vida coletiva e vida simplesmente" (Guattari, 2015, p. 253).

incapacidade das forças sociais organizadas e das formações subjetivas constituídas de se apropriar desses meios para torná-los operativos" (Guattari, 1990, p. 12). Dessa forma, organizar-se socialmente, a fim de apropriar-se das diferentes tecnologias a serviço da construção ecosófica passa por reorientações da militância dos diferentes grupos e da sua possibilidade de ressignificar técnicas, tecnologias e saberes para a atuação política ética-estética, sem cair na massificação que o Capitalismo Mundial Integrado (CMI) busca impor (Guattari, 1990, 2015).

A ecologia social aborda a reconstrução das relações humanas em todos os níveis, estando atenta ao fato de que o poder capitalista se espraiou, dominando a vida social, econômica e cultural em todo o planeta, entranhando-se inclusive no seio dos estratos inconscientes coletivos. Dessa forma, não é possível se opor a ele somente "de fora", através das práticas políticas e sindicais tradicionais. É urgente encarar seus efeitos no domínio da ecologia mental, na vida cotidiana, conjugal, doméstica, de vizinhança, de criação e de ética. Assim, apropriações dos meios e criação de ações sociais cada vez mais diversas tornam-se práticas pertinentes no registro ecológico social (Guattari, 1990). Se o que o CMI deseja é a uniformização, a ressingularização e a pluralidade de territórios existenciais combate-o através de ações micropolíticas que podem fugir do seu controle, abrindo brechas para o criar coletivo.

Segundo Guattari (1990, 2015), novas práticas microssociais e micropolíticas, envoltas por solidariedades e estéticas na formação do inconsciente são possibilidades a serem exercitadas. A heterogênese metodológica nas diferentes ecologias oferece possibilidades multifocais e sensíveis capazes de romper com a homogeneização tecnocrática existente em muitos contextos, inclusive no global. Torna-se pertinente, então, que se desenvolvam culturas particulares, "[...] inventando-se, ao mesmo tempo, outros contatos de cidadania. Convém fazer com que a singularidade, a exceção e a raridade funcionem junto com uma ordem estatal o menos pesada possível" (Guattari, 1990, p. 35).

A reconstrução das engrenagens sociais é necessária para fazer frente ao CMI e seus destroços. Tal reconstrução passa menos por reformas de leis, decretos, cúpulas e programas burocráticos do que pela produção e promoção de práticas inovadoras, capazes de disseminar experiências alternativas, as quais respeitem a singularidade no trabalho permanente de produção de subjetividade. Sendo assim, as comunidades humanas que, imersas nas tormentas dos problemas latentes, tendem a deixar nas mãos dos políticos profissionais a regência da organização social, podem criar espaços para ações micropolíticas novas, marginais, capazes de transcender o CMI e a padronização material e simbólica. Ou seja, a atuação ganha muito ao direcionar-se para a criação de novos territórios existenciais coletivos para ação na superação da crise ambiental (Guattari, 1990, 2015).

Guattari (1990, 2015) abre o leque analítico das questões sociais para a semiótica, a qual influencia as subjetividades e os territórios existenciais. Para ressignificar é preciso entender como o CMI se apropria da semiótica para agir. Segundo o autor, são quatro "tipos semióticos" apropriados pelo Capitalismo Monetário Internacional:

a) a semiótica econômica: instrumentos monetários, financeiros, contábeis e de previsão;

b) a semiótica jurídica: títulos de propriedade, legislações e regulamentações diversas;

c) as semióticas técnico-científicas: planos, diagramas, programas, estudos e investigações;

d) as semióticas de subjetivação, algumas das quais acabam de ser numeradas e se referem a outras (arquitetura, urbanismo, equipamentos coletivos etc.).

As semióticas apropriadas pelo CMI colocam em jogo os diferentes registros ecológicos, mas, como máquinas capitalistas, engendram grupos sociais no sistema constituído. Por isso, coloca-se como tarefa importante para os diferentes grupos e organizações, a reapropriação e a ressignificação semiótica do agir coletivo, usando para isso meios técnicos, científicos e tecnológicos na construção da ecosofia (Guattari, 1990, 2015).

Guattari (1990) propõe que a supremacia do Estado na construção de ações políticas, sociais e ambientais pode dar espaço para novas instituições, como fundações reconhecidas de utilidade social, por exemplo. Pode-se, então, flexibilizar e ampliar o financiamento do Terceiro Setor, mas, para isso ocorrer, é preciso disponibilizar meios que propiciem o avanço de empreendimentos individuais e coletivos. Entende-se que "[...] a noção de interesse coletivo deveria ser ampliada a empreendimentos que a curto prazo não trazem "proveito" a ninguém, mas a longo prazo são portadores de enriquecimento processual para o conjunto da humanidade [...]" (Guattari, 1990, p. 50-51). Além dos territórios, o agir coletivo também precisa de novos horizontes (de longo prazo e alcance).

Um problema central no *socius* é a coletividade entrar em outros paradigmas éticos e estéticos, ainda mais em um contexto no qual as tecnologias e as mídias tendem a tentar uniformizar o mundo através da propaganda. Sendo assim, as produções de subjetividade e socialidade, que dependem de sistemas de valores incorporais e semióticos, se situam na raiz de novos processos produtivos, que podem dialogar com a ecosofia, mas caso isso não ocorra, o risco de se seguir no "mais do mesmo" torna-se grande. É preciso valorizar o que transcende o econômico (Guattari, 2015).

Guattari (2015) propõe alianças entre diferentes ideologias, sendo essas utilizadas como ferramentas após serem ressignificadas. Tais ferramentas podem ser úteis na micropolítica, a qual tem a ver com o entorno dos grandes grupos, mas também com o que atravessa a vida individual, familiar e comunitária. Nas organizações sociais, é importante e potente pensar as disponibilidades reais, os rituais de acolhida ou de exclusão e marginalização, a língua que se usa, suas gírias e seus afetos para, então, conceber o território existencial coletivo, no qual o virtual torna-se ação potencialmente ecosófica.

Segundo Guattari (2015), o registro ecológico social também está permeado por modos de subjetivação, sendo eles: a) tradicional; b)

universalista; c) dual classista; d) mass-mediático; e) alternativo pós-midiático. O Quadro 3 traz as principais características desses modos.

Quadro 3: Modos de subjetivação para Guattari.

Modo de subjetivação	Caracterização
Tradicional	Se manifesta pelos fundamentalismos religiosos, políticos e pelas lutas de emancipação dos movimentos nacionais. É problemático, pois esses territórios existenciais se fecham sobre si mesmos, ou seja, ficam nos arcaísmos.
Universalista	Funda o *socius* sobre a razão e coloca um igualitarismo sobre todos os indivíduos. Unifica, unidimensionaliza e acaba, em muitos casos, mascarando as condições reais de alienação.
Dual classista	Parte da vontade de demarcar o oprimido e o opressor, mediante a promoção de uma identidade comum e das ideias de transformação social. Tende a repensar tudo em relação ao universo de valores que lhe é próprio.
Mass-mediático	Está sob o controle de agenciamentos produtivos cujos centros nervosos não coincidem de maneira sistemática com os poderes estatais, políticos e religiosos de antemão; neste caso, "a tecnologia faz a lei". Ela é incapaz de criar respostas singulares e tende a separar a humanidade em duas categorias: os indivíduos submetidos a ícones infantilizantes e as elites reduzidas que controlam os poderes efetivos, a partir de semióticas escriturais mais assistidas por computador, televisão, etc.
Alternativa pós-midiática	Resulta de práticas sociais e estéticas inovadoras, que representam uma autofundação subjetiva. Ela implica processos de ressingularização individual e coletiva, não operando com modelos reducionistas, mas sim a partir da forma produtiva de situações de dissenso. Esta subjetivação parte da invenção de outros modos de produção de leis e de normas, com costura de alianças com aspectos essenciais de outras subjetivações, a fim de reorientá-los na reconstituição de grandes pulsações históricas.

Fonte: Do autor, com base em Guattari (2015).

As subjetivações, embora distintas e com diferentes focos, não se excluem, ou seja, ao serem apropriadas e "misturadas", produzem virtualidades novas. Sendo assim, novas "doçuras" e

tolerâncias poderão formar organizações com objetivos múltiplos, adquirindo aspectos de movimento-partido-rede, para dar conta das demandas contemporâneas em suas complexidades. Trata-se de aberturas dos movimentos para virtualidades a serem tecidas no social e com o social em sua multivocalidade (Guattari, 2015).

Guattari (2015) tece duras críticas sobre o sindicalismo, principalmente o dirigista, que tende a ter um centro de poder e que navega pelo viés economicista. Para o autor, a "[...] valorización del trabajo y por tanto su remuneración salarial deben ampliarse a todas las dimensionaies existenciales de la actividad humana [...]"[22] (p. 318). Sendo assim, evidencia-se a necessidade de se inventar novas formas de compromisso que levem em conta novos horizontes políticos, as mutações tecnológicas e o questionamento do corpo, do tempo, da relação com o outro, da atividade criadora e da finitude, que para ele é como o cursor ético de toda prática autêntica (Guattari, 2015).

Para Guattari (2015), a ecologia social está imbricada com os meios de comunicação, assim como a individual. A proposta ecosófica entende que é preciso que se ultrapasse a era midiática e se adentre a era pós-midiática, que consiste em uma reapropriação individual/coletiva e um uso interativo das máquinas de informação, de comunicação, de inteligência, de arte e de cultura, visto que as novas tecnologias secretam tanto loucura como eficiência em seus movimentos (Guattari, 2015, p. 328).

Uma possibilidade importante para a ecologia social é o desenvolvimento de tecnologias e de meios de comunicação que sejam mais interativos e que se aproximem de novas estéticas, da arte criativa individual e coletiva. Além disso, questionamentos e participações coletivas na inovação midiática podem ser levados em conta e aplicados, pois os meios são construtores de subjetividade e sua gestão e aperfeiçoamento é assunto de todos:

[22] Tradução livre do autor: " [...] a valorização do trabalho e, portanto, seu salário deve ser estendido a todas as dimensões existenciais da atividade humana" (Guattari, 2015, p. 318).

associações, indivíduos, partidos, Estado. Tomar ou então criar espaços de democracia midiática e maquínica são potências para o *socius* ecosófico (Guattari, 2015).

As mudanças tecnológicas, cada vez mais velozes, demonstram que há uma necessidade de uma reinvenção da economia social que leve em conta vontades, espíritos e sensibilidades. Assim, se abrem novas formas de fazer e de ser, erguendo possibilidades inventivas em seus entrecruzamentos e retroalimentações (Guattari, 2015). É preciso lembrar aqui que Guattari morreu antes do advento da internet em nível global e da Inteligência Artificial.

Apropriar-se das mídias não é "se vender a elas", nem tampouco se distanciar totalmente. A fuga para usos heterogêneos, permeados por zonas de resistência contra a robotização social, abre espaço para fruição da subjetividade coletiva em ponto de reinvenção, de singularização própria de cada movimento. Esta prática pode oferecer uma ecosofia para a era pós-midiática, que seja criadora de territórios existenciais significantes e significativos para os mais diferentes grupos (Guattari, 2015).

Mais do que caminhos prontos, a ecologia social proposta por Guattari abre possibilidades para ecossistemas novos, capazes de gerar intensidades mutantes e constituições micropolíticas fortes, interligadas às demandas dos diferentes grupos e relacionadas ao globo. Caminhos prontos não são oferecidos por Guattari, mas ferramentas (simbólicas e materiais), traçados e cartografias estão disponíveis para, assim como o próprio pensamento do autor, sejam lugar para reinvenções e ressignificações do agir coletivo.

Meio Ambiente

Segundo Guattari (1990), a ecologia ambiental se configura como uma ecologia generalizada, a qual tem por finalidade descentrar, de forma radical, as lutas sociais e as maneiras de assumir a *psique*. A ecologia e suas conotações precisam distanciar-se das ideias de que seus partidários são apenas alguns "amantes

da natureza" ou um pequeno número de especialistas diplomados. Propõe-se, então, que ela leve em conta a "rentabilidade" social, os valores do desejo e a estética, afastando-se de economicismos. Desta forma, observa-se que o campo social e o campo mental estão intimamente ligados ao campo ambiental.

A natureza e a cultura não podem ser separadas, mas sim entendidas de forma transversal, através das interações entre ecossistemas e universos de referências sociais e individuais. Os conjuntos discursivos como os midiáticos, exemplificam, tendem a limitar bem seus objetos, enquanto a eco-lógica coloca-se como uma lógica das intensidades, levando em conta o movimento e os fluxos dos processos evolutivos (Guattari, 1990).

Segundo Guattari (1990), o princípio particular do registro ambiental é que tanto as piores catástrofes quanto as "melhores" evoluções flexíveis são possíveis, dependendo, cada vez mais, de intervenções humanas. A natureza, entendida muitas vezes como recurso a ser dominado pelo "progresso técnico-científico", coloca em jogo a elaboração de novas formas de agir individualmente e coletivamente para com o meio, utilizando para isso diferentes engajamentos heterogenéticos. Ou seja, a proposta da ecologia ambiental trata de "[...] reconquistar la mirada de la niñez y de la poesia em lugar de la óptica seca, ciega al sentido de la vida, del experto y del tecnocrata [...]"[23] (Guattari, 2015, p. 31).

As soluções para as problemáticas socioambientais, do ponto de vista ecosófico, logram ser debatidas pelos diferentes grupos, não apenas por cientistas. Inclusive, estes podem integrar-se cada vez mais a uma democracia internacional a ser construída. Sendo assim, ao pensar sobre uma democracia ecosófica, se investe em acordos consensuais, mas também em dissensos e polivalências das diferentes organizações. Uma das possibilidades para democratizar

[23] Tradução livre do autor: "[...] reconquistar o olhar da infância e da poesia em vez da ótica seca, cega ao sentido da vida, do especialista e do tecnocrata" (Guattari, 2015, p. 31).

o debate e pluralizar as vozes, para ele, é com a apropriação das tecnologias de comunicação (Guattari, 2015, p. 389).

Guattari (2015) afirma que, sem mudanças nas mentalidades e ingressos na era pós-midiática, a consciência sobre o meio ambiente e seus ecossistemas não durará; ao mesmo tempo, entende que a mudança do entorno social e material é preciso para que as mentalidades se alterem. Estaríamos, por assim dizer, na presença de um círculo que conduz à postulação da necessidade de uma ecosofia capaz de articular os diferentes registros ecológicos e de apropriar-se do que se tem à disposição para refundar territórios em processos retroalimentativos (Guattari, 2015, p. 379).

Um indivíduo é um coletivo em seus componentes heterogêneos. O autor interliga isso a territórios pessoais (o corpo, o eu) e a territórios coletivos (família, grupo, etnia). Antes de formar dicotomias ou oposições, é importante entender que estes territórios estão em um meio, fazem parte de um ambiente em constantes processos de transmutação, sendo assim, essa polifonia de agentes precisa trabalhar em "canções subjetivas", com toadas ecossistêmicas ainda por serem inventadas, mas que já se sabe, ocuparão espaço na ecologia ambiental (Guattari, 2015).

A realidade já não é uma e indivisível, mas sim múltipla, trabalhada por linhas de energia, de informação e de materiais, da vontade de erguer e de assumir novas aventuras maquínicas, sejam elas tecnológicas, sociais, teóricas ou estéticas. Assim, a ecosofia, em seu registro ambiental, se aventura por dimensões do presente e do futuro, levando a preocupação com a Terra e com a vida em diferentes escalas e tempos, entendendo que o porvir precisa considerar o que o atual ignora (Guattari, 2015).

Guattari (2015), em seu registro ambiental, busca trabalhar na construção de condutas elementares de ajuda mútua e de convivência, as quais encontram-se muito debilitadas, segundo ele. O sistema-Terra funciona como um sistema vivo/vivente, porém dois fatores estão desestabilizando tal sistema: o enorme impulso demográfico do terceiro mundo e o caráter incontrolado de desenvolvimento das técnicas da indústria e da economia que

gera extrema pobreza (Guattari, 2015). Ou seja, não há como distanciar os registros ecológicos, subjetivos e sociais dos registros ambientais, pois estes (os ambientais) terminam por perpassar os demais.

Espaços de criatividade nas inter-relações com o meio precisam ser criados, visto que a política e a economia tradicional (seus partidários também) não conseguem dar conta da problemática socioambiental. Faz-se necessário, então, uma ressingularização, uma refinalização dos sistemas de valores que coloque os âmbitos antes separados (da vida privada, da vida pública, da economia doméstica, do trabalho, do tempo livre, da natureza etc.) em diálogo e em construção contínua (Guattari, 2015).

A ecosofia, em sua ecologia ambiental (e no geral), pode ser vista como rizomática, ou seja, um processo diagramático em que uma arborescência se transforma em rizoma. O rizoma desfaz as redundâncias, como um sistema de conexões abertas, intensas e desformalizadas. Espraia-se, entrecruza linhas, transforma-se na relação consigo e com o meio. Sendo assim, os movimentos ecologistas políticos têm muito a ganhar se forem mais abertos, plurais e profundamente implantados na sociedade a partir de coletivos de base e de coletivos sensíveis, capazes de se "rizomatizar" (Guattari, 2015).

Ao se abordar problemas com sistemas humanos, depara-se com componentes sociais, políticos, morais e estéticos. A ecosofia nunca separa as dimensões materiais e axiológicas dos problemas considerados, sendo a temática ambiental vista como um ponto de ligação entre diferentes pautas e ações de diversos grupos sociais. Neste sentido, a múltipla pertinência e as alianças transversais, interinstitucionais e interorganizacionais são fortes para se pensar outras lógicas, multivalentes, com compromissos em diferentes níveis, espaços e sentidos (Guattari, 2015).

Preservar o meio ambiente, mas também reinventar as relações com ele tecidas são propostas potentes para a ecosofia. Vivenciar, compreender o fluxo e nele se alinhar, sendo fluxo ao mesmo tempo que o modifica, coloca o registro ambiental como o mais aberto dos três registros, capaz de congregar virtualidades

materiais e imateriais na construção de uma ecosofia plural e fértil na construção da vida.

Traços Gerais e Finos da Ecosofia de Guattari

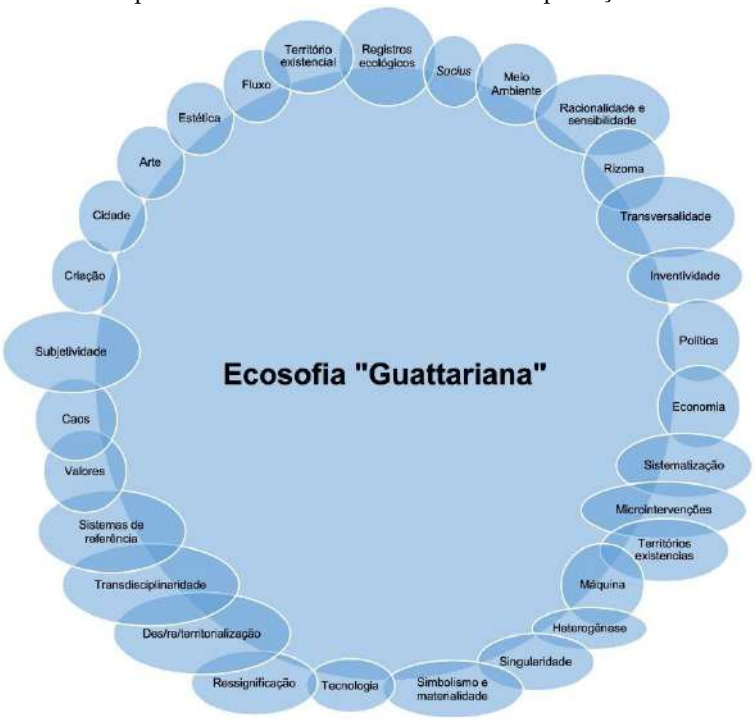
Para construir a ecosofia, Guattari (1990, 2015) "juntou peças de diferentes autores", fazendo seu andar "seminômade" por diferentes caminhos. Um viajante. Sendo assim, sua proposta de prática ecosófica relaciona política, arte, ecologia, economia e ciência em uma sorte de sabedoria contemplativa, aberta, polifônica e polissêmica (Guattari, 2015).

A ecosofia é plural e não tem contornos bem delimitados em Guattari, pois trabalha com ecossistemas múltiplos que perpassam as três ecologias e atuam nos ínterins da biosfera. Ela tenta um afastamento do conservadorismo autoritário, buscando assim abrir horizontes mutantes a partir de práticas baseadas em fluxos, máquinas (de todos os tipos), valores e territórios existenciais, tendo como pano de fundo a ressingularização e a reterritorialização das práticas humanas. Pode-se dizer que a ecosofia é transdisciplinar e transpessoal em sua gênese (Guattari, 2015).

Proteger as espécies físicas é importante, tanto quanto é importante proteger as espécies incorporais. A inventividade, a solidariedade e a fraternidade são exemplos de espécies em processo de extinção. Ao invés de pensar um ser-aqui, é mais pertinente pensar um horizonte de ontologias plurais, entendendo a práxis humana engendrada em universos que expõem modos de ser e fazer heterogêneos. Trata-se de ter responsabilidade com o porvir, considerando o ser-aqui, sem esquecer o ser por vir. A ecosofia não está posta apenas como sabedoria das relações inter-humanas, mas também das relações com o entorno, com os *filums* maquínicos, com os universos de sentido e com os territórios existenciais (Guattari, 2015).

Como tentativa de sistematização, sem, no entanto, buscar delimitar a ecosofia em Guattari, até por ser ela rizomática, o Esquema 2 traz as linhas mais fortes encontradas em seus escritos.

Esquema 2: A ecosofia de Guattari e suas pulsações.



Fonte: Do autor, com base em Guattari (1990, 1992, 2015)

A viagem pela ecosofia de Guattari demonstra que ela pode ser considerada uma "rompedora de barreiras" disciplinares, através da transdisciplinaridade constituída por diferentes fontes, registros e diálogos possíveis. Além disso, a barreira práxica moderna também é rompida, pois o autor engendra o simbólico e o subjetivo na prática individual, coletiva e ambiental, para então formar novos territórios, não mais físicos ou racionais somente, mas sim existenciais. Pode-se dizer que a ecosofia é uma *sofia* sobre a vida, visto que "fugir do eco" é impossível e todos os universos que compõem o humano são ou fazem parte da natureza. Sua complexidade e sua heterogeneidade justamente é o que faz a vida dançar, pulsar, inventar e se reinventar a cada estação e a cada registro que deixamos nela e que também se imprime em nós.

Estação 3: Maffesoli e a Sensibilidade Múltipla e Latente

Este subcapítulo viajará por Maffesoli (2010, 2021) e por alguns de seus escritos. O autor é doutor em Ciências Humanas e em Sociologia e considerado um dos maiores especialistas em pós-modernidade, atuando como professor da Universidade de Sorbonne (atualmente). Em sua ecosofia, Maffesoli busca um alcance profundo da nossa condição habitativa, tateando uma nova episteme capaz de nos orientar nos tempos tempestuosos e complexos da contemporaneidade (Di Felice, 2021). Dos autores encontrados e lidos para tratar da ecosofia, Michel Maffesoli é o único que está vivo no momento da escrita desse projeto, o que possibilita interlocuções distintas daquelas possíveis com Naess e Guattari.

A viagem aqui iniciada, longe de totalizar qualquer saber do autor, opta por deixar a pluralidade sensível se fazer presente, deixando emergir aquilo que é por si só, sem forçar "nada", ou seja, deixamos fluir o que se mostrou mais intenso na obra do autor e que se manifesta por meio da leitura deste autor-leitor. Portanto, assim como a ecosofia de Maffesoli, busca-se aqui uma apreciação de um caminhante que viaja, mas deixa o próprio caminho guiá-lo.

Logo de início, depreendemos da obra do autor que a dominação e a domesticação da natureza levaram o humano a concebê-la como algo inerte, objeto de uso e recurso para sua satisfação. Dessa forma, a vida da natureza se esvai e o mundo torna-se uma representação, desprovida de poesia, de magia e de encantamento. Um desencanto "mundano" advém do racionalismo, que domina a vida e busca desconectá-la do sensível e do seu potencial de transformação. Em contraponto, a mutação da vida é sua própria intensidade e condição de sua existência, colocando-se como possibilidade de reencantos (Maffesoli, 2010, 2021).

As revoltas não são mais apenas sociais, a terra-mãe também se rebela (eis as diferentes formas como se manifestam por meio da crise ambiental). A busca pelo domínio e pela separação do humano e da natureza cria artificialidades, como quando o

culturalismo se sobrepõe ao naturalismo, tentando extirpar toda a animalidade humana (Maffesoli, 2021).

A pós-modernidade (contemporaneidade) expõe, como consequência da artificialidade, uma saturação[24], a qual pressupõe a desestruturação de um corpo e a sua reestruturação com os mesmos elementos com os quais foi desconstruído, ou seja, naquilo que se destrói está a potência da reconstrução. Vida e morte interligam- se. Sendo assim, é na crise que a sua própria superação está para ser germinada (Maffesoli, 2010).

Economia, razão, indivíduo e progresso, enquanto pedras fundamentais do Ocidente, não dão conta da multiplicidade deste mundo mutante, por isso estão saturando-o. Torna-se pertinente pensar novas lógicas, mutantes e transmutantes, como a ecosofia, entendida enquanto lei dos irmãos e do convívio, pois ela é mais profícua do que as "leis dos pais" (como ele se refere ao contrato social e ao domínio estatal). Através do pacto de irmãos, de comum acordo, é que Gaia recuperará a honra, encontrando ali profunda força (Maffesoli, 2010).

Segundo Maffesoli (2010, 2021), é preciso descerrar os olhos ideologicamente. Romper com o dogmatismo e abrir-se ao vasto espaço dos pensamentos amplos. A crise ambiental, sendo anunciada como apocalipse, traz à tona o sentido da revelação de algo novo, como algo subterrâneo, oculto, que emerge. Para captar as emergências, é essencial estar atento à estética, à beleza do mundo e das coisas, pois "[...] a estética consiste em se enrodilhar nas pregas desta terra e não mais em violentá-la a qualquer preço [...]" (Maffesoli, 2010, p. 25). Ou seja, não faz sentido pensar "desesperadamente" em desenvolvimento, mas sim em envolvimento, convivência e irmandade.

A valorização do onírico, do lúdico e do imaginário emergem, neste cenário pintado por Maffesoli, como possibilidades diante do contexto hegemônico político, colocando em pauta "[...] o jogo das paixões, a importância das emoções, a pregnância dos sonhos como

[24] Maffesoli se inspira no sociólogo Sorokin para usar tal termo.

cimento coletivo [...]" (Maffesoli, 2010, p. 28). Trata-se de não domesticar e moralizar o ser, mas sim de se abrir caminho para a intensidade, para o hedonismo e para a contemplação da vida o ambiente, compreendendo que um mundo não é nem o céu e nem o inferno na terra, mas sim a terra na terra (Maffesoli, 2010).

Uma ideia latente em Maffesoli (2010) é a de tribos pós-modernas, as quais se caracterizam como grupos que se alinham sem necessariamente vincularem-se às instituições tradicionais. Tais tribos, diferentemente da modernidade, buscam "maquinar" menos os outros e a natureza. A pluralidade que elas trazem acaba por enriquecer o convívio, principalmente a partir da concepção de que a união pode ser realizada na convivência de valores opostos. Sendo assim, "[...] o ideal comunitário das tribos pós-modernas baseia-se no retorno de uma sólida e rizomática solidariedade orgânica" (Maffesoli, 2010, p. 39), a qual transita muito bem pela pós-modernidade, capaz de trazer sinergia entre o arcaico e o desenvolvimento tecnológico, executando as transmutações supracitadas (Maffesoli, 2010).

Quando o totalitarismo do progresso acaba por devastar o mundo e os espíritos, uma forma de superá-lo é buscando ideias fundadoras, dialogando com o saber popular e propondo uma invaginação do sentido, o que vem a ser um retorno à natureza essencial das coisas, aceitando o mundo por aquilo que é, segundo Maffesoli (2021).

A intensidade com que vivemos, seja de crise ou de criação, tem sua fonte no que é anterior. Recordar as raízes é condição para o pensar, para relembrar a comunhão estrutural do humano com a natureza e realizar a invaginação dos sentidos. Buscar no pagão, no instintivo e no selvagem o que constitui o ser, organismicamente, como os vivos e os mortos, a flora e a fauna, é tatear o impulso vital, vivendo a plenitude do natural (Maffesoli, 2010, 2021).

Para Maffesoli (2021), o discurso vazio e a verborragia enrijecida do cientificismo técnico e tecnicista não permitem apreender a vida em sua transformação. O pensamento autêntico busca o que está sendo gestado pelo mundo, de acordo com o espírito do tempo, visando encontrar origens e também originar

algo novo. O reencontro do humano com as origens e com a criação é possibilitador de uma "[...] Sabedoria imemorial que sabe reconhecer e viver concretamente a extraordinária generosidade da mãe natureza [...] que leva a perceber o encantamento, sempre e novamente atual, que é o mundo em sua eterna juventude" (Maffesoli, 2021, p. 29). Ou seja, rejuvenescer pode ser a práxis planetária e humana para "sair do labirinto da crise".

Numa cosmogonia em perpétuo devir, o ser humano é um elemento interno, não externo, solidário com o que se passa a montante de seus campos, diz o autor. Ele é parte integrante de um todo que o ultrapassa e o integra, porém, o mito do progresso levou à devastação do mundo e o saqueio ecológico é prova disso. Mas como reanimar e rejuvenescer ideias, corpos, ambientes e espíritos? Uma possibilidade que desponta no horizonte é o naturalismo, o qual se coloca como tema central dos debates contemporâneos, tateando assim entendimentos sobre os processos constituintes do humano no planeta, na vida (Maffesoli, 2021).

Segundo Maffesoli (2021), o naturalismo é o reconhecimento daquilo tudo que anima o social e o natural. É também o lado sombrio, obscuro, maldito. Tudo o que a vida social se dedicou a ultrapassar, se vê revigorado de modo surpreendente. O naturalismo (que possui selvageria e naturalidade ativa) concebe que a morte compõe a vida e o bem e o mal "andam juntos", são naturais. Todos possuímos estes elementos. Isso é selvagem, originário e "[...] é esse asselvejamento do mundo que o naturalista evoca. É justamente esse desafio que está lançado para a sabedoria ecosófica: como gerir essa ambivalência? Como pensar, em profundidade, a organicidade do mundo?" (Maffesoli, 2021, p. 125).

Ao buscar origens, criticar mitos do progresso da modernidade e vislumbrar possibilidades, Maffesoli trabalha com a ideia de uma sensibilidade ecológica e também com a construção da ecosofia. Explorar em profundidade estas propostas é adentrar caminhos sinuosos e movimentados, capazes de fazer surgir novidades do simples deixar ser e dos inesperados que sempre estiveram ali.

Sensibilidade Ecológica

Maffesoli (2010) propõe uma ordem da associação emocional entre humanos e outros seres do planeta. Unir a comunidade e deixar a natureza fazer-se presente são ingredientes essenciais para a sensibilidade ecológica, que se coloca como uma razão sensível e complexa, capaz de se enriquecer com a experiência "[...] de todos os sentidos, dos sentidos de todos [...]" (Maffesoli, 2010, p. 85).

A sensibilidade ecológica está vinculada à espontaneidade, ao tribalismo na ecologia do espírito, valorizando o nativo, as origens, o criativo e favorecendo novas formas de solidariedade e de generosidade. Trata-se de observar na estética do dia a dia as explosões de criatividade em pequenos hábitos, nas vestimentas, no corpo, no trabalho etc. Em cada um desses casos, o que se privilegia é um melhor estar existencial no qual a Mãe-Natureza desempenha um papel não negligenciável (Maffesoli, 2010).

Maffesoli (2010) advoga por um estar-junto, com o outro e com a natureza. Tal estado de espírito se torna possível através do lúdico, do onírico e do festivo. Renasce assim o corpo amoroso, valorizado, epifanizado, muito semelhante ao que era para as sociedades pré-modernas. Assim, retorna-se à matriz natural e a experiência pessoal torna-se imemorial para a espécie, sem forçar a natureza, mas sim se sujeitando a ela, num retorno a uma organicidade cósmica, "[...] em que uma pessoa qualquer só pode compreender-se em função de um conjunto mais vasto, onde tudo e todos se unificam [...]" (Maffesoli, 2010, p. 89).

A valorização da natureza é o denominador comum do reaparecimento das múltiplas tribos pós-modernas. Ecologia Profunda e religiosidade sincrética são exemplos de naturalidade corporal e espiritual. Esses e outros fenômenos que buscam reconexão do humano com a natureza são causa e efeito do sentimento de fazer parte, o qual se caracteriza por emoções sociais e pela intensificação da camaradagem ou da amizade (Maffesoli, 2010). Tal sentimento, em profundidade, significa "[...] que o outro faz parte do grupo porque, juntos, fazemos parte de

um território. Território real: o bairro, a cidade, a rua. Território simbólico: fazer parte comum do sexual, musical, esportiva, religiosa" (Maffesoli, 2010, 90).

O ritmo da vida, para o autor, é fluxo, fonte e movimento. "Fanfarrear" com a natureza é aceitação dos instintos, dos estratos, das *dobras* que constituem o vivente individual e coletivo, ou seja, é dançar a música, vivenciando-a em todos seus ritmos, acordes e instrumentos. Não se trata mais da história do tempo, do político e do social, mas sim do "destino", que traz o espaço, a ecologia, o pacto e a socialidade. A natureza é, neste sentido, o espaço vivido, experimentado, que merece respeito a fim de melhor ser, que não é mais sujeição (moderna), mas o deixar-ser o que já é naturalmente (Maffesoli, 2010).

Segundo Maffesoli (2010), deixar ser não é passividade, mas sim permitir o emergir da força vital interna que, de forma ainda oculta, está destinada a ser. É assim a emergência autopoiética, que inventa e faz "vir à luz" aquilo que se manifesta e a moralidade moderna nega. Trata-se de permitir a eclosão do que é simples, imediato e constitui a vida todo dia, sendo também profundo, pois põe em marcha todos os sentidos para interligar-se com a terra-mãe de maneira sensível. Fica evidente a necessidade de se ouvir o ruído orgânico no pensar, pois ele "[...] participa da palavra coletiva, do que é 'dito' na retórica da vida de todo dia [...] a palavra orgânica se dedica a unificar, reunir, sublinhar o que se entrepertence: a vida no que ela tem de holística" (Maffesoli, 2010, p. 98).

O orgânico, para o autor, emerge como uma necessidade de se tatear as múltiplas interatividades e ações-reações da realidade glocal, na qual o universal e o particular se enredam, formando um tipo de universo concreto que, em espiral, opera uma arte "barroca", recheada de entrelaçamentos e emoções entre o ser natural e o ser social (Maffesoli, 2010). Esta sensibilidade ecológica que opera, por assim dizer, no interstício glocal é ecosófica.

Segundo Maffesoli (2021), é preciso pensar a sensibilidade ecológica enquanto jogo entre passado, presente e futuro, levando em conta a comunhão estrutural com a natureza (organísmica), como uma forma de recordar nossas origens e projetar novas miradas. Para

o autor, é urgente o retorno ao essencial, à invaginação do sentido, posta como um retorno à natureza essencial das coisas, ou seja, "[...] o que está em jogo é uma forma de conformidade com o ser do mundo em sua realidade múltipla [...]" (Maffesoli, 2021, p. 15).

O que se chama de real (economia, política, mídia etc.) não passa de aparência. Apenas o real merece atenção e isso é a sensibilidade ecológica, a qual é a essência da ecosofia. Nesse sentido, observar a natureza das coisas e o retomar o que é selvagem é um fazer necessário para subverter lógicas, para se trabalhar com o holismo enquanto totalidade do ser, capaz de interligar a vida natural e a vida social. Sendo assim, as sementes do amanhã serão lançadas pelas mentes heterodoxas incapazes de se conformarem com o que é dominante. Estas mentes se encontram sedentas por beber na racionalidade sensível, no orgânico e na invaginação do sentido para fazer surgir o novo, deixando ser e estando junto (Maffesoli, 2021).

Quando o futuro predomina, ocorre o desencantamento do mundo, reflete o autor, assim, o gozo do presente é uma forma de reencantamento. Para gozar o presente é preciso explorar o terreno da indução, do que vem de baixo, do concreto, das raízes. Um pensamento que cresce com a vida, sempre em devir, em movimento. Vida que se estende ao sonho, à fantasia e às ilusões, que também fazem parte do real, em constante evolução (Maffesoli, 2021).

Segundo Maffesoli (2021), evolução, metamorfose, mutação, regressão e estagnação são faces que determinam a cosmogonia, capaz de reorientar a abordagem do ato de deixar ser, de estar junto, de vivenciar o cosmos orgânico que anima a vida: orgânica, passada, presente e futura, em devir. Pensar sobre a matéria orgânica trabalhada pela mente faz com que o intelecto volte a ser "orgânico'", ou seja, "[...] parte integrante dessa matéria e dessa mente que ele tem por vocação analisar. O observador, portanto, torna-se visionário" (Maffesoli, 2021, p. 34). Dessa forma, coloca-se como possibilidade pertinente o saber questionar, com audácia,

o que está ali, "ali no mundo", e depois oferecer aos demais o que se contemplou.

Os traçados feitos até aqui, demonstram múltiplas possibilidades da sensibilidade ecológica, capaz de reanimar a vida social por meio do reconhecimento da força vital que anima a vida natural. Tal força é a relação que interliga a comunidade e seu ambiente natural. Assim, colocar em relação os elementos do dado mundano, agindo com uma inteligência enraizada nas tradições ancestrais, é uma forma de reanimar o instinto das verdades antigas. Buscar inspirações nas sociedades tradicionais e estar atento ao que acontece aqui e agora, aceitando a natureza em sua essência de ser, se coloca como uma possibilidade de trajeto a ser percorrido com sensibilidade ecológica que coloca em prática uma ecosofia glocal, tribalista e inovadora (Maffesoli, 2021).

Segundo Maffesoli (2021), a sensibilidade ecológica é em si uma sensibilidade ecosófica, que valoriza o senso comum, sendo esse considerado como experiência coletiva, experiência da comunidade, mistura do tradicional e do natural. O real encontra-se, então, no jogo entre o micro e o macro, os quais compõem o cosmoteísmo, enquanto a comunidade é o meio, o ponto de ligação, o mesocosmo. Macro, micro e mesocosmo trabalham em conjunto na sensibilidade ecosófica, reanimando olhares e alteridades em relacionamentos orgânicos, mundanos, horizontais e comuns.

Ser sensível, para Maffesoli (2010, 2021), é compreender que não existe nada no intelecto que não tenha estado antes nos sentidos. Toda arte de viver é uma eterna lei da adaptação, com conflitos e confluências que constituem a natureza das coisas, como um Atlas grego que leva o fardo de uma criação em perpétuo devir. A sensibilidade ecosófica é a atmosfera de nosso tempo, dialogando assim com a integralidade de todos os elementos que constituem a animalidade humana e os processos criativos do viver.

A sensibilidade ecosófica é uma forma de empatia, paixão intensa e comum pelo espaço habitado, individualmente e comunitariamente. É uma sintonia com o território que rodeia, compartilhamento e aliança instintiva com os produtos deste

território e com os que o vivem em comum. É estar no tom, ou seja, ser um elemento ao lado dos outros, constituinte da complexidade ambivalente da terra-mãe (Maffesoli, 2021).

Respeitar a natureza é o cerne da sensibilidade ecosófica. Isso significa viver o aqui e o agora, o fluxo, o orgânico que compõe o humano, mais um entre outros elementos naturais do planeta. Esta forma de pensar torna presentes todas as potencialidades da terra-mãe, pois o humano "está dentro", junto com a natureza em composições múltiplas. Através do ser sensível ecosófico, o humano se aclimata e se harmoniza com os elementos. Criam-se afinidades com o mundo, na relação entre o mineral, o vegetal, o animal e o humano. Desta forma, a humanidade torna-se "planta", ecossistemicamente ligada à Terra e às suas naturezas de forma sensível (Maffesoli, 2021).

A carne é um componente essencial, vetor principal da sensibilidade ecosófica para o autor. Encarnar é adaptar-se à roupa, ajustar-se e habituar-se a ela. Roupa planetária, com seu tecido orgânico. Tais ajustes levam à criação da comunidade a partir do *habitus*, da lei orgânica baseada na interação entre a mente, a energia e a matéria. Residir em um lugar, significa, portanto, "trocar com" os outros de lugar, sejam eles minerais, vegetais ou animais, pois todos estes fazem desse lugar o que ele é. Ser carne é sentir-se natureza (Maffesoli, 2021).

Segundo Maffesoli (2021), a sensibilidade ecosófica dialoga com a razão discursiva, mas atribui grandes espaços aos sentidos e ao sensível. Assim, harmonia natural e harmonia social andam juntas, compondo tessituras complexas, capazes de ressignificar existências e de criar uma nova maneira de habitar o mundo material e espiritual, a qual pode ser chamada de ecosofia. Viajar pela ecosofia em Maffesoli é a próxima parada do percurso aqui empreendido.

A Ecosofia Arcaica e Sensível

A ecosofia vai além do esperar (fé, esperança, utopia, crenças etc.) e assume um papel de retorno ao natural. Ela consiste na "[...]

aceitação das voltas e desvios, dos labirintos e dos corredores mal iluminados de todos os cômodos sombrios e desordenados da casa (*oikos*) individual ou comunitária [...]" (Maffesoli, 2010, p. 63).

Para Maffesoli (2010), a ecosofia não sabe ainda nomear-se, teorizar-se, porém, se coloca na moradia, na alimentação, na vestimenta e na vida cotidiana. Nestes elementos, o corte padrão perde espaço e a subjetividade se capilariza nas práticas cotidianas, na conjunção do corpo e do espírito, intimamente mesclados. Desta forma, o materialismo e o misticismo não são opostos, e o hedonismo caracteriza-se como prática generosa, visto que a lógica da conjunção está na ordem do dia. Nas práticas da vida corrente que encontra-se o âmago da ecosofia, na vida mais vivida que pensada. Ela é sensível e tal sensibilidade prende-se, simplesmente, à presença das "coisas", à presença das "coisas" da vida.

Para Maffesoli (2010), a ecosofia trabalha com o lugar, interligando espaço, natureza e elementos que tornam visíveis a força invisível que liga e une uns aos outros. Por isso, a ecosofia possui origens no termo "casa", pois remete a um abrigo comum, onde se tem proteção e segurança. Trata-se então de se adaptar para o que der e vier no lugar que se habita. Vida e morte, tristeza e alegria, criação e destruição, essas e outras dicotomias se unem em universos complexos, que colocam em jogo a vida e o que há de mais natural nela, a ecosofia.

Ecosofia, para Maffesoli, tem a ver com a procura do essencial no inaparente das aparências, na vida cotidiana, nos prazeres "[...] pequenos e pouco importantes que constituem o terreno onde cresce o estar junto [...]" (Maffesoli, 2010, p. 43). Assim, ao invés de perder a vida tentando ganhá-la, a real potência é colocar em pauta a tônica da qualidade da existência através da criação, da sede do infinito, da aventura, da transmutação do ser. A ecosofia está além e aquém do progresso. É a sabedoria de antiga memória da casa comum, ou seja, da Terra (Maffesoli, 2021).

O pensamento holístico compõe a ecosofia e empenha-se no reconhecimento das necessárias e múltiplas inter-ações e ações-retroações da realidade. Para realizar tal exercício, é preciso

adentrar o terreno da geossociologia (sociologia das profundezas). A geossociologia é uma possibilidade ecosófica a ser exercitada, a fim de que o humano se transforme em um explorador do segredo da natureza das coisas, que através da visão holística concebe a teia que tece a vida em sua organicidade (Maffesoli, 2021).

Segundo Maffesoli (2021), na prática ecosófica a mente precisa "saber cheirar", aprender a captar e "parir" o que está sendo gestado. A postura radical, para o autor, é ir à raiz das coisas, percebendo sua germinação silenciosa, para entender sua floração, extraindo suas consequências, sejam boas ou ruins. Tal retorno às raízes coloca a ecosofia como "[...] o ângulo de ataque por excelência para compreender a atmosfera mental da época pós-moderna. Como o foi da pré-modernidade" (Maffesoli, 2021, p. 31).

Para Maffesoli (2021), a ecosofia se aproxima da evocação das interações entre pessoas em comunidades, pois, assim, a vida se desenvolve. Captar, compreender e deixar ser, tais interações colocam-se como elementos ecosóficos potentes. Além disso, tais integrações se dão pelo lugar que constrói o elo interpessoal, orgânico e comum.

A interdependência da natureza deve ser compreendida, entendendo-se que as palavras e as coisas se articulam de maneira harmoniosa, já que a união dos sentidos e da razão é possibilidade de aprender a complexidade do dado mundano. Desta forma, a heterodoxia é necessária e importante, principalmente para sentir o vibrar da consciência coletiva, numa perspectiva que ultrapassa as tradicionais dicotomias, vivendo-se assim o "enselvejamento do mundo" (Maffesoli, 2021).

A economia lida com o mundo que deve ser imaginado, simulado, enquanto a ecosofia se limita à sabedoria da casa, sabedoria de como habitá-la, compreendendo o ser humano como uma parte integrante do mundo, não separado dele. Enquanto integrante, o humano participa do mundo, enredado de forma mágica e mística, o que nas sociedades tradicionais era causa e efeito do respeito pelo ambiente mineral, vegetal e animal (Maffesoli, 2021).

A ecosofia de Maffesoli (2010, 2021) se baseia no *envelopementaliste*, se sustentando com o que a matriz natural oferece quando não a violentamos e respeitamos seu crescimento próprio. Em suma, "[...] só o cuidado com a estabilidade da natureza torna 'sustentável' o presente e o futuro da espécie humana" (Maffesoli, 2021, p. 107). Assim, diferente da ideosofia, a ecosofia vê o corpo, o instintivo, o desejo irreprimível, o instinto em si e para si, vivendo o agora em conjunto, amando cada componente e modo de ser. É o adequar-se o humano ao mundo, ao real, ao orgânico e ao vivido, ao mesmo tempo que imagina horizontes novos e vislumbra o deixar ser no fluxo constante e mutante que compõe a vida. Ecosofar é, então, ser orgânico e viver com, estar junto, compor.

Maffesoli afirma que a ecosofia não é capaz de nomear-se, mas as pistas deixadas pelo autor demonstram que ela pode ser captada, elaborada e construída, mesmo que de forma multirreferenciada e plurifocalizada. Como uma sabedoria da casa, a ecosofia pode ser habitada por humanos e não humanos em seus diversos cômodos e pode passar por reformas na busca por estes primordiais modos de estar com e deixar ser.

Algumas das Múltiplas Faces Ecosóficas em Maffesoli

A ecosofia é uma filosofia de múltiplas faces e relações. Segundo Maffesoli (2021), o ciberespaço pode fornecer elementos capazes de contribuir para um reencantamento do mundo, denotando que este está em gestação, um novo está a nascer. A tecnologia por si só não basta para reencantar o mundo, mas o espaço *ciber*, composto por humanos, comunidades e tecnologias, é capaz de gestar novas formas de pensar e ser no mundo (Maffesoli, 2021).

Outra face ecosófica é a atuação política, através da Ecologia Profunda e de um relacionamento com os diversos elementos da mãe natureza, considerando-a com respeito e garantindo assim a proteção, tanto da espécie como de seu suporte. O corpo, os sentidos e a estética colocam-se em e no jogo, fazendo florescer novos ares, de uma atmosfera que produz ondas de calor e de frio que se entrecruzam,

movimentam-se e espalham-se, gestando climas propícios para a inventividade humana orgânica (Maffesoli, 2021).

Maffesoli (2021), sugere uma nova atmosfera de pensamento e de ação, a noosfera global, a qual pode ser concebida como "[...] uma circulação geral de ideias que só pode ocorrer porque as emoções e os diferentes afetos participam do ato de conhecimento. O que resulta na antiga paixão interpessoal pela sabedoria" (Maffesoli, 2021, p. 75). Sabedoria que é essencialmente coletiva e não individual, a seu ver.

Em suas faces, a ecosofia de Maffesoli dialoga com a progressividade, a qual consiste em aceitar ser quem somos a partir do outro. A progressividade entende que as raízes são importantes para toda e qualquer criação humana, a qual só pode ser "[...] compreendida a partir do respeito, do comedimento e da moderação que devemos ao macrocosmo (natureza) em que o microcosmo individual está inserido" (Maffesoli, 2021, p. 140).

Maffesoli (2021) afirma que o que está em jogo na progressividade é a amplitude de seu espectro, pois ela não reduz a realidade à economia, à política ou à sociedade, mas compreende o real mais amplo, dentro da união em que a pluralidade e a diversidade possuem seus lugares. As faces levam a repensar paradigmas, buscando na complexidade vivente alternativas para a vida.

O paradigma alternativo, para Maffesoli (2021), é a "abialidade", a qual parte da progressividade, entendendo que é a partir da comunidade que a pessoa se realiza como o outro da natureza. Tal paradigma permite um crescimento harmonioso, que aceita o destino, reconhece que existe uma necessidade própria à alteridade e que ela não pode ser restritiva e nem negada. Seja de forma militante ou na multiplicidade de práticas cotidianas, o paradigma ecosófico (perpassado pela "abialidade/alteridade") está em gestação, expondo-se como aquele que tem um outro relacionamento com a terra-mãe (convivência e cumplicidade). Amar o mundo e o que ele é deixando ele ser, coloca-se como cerne da ecosofia (Maffesoli, 2010, 2021). Maffesoli (2021), em mais uma faceta ecosófica, lança mão do sacral, que consiste em "ir até a fonte", na direção do ponto originário no qual

ocorre a existência humana, talvez, todo o dado natural. Ele é parte dessa participação mágica, que faz com que sejamos outros (pertencimento tribal) e coisas (natureza, enquanto parte integrante). É isso que o sacral ressalta: a divindade integral que repousa no movimento perpétuo da força própria do relacionismo. É isso que a sensibilidade ecosófica está redescobrindo e revisitando, influenciando, assim, a emergência da ecosofia.

A vida traz em si "unidiversidade" (outra faceta ecosófica), a qual se origina em culturas enraizadas em sua especificidade e adequadas a *posteriori* às outras. O instinto, as paixões e os diferentes afetos também têm direito à palavra nesse "unidiverso". Neste contexto, a glocalização (global e local interligados e atuantes), exprime a ação-retroação, que dá um sentido ao ser como infinitivo substantivado com um aspecto abrangente, pois põe em contato os diversos elementos do dado mundano, do selvagem, dos diferentes tempos, do micro, do macro e do mesocosmo (Maffesoli, 2021).

A visão "unidiversa" ecosófica desemboca na qualidade de vida proposta por Maffesoli (2021) que, diferentemente de ideias economicistas, consiste em alcançar uma mente e uma alma tranquilas. A preocupação centra-se no qualitativo hedônico. A mudança imposta pelo paradigma ecosófico é profunda e subterrânea, pois envolve os sentidos, o culto ao corpo, o delírio dos afetos e concede importância ao emocional (Maffesoli, 2021).

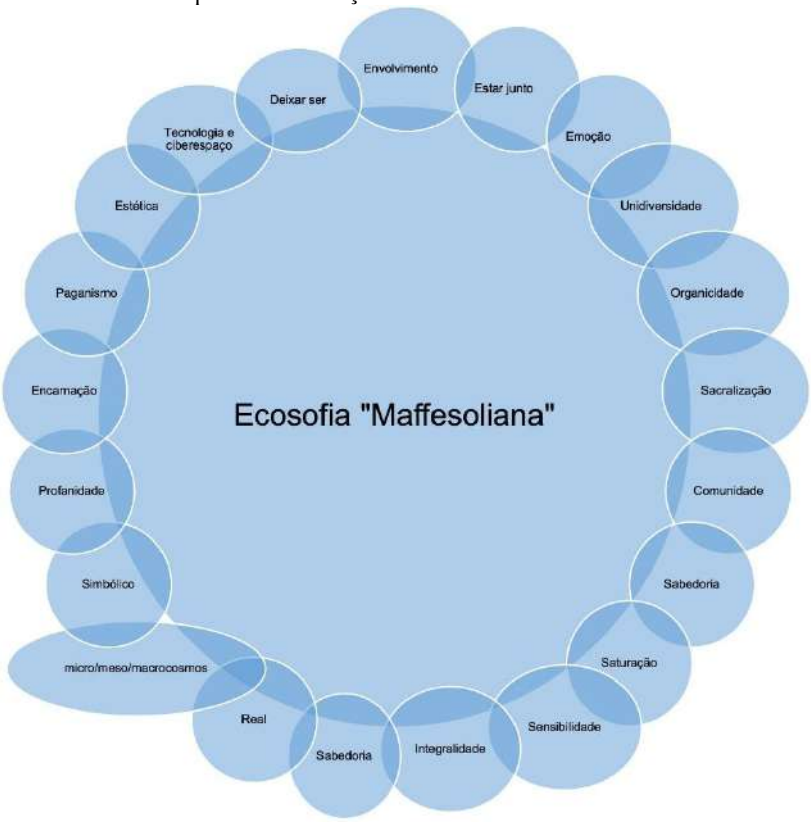
A ecosofia, em sua unidiversidade, ainda busca uma regeneração, com uma visão mais aberta e mais complexa do mundo. O holismo, juntamente com o policausalismo e com o método heterodoxo, neste sentido, são compositores ecosóficos a serem cada vez mais explorados. O papel do emocional é valorizado, pois constrói uma atmosfera mental na qual os afetos contaminam o espaço público, abraçando o hedonismo e o corporeísmo latente, como uma maneira de viver, diariamente, o *corpo da ressurreição*, corpo comunitário e global, constituição da sabedoria da casa comum (Maffesoli, 2021).

Cultuar o considerado profano, dialogar com o heterogêneo, criar campos de saberes diversos e ao mesmo tempo comuns e

colocar em jogo a adequação humana ao que lhe é próprio, ou seja, à natureza, colocam-se como traços gerais da ecosofia para Michel Maffesoli. Sua complexidade reside no entrelaçamento entre tempos e espaços, calcados fortemente na arte da convivência, do ser em conjunto e do deixar ser, viver junto, conviver e confluir organicamente com o mundo, com Gaia. Ser e fazer ecosofia pode ser, então, simplesmente aceitar o fluxo e com ele "dançar".

A tentativa de síntese da ecosofia em Maffesoli se dá no Esquema 3, porém, tem-se clareza de que tal esquema é incompleto e atenta apenas para o que de mais pulsante se observou nas ideias do autor nesta pesquisa.

Esquema 3: Pulsações ecosóficas de Maffesoli.



Fonte: Do autor, com base em Maffesoli (2010, 2015).

Observa-se que a ecosofia "maffesoliana" é móvel, mutante, transacional e transitiva. Ela dialoga com a incerteza e com a impermanência, usando a sensibilidade como forma de observar e ser mundo, aceitando a natureza e o real em todas as suas instâncias. Ao aceitar a natureza "selvagem" humana, não se nega a novidade, pois essa vem da busca das raízes, do que constitui e do que alimenta, seja de forma bruta ou elaborada, o humano, o micro, o meso e o macrocosmos. Tal ecosofia concebe diferentes miradas em seu constituir e na sua unidiversidade, projetando outras formas de habitar o planeta a partir do que já é. Pode-se dizer que a estação de Maffesoli demonstrou uma gama forte de possibilidades e até mesmo da própria construção conceitual da ecosofia, interligada à prática.

Cada estação desta viagem trouxe elementos potentes, diversidade e confluências, reforçando a possibilidade inventiva e ressignificadora que está presente na ecosofia. A seguir, busca-se navegar entre as ecosofias dos autores centrais.

Navegações Interecosóficas

A heterodoxia, teórica e prática, dá o "tom" da ecosofia, pois cada autor a seu modo pensa-a em sua singularidade. Este subcapítulo busca, então, observar os pontos diversos, mas não ambíguos da ecosofia em cada um dos autores já explorados e, também, as confluências encontradas, focando especialmente nestas, principalmente devido à pertinência do atuar em conjunto que elas trazem, tanto no pensar quanto no fazer científico.

Naess (2010, 2018), busca estruturação, organização e sistematização da ecosofia, colocando-a como uma prática do ser que reage às condições que encontra, aos acontecimentos da vida. O autor a entende como uma retroalimentadora da Ecologia Profunda, atuando a partir do indivíduo inserido na comunidade. Sua ecosofia é possuidora de tons pessoais, sistematizações únicas e modos de ser para agir de acordo com a realidade vivenciada,

buscando, sempre, o equilíbrio e a harmonia com o ambiente, respeitando profundamente a natureza, seus ritmos e seus fluxos.

Para Guattari (1990, 2015) a ecosofia é multifacetada, preocupada com a ética, com a política e com a estética, envolta em registros ecológicos na busca de novos territórios existenciais. Não há uma tentativa de sistematização, tampouco de hierarquização ou mesmo normatização. A ecosofia em Guattari é trânsito, transpessoal, vinculada à singularidade e ao uso das máquinas, do caos e de diferentes universos de referência para criar virtualidades capazes de serem materializadas. Desta forma, a ecosofia se enreda com múltiplas ecologias em busca da recriação singular da existência equilibrada com o meio ambiente.

Maffesoli (2010, 2021) tem uma proposta ecosófica que busca uma relação com o orgânico, o arcaico e o autóctone. O selvagem hedônico é valorizado e dá espaço à invaginação dos sentidos, à dança das emoções e às potências do devir humano natural. A ecosofia em Maffesoli aceita a vida e a morte, transitando em tribos e operando em comunidades como uma forma de reinventar relações entre indivíduos, grupos e meios. Sensibilidade e organicidade dão o tom de uma ecosofia em gestação, capaz de germinar novos habitares mundanos.

Os autores tomados aqui como base confluem em diversos pontos e demonstram que a história da ecosofia é diversa, ampla, profunda e interconectada, até mesmo quando não se tem esta intenção. Notam-se confluências diversas e o mapeamento realizado até aqui não deve causar maresias, mas sim ondas de agitação, de mudança e de transformação das marés, pois a crise ambiental força a humanidade a se tornar boa marinheira; do contrário, o naufrágio torna-se apenas questão de tempo.

O mapeamento conceitual da ecosofia demonstra que ela é transversal e transdisciplinar, capaz de romper "verdades", cientificismos e tecnocracismos em busca de novas realidades. Ela envolve o indivíduo, a comunidade e o globo, colocando-se como prática singular, calcada na complexidade, no ecocentrismo, na cooperação, na diversidade e na conexão profunda do humano com

a natureza. Longe de dogmatismos, a ecosofia propõe posturas abertas ao ser inventivo, à imaginação criadora e à tecelagem de novos tecidos individuais, coletivos e ambientais.

A ecosofia propõe uma prática especulativa, ética, estética, política, econômica e ambiental, que conjura técnicas e tecnologias na ressignificação da existência humana no planeta. Os fluxos e as intensidades vitais ganham vazão e o envolvimento dos diferentes agentes potencializa uma sabedoria que, ao ser compartilhada, descentralizada e diversa, reconstrói relações perdidas e tece novas. Pode-se dizer que refundações constantes são propostas e as possibilidades para tais são muitas.

A partir dos traçados feitos até aqui e da contribuição de diferentes autores e escolas de pensamento, propõe-se a construção de uma ecosofia artesanal para o campo das Ciências Ambientais. O ponto de partida são autores e diversos conceitos que desembocam em linhas epistemológicas ecosóficas. O que vem a seguir consiste em artesanato, não sendo receita pronta, tampouco replicação, mas criação.

PARTE 2

UMA ECOSOFIA ARTESANAL PARA AS CIÊNCIAS AMBIENTAIS

A proposição deste capítulo é ampliar horizontes ecosóficos por meio de releituras, reflexões e sistematizações que partem de teóricos e pesquisadores que abordam temas relacionados à ecosofia. O termo artesanal é empregado aqui como uma forma de fazer ciência que atenta para quem faz e como se faz, entendendo que cada processo é único e tecido pelo artesão-cientista. Com base neste preceito e mesmo que muitos autores não tratem diretamente da temática ecosófica nos tópicos explorados a seguir, realiza-se aqui uma bricolagem com outras possibilidades que enriqueçam e façam acontecer o debate sobre o tema, sua aplicação e a inovação nas Ciências Ambientais.

O trajeto foi composto por um olhar para o panorama atual, que traz temas emergentes dos quais as Ciências Ambientais não podem se colocar à margem. Observamos onde estamos e os indicativos para onde vamos, propondo, por fim, linhas transversais para uma epistemologia ecosófica nas Ciências Ambientais. Imagine que nossa caminhada inicia por Gaia, perpassa tempo, espaço, lugar, território, técnica e tecnologia, adentrando a eletrificação dessas relações entre humano e o meio a partir do ciberespaço e do ciborgue, chegando até o Antropoceno. Eis algumas características do lugar onde estamos, porém, a proposta é repensar futuros; sendo assim, ao se abordar sobre para onde se deseja ir, abordam-se possíveis decrescimentos, decolonialidades, visões ecossistêmicas e o bem viver, para propor, como síntese do pensamento desenvolvido, linhas transversais para uma epistemologia ecosófica nas Ciências Ambientais.

Antes de iniciar nossa caminhada pelas perspectivas ecosóficas exploradas, é essencial compreender que todo trajeto

realizado a partir de agora parte de uma antropofagia conceitual e de saberes, conforme propõe Barcelos (2013). Ou seja, trata-se de uma interação devorativa daquilo que outros sabem para constituir um saber próprio e compartilhado. O convite a partir de agora é para se deixar levar pela viagem por autores, paisagens e espaços que fornecem elementos pertinentes para a movimentação ecosófica inventiva nas Ciências Ambientais.

Afinal, Onde Estamos?

Terra para o pé, firmeza Terra para a mão, carícia
Terra... Caetano Veloso

O início da nossa caminhada pede ao caminhante a abertura epistêmica na compreensão de que habitamos um planeta vivo, que pulsa e transforma-se constantemente em interação com os seres que o compõem. Tal pressuposição vem dos gregos e com Lovelock e Margulis (2022), ganha espaço com a chamada "teoria de Gaia", segundo a qual, desde o seu surgimento, a vida age para modificar seu ambiente. Gaia é, então, o planeta enquanto um sistema dinâmico, que parte do intuitivo em sua autorregulação e autoprodução (Lovelock, 2006, 2022).

Conforme Lovelock (2006), em um sentido físico-químico, pode-se entender Gaia como um invólucro esférico fino de matéria, que cerca o interior incandescente do planeta. Inicia com o encontro das rochas, cristais e o magma, passando pelos oceanos e continentes, adentrando a atmosfera e terminando na fronteira com o espaço. Inclui-se também a biosfera, que é um sistema fisiológico dinâmico, o qual mantém o planeta apto à vida há mais de 3 bilhões de anos. Pode-se compreender que há nesta proposta um objetivo inconsciente de regular o clima e a química em um estado confortável para a vida, sem objetivos como pontos fixos, mas ajustáveis a qualquer "[...] meio ambiente atual e adaptáveis às formas de vida que mantenha. Temos de pensar em Gaia como o sistema de partes animadas e inanimadas [...]" (Lovelock, 2006, p. 27).

Gaia é entendida como um planeta vivo, capaz de unir as diferentes proposta evolutiva. Sua história pode ser vista como a interdependência da evolução da vida e dos ambientes físicos, ou seja, ela ocorre em nichos e os organismos participam da modificação mútua com o mundo, criando essa dança ecossistêmica que caracteriza nosso planeta (Lovelock, 2006; Margulis, 2006; Lutzenberger, 1990).

Segundo Lutzenberger (1990), os seres vivos formam a orquestra que toca a sinfonia da vida envolta em um ambiente complexo. A vida não regula somente a si em um nível molecular, de tecido, de órgão ou de população, "[...] ela se autorregula em nível de ecosfera, de Gaia, mantendo regulado seu próprio clima, seus sistemas hídricos e os grandes ciclos materiais" (Lutzenberger, 1990, p. 85).

O Planeta Terra é um ser vivo, com identidade própria e o único da sua espécie que conhecemos atualmente. Sua ecosfera pode ser entendida como o conjunto e a interação de todos os ecossistemas, entre si e com o mundo mineral, por isso, apenas uma visão sistêmica e sinfônica poderá nos aproximar de uma compreensão do quão único e belo é este planeta vivo, concebido como Gaia (Lutzenberger, 1990).

Para compreender plenamente o conceito de Gaia, é necessário utilizar a intuição, visto que "[...] a vida, o universo, a consciência, e mesmo coisas mais simples, como andar de bicicleta, são inexplicáveis em palavras [...]" (Lovelock, 2022, p. 20). Pode-se então compreender que "[...] A teoria de Gaia é um *inventor* falando da *invenção* que é difícil de descrever" (Latour, 2020, p. 214). Para Latour (2020), ao buscar uma compreensão de Gaia é pertinente falar mais em ondas de ação do que em cadeias de fatos adaptativos de um dos envolvidos, ou seja, quando algo muda ou altera sua forma, seu "vizinho" (animal, mineral ou vegetal) também se altera, criando assim fluxos retroalimentativos intensos e caóticos na criação da vida.

Com e em Gaia, obtém-se oportunidades, acasos, ruídos e espirais de retroalimentação, que tricotam a história. Nesse sentido,

a vida e o clima são formados em um histórico de conexões recíprocas que interferem umas nas outras, evoluindo juntas, interferindo-se mutuamente, criando ordens e não hierarquias, as quais são refeitas através dos fluxos que pulsam e constroem nosso planeta (Latour, 2020).

Os fluxos de vida constitutivos do planeta não são sempre coerentes ou lógicos. Gaia, para os gregos, era uma deusa que poderia devorar seus filhos, colocando vida e morte como processos de um mesmo ser. A complexidade que envolve o ciclo de vida e a constituição do planeta, possibilita entendimentos que extrapolam o imaginável e a racionalidade, adentrando assim no terreno da intuição e da dedução, o qual também é um dos territórios nos quais Gaia transita em seu movimento de constituir-se (Bateson, 1990; Lovelock, 1990).

Não é viável e tampouco interessante compreender Gaia como um superorganismo, pois ela não é uma máquina cibernética controlada por ciclos de retroalimentação, mas sim por uma série de acontecimentos históricos com suas interinfluências (Lovelock, 2006; Latour, 2020). Ela consagra-se como "[...] as consequências entrelaçadas e imprevisíveis das potências de agir, cada uma das quais persegue o próprio interesse modificando o próprio ambiente" (Latour, 2020, p. 228).

As potências de ação, o agir intuitivo e a singularidade são características de Gaia que fortalecem a ecosofia, ao passo que pensar e agir ecosoficamente é compreender os fluxos interconectivos disponíveis e dispostos no planeta para construir territórios existenciais conectados com o meio. Se a ideia ecosófica é construir uma sabedoria comum da casa (Naess, 2018; Maffesoli, 2010, 2021), é com Gaia que precisamos conviver, "cavar", molhar, semear, colher e construir saberes complexos e conectados com a essência da morada e dos moradores.

Para Lovelock (2006), poderíamos fazer de Gaia uma crença instintiva, expondo nossas crianças ao mundo natural, contando porque ele é assim caracterizado e demonstrando que elas pertencem a esse mundo. Tal atitude pode fortalecer a criação de

"[...] uma sensação intuitiva, um instinto, que diga quando é que Gaia corre perigo" (LOVELOCK, 2006, p. 130). O perigo em Gaia e para a humanidade encontra-se no modo de vida por nós adotado, voltado ao consumo do mundo e não à sua apreciação.

Mas afinal, por que Gaia como a conhecemos corre perigo? É possível afirmar que isso ocorre pelo uso excessivo de técnicas puramente mercadológicas e racionais modernas para fazer ciência e produzir o mundo capitalista no qual habitamos, visto que isso acaba por consumir o mundo ao invés de vivê-lo. Neste sentido, é preciso compreender que "[...] os ecossistemas naturais da Terra não existem para serem transformados em terra cultivável, mas para conservar o clima e a química do planeta" (Lovelock, 2006, p. 24).

Segundo Lovelock (2006), ao abraçar o modo capitalista e mercadológico de vida, colocamos em risco a civilização humana e declaramos guerra à Gaia. Sabemos que ela se regula e que provavelmente se auto-organizará caso a gente não cuide. O entendimento conceitual do planeta Terra enquanto Gaia precisa adentrar o terreno prático da vida, pois torna-se necessário compreender que, das bactérias às baleias ou aos mamíferos, nós fazemos parte da entidade maior e mais diversa, a Terra viva. A sensibilidade ecológica proposta por Maffesoli (2021) como ecosofia, logra espaço neste sentido e converge com o pensamento que "[...] precisamos acima de tudo renovar aquele amor e empatia pela natureza que perdemos quando começamos nosso namoro com a vida urbana [...]" (Lovelock, 2006, p. 21).

A compreensão de Gaia e dos nossos papéis nela é um problema epistemológico, até porque ela é composta pelas "[...] consequências entrelaçadas e imprevisíveis das potências de agir, cada uma das quais persegue o próprio interesse manipulando o próprio ambiente" (Latour, 2020, p. 228). Segundo Varela (1990), a dicotomia entre sociedade e natureza é problemática, pois recorta a realidade e dificulta o entendimento complexo das estruturas e dos fluxos que se interligam, os quais, para serem conhecidos, respeitados e compreendidos pressupõem compreender que o

conhecimento e o seu universo são tão inseparáveis quanto a percepção e a ação.

A ecosofia pode adentrar nesse interím, pois ao perceber o planeta como um ser vivente e o humano como um outro componente que age neste planeta com base na eco-relacionalidade e no biocentrismo, aproxima dicotomias, cria fluxos e redescobre interconexões suprimidas, criando avanços epistemológicos na busca por compreensão do processo humano do viver. O movimento ecosófico epistemológico conflui com Maturana (1990), o qual entende que todos nós somos resultados de processos históricos com o meio e adequar-se a ele é, então, passar pelo crivo da vida.

A tomada de consciência das ações humanas no planeta é pertinente, mas, para além disso, emerge a necessidade de se contar com um futuro desconhecido, capaz de trazer inovações, o que caminha pelo terreno das incertezas. Esta abertura não esvazia de sentido a racionalidade, mas a multiplica, pois o humano torna-se então responsável pela experiência de coisas novas, de uma realidade criativa capaz de produzir novidades. Pode-se conceber que é na junção entre o consciente e racional e o inconsciente e irracional que o tempo faz sua dança criativa, explorando o acaso, a autonomia e os fluxos autorganizativos mundanos (Maturana, 1990).

A ecosofia é uma das possibilidades sinfônicas da dança inovadora do tempo, pois concebe que nossas obrigações como seres humanos não são apenas com nós mesmos, mas com toda Gaia. Assim, ela torna-se muito relevante neste aspecto, pois conforme sugere Todd (1990), é importante alterar a ordem de nossos valores e pensar no solo e nas árvores como companheiros, pois assim se ressignifica a economia e o modo como concebemos a vida e o processo do viver.

Gaia possui uma composição múltipla, perpassada por tempos, espaços, lugares, territórios e fronteiras diversas.

Enquanto compositor de destinos[25], o tempo e sua transitoriedade conferem caracteres importantes para Gaia e para a ecosofia, os quais são tratados na sequência.

Tempo e Transitoriedade

O tempo é uma categoria opaca e ao mesmo tempo visível, pois passa por todos os seres. Estas características tornam árdua a tarefa de conceitualizá-lo com exatidão. Quando se fala em tempo, geralmente se entende como aquele que é histórico ou cronológico, marcado pela divisão de tarefas e funções. Mas existem outros tempos que perpassam a história humana e o universo.

Tuan (2011) observa diferentes tipos de tempo: o astronômico, que é experimentado como ciclo e ligado à repetição; o cosmogônico, integrado às origens e às forças da natureza e suas residências; o cíclico, utilizado principalmente pelos gregos e seus mitos; o hebraico, com sua linearidade, o qual basicamente constitui a modernidade ocidental e a ideia de progresso, ou seja, há uma pluralidade em tal categoria.

Um tipo de tempo que merece atenção especial é o biológico, que se caracteriza como rítmico e que extrapola o conhecimento consciente. Nesse caso, tem-se no viver comum de cada instante, eventos que são concomitantes e que criam eixos de coexistência. Este tempo traz a interdependência de objetos, espaços, lugares e seres vivos que o compõem (Tuan, 2011). Diferentemente do tempo mercantilizado, o biológico fornece uma visão sistêmica e complexa do habitar individual e social do planeta, aproximando-se da perspectiva ecosófica e eco-relacional.

O tempo biológico intensifica a ecosofia, pois concebe que os eventos podem ser observados como teia que os compõem, coexistências de objetos, valores, indivíduos e grupos. Fluxos em

[25] Inspiração retirada da canção de Caetano Veloso, chamada de *Oração ao tempo.* A música está disponível no seguinte link: https://www.youtube.com/watch?v=HQa p2igIhxA&pp=ygUWdGVtcG8gLSBjYWV0YW5vIHZlbG9zbw%3D%3D.

diferentes velocidades ocorrem e, no que tange ao humano, é dentro deles e das associações possíveis com o mundo que os cerca que o tempo flui e perpassa a existência (Tuan, 2011).

O tempo pode então ser separado, repartido, "controlado" ou dimensionado, porém, apenas em sua visão cronológica. Assim como o mito grego, talvez seja hora de repensar este domínio de *cronos* sobre as lógicas e os processos do viver, dando espaço para outros guias do trajeto temporal do habitar humano.

O combate à supremacia de *cronos*, o qual elimina seus filhos (a criatividade, o ócio, o novo e o inventivo) pode partir da ecosofia, afinal ela se coloca como uma possibilidade de interligar os diferentes tempos, entendendo sua coexistência e transitando entre eles, seja a partir da "hora/relógio", dos mitos cotidianos, dos olhares cósmicos ou da repetição cíclica da vida. Nesse sentido, a transitoriedade ganha relevância, pois ao fluir e ser multifocal, o tempo abre possibilidades práxicas intra e inter-relacionais com o meio e com o mundo.

A transição aqui proposta entende que há momentos de organizar o tempo, gerando pontos de fixação a partir dos quais pode-se olhar astros, relógios, ciclos e elementos, mas também que é possível lançar o ser em um movimento multitemporal. Tal movimento aproxima-se e expande a proposta de Rüsen (2001) da consciência histórica, que interliga passado, presente e futuro, pois bebe de tal fonte, mas compreende que o passado enquanto constituição e o futuro enquanto projeção são constituintes de um presente que vibra na coexistência temporal constante. Este entendimento amplia o leque para abordar diferentes registros ecológicos, diversas sensibilidades e a sabedoria da casa onde vivemos, conforme sugerem Naess, Guattari e Maffesoli para a ecosofia.

A perspectiva da multitemporalidade coexistente no habitar é uma forma de experimentação de si e do/com o outro, perpassando corpo e casa, não mais reduzindo as vivências à proximidade ou ao relógio/calendário, mas expandindo-as, pelos fluxos de vida e de tempo nos quais a habitação acontece. Pode-se conceber trilhas de entendimento diversas, capazes de fazer ver que há mais do que

apenas paisagens já conhecidas ou estradas seguras por onde se transitar, demonstrando que a vida é composta por fugas e fluxos, assim como pontos de fixação e segurança (Godoy, 2008).

Ser transitório é deixar-se caminhar livremente, sentindo o sabor do vento, das folhas e da terra em nossos pés, compreendendo que assim como o caminhante que se vai, tudo passa. O que se caracteriza como uma possibilidade ecosófica de construção significativa de existências temporais e transitórias, como a própria vida o é.

Torna-se evidente que a transitoriedade temporal gera processos de significação do habitar humano, o qual no decorrer de sua história é perpassado pelos espaços e pelas transformações sociais por ele empreendidas. Segundo Santos (2004), é no tempo e no espaço, os quais se metamorfoseiam um no outro, em todas as circunstâncias, que ocorre grande parte da construção da vida. Como tal construção possui um caráter espacial de ação, é a partir dele e suas possibilidades ecosóficas que seguimos nossa caminhada.

Espaços de Ação

A leitura do espaço exige concebê-lo com diferentes texturas, textualidades e linguagens, pois, como Santos (2004) propõe, o espaço pode ser definido como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações. Tal conjunto também é solidário e contraditório, pois cada vez mais artificial (constituído e moldado por humanos) e, por isso, mais tendente a uma hibridização. "[...] Cada pessoa, cada objeto, cada relação é um produto histórico [...] Há uma interdependência entre objetos e as relações" (Santos, 1997, p. 58). É nesta interdependência que a ecosofia pode atuar potencializando um agir crítico e sensível.

O espaço determina os objetos e esse é visto como um conjunto organizado, e utilizado segundo uma lógica, a qual se confunde com a da história, à qual o espaço assegura a continuidade. Assim, o tempo, o espaço e o mundo tornam-se realidades históricas, as quais alimentam a realização da humanidade constantemente

(Santos, 2004). Neste sentido, sistemas de objetos e de ações interagem, o que faz com que a realização humana se dê "[...] sobre uma base material: o espaço e seu uso; o tempo e seu uso; a Materialidade E Suas Diversas Formas; As Ações E Suas Diversas Feições" (Santos, 2004, p. 54).

Segundo Milton Santos (2004), o valor do espaço está em sua materialidade e também nas ações que ocorrem nele, um misto, um híbrido, que leva em conta o que participa e aquele que se vê por ele influenciado. O espaço habitado é cada vez mais heterogêneo. Pessoas migram para trabalho ou para mudança nas condições de vida, e esses fluxos ajudam a construir o espaço habitado, que se metamorfoseia cotidianamente (Santos, 1997).

O espaço, para além dos objetos, também é resultado de sistemas de ação, os quais resultam de necessidades, criadas ou materiais. As ações podem ser materiais, econômicas, imateriais, sociais, culturais, afetivas, dentre outras. Assim, compreende- se que o espaço possui, em sua natureza, as ações humanas acumuladas no decorrer do tempo, sendo que as ações atuais dão dinamismo e funcionalidade ao seu próprio sistema e ao dos objetos (Santos, 1997, 2004).

De um lado, o sistema de objetos molda/condiciona a forma como se atua e, de outro, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou ocorre sobre objetos preexistentes. Nesse entendimento de espaço, podemos compreender que as formas, os objetos, os comportamentos e as ações mudam, propondo novas geografias, que entendam o espaço como algo que participa da condição social e do meio físico (um híbrido) (Cabral, 2007).

Ressignificar a materialidade (ações e objetos) é compreender que "[...] toda criação de objetos responde a condições sociais e técnicas num dado momento histórico. Sua reprodução também obedece a condições sociais [...]" (Santos, 2004, p. 68). Dessa forma, o espaço se coloca como algo além da memória pois é "[...] ao mesmo tempo, futuro imediato e passado imediato, um presente ao mesmo tempo concluído e inconcluso, num processo sempre renovado" (Santos, 2004, p. 330).

Segundo Santos (1997), o presente é o atual que se esvai. Sobre ele e o passado, não temos qualquer força, sendo o futuro o que constitui um domínio da vontade e é sobre ele que os esforços transformativos devem ocorrer. Tais esforços precisam se afastar da concepção do humano como patrão da natureza, capaz de utilizar o saber científico e as invenções tecnológicas sem um senso de medida, pois o "[...] resultado, estamos vendo, é dramático" (Santos, 1997, p. 44).

No jogo entre passado, presente e futuro, a ecosofia pode servir como uma sensibilidade que perpassa o ancestral e ao mesmo tempo valoriza o insurgente, sensível à perturbação. O entendimento do espaço enquanto textualidade, pode passar a ter a marca "d'água" ecosófica, capaz de lembrar a necessidade de coexistir, coabitar e coevoluir com sistemas de objetos e ações que levem em conta o outro humano e não humano em relações de respeito e reciprocidade.

Na constituição do espaço e da própria vida, o trabalho é um dos eixos centrais da humanidade, talvez a forma mais dramática da ação humana "[...] sobre a natureza, da energia do homem, diretamente ou como prolongamento do seu corpo através de dispositivos mecânicos, no propósito de reproduzir a sua vida e a do grupo" (Santos, 1997, p. 87). Ele é um processo de troca recíproca entre homem e natureza, criador do espaço; no entanto, sendo cada vez mais permeado pela racionalidade moderna e tecnicizado, padroniza, agride os objetos e capitaliza as ações (Santos, 1997; 2004).

Algumas parcelas do espaço resistem e escapam às normas rígidas impostas pelo sistema atual, construindo um tecido paralelo de vida, baseado mais em relações pessoais e menos pragmáticas, com emoção e intercâmbio entre humanos como criadores de cultura e de recursos econômicos (Santos, 1997). Sendo assim, olhar as singularidades e as possibilidades disruptivas da produção do espaço por meio do trabalho ecosófico pode ser um exercício interessante.

Em sua espacialidade, a ecosofia ganha muito ao fazer uso dos sistemas de objetos disponíveis e dos sistemas de ação para recriar

entendimentos, levando em conta a materialidade e o simbólico humano na constituição de um novo habitar. Recriar o espaço e o tempo, gerando outra história humana em sua continuidade inaugura novos territórios existenciais pessoais e coletivos que transformam o planeta: "[...] o fenômeno humano é dinâmico e uma das formas de revelação desse dinamismo está, exatamente, na transformação quantitativa e qualitativa do espaço habitado" (Santos, 1997, p. 37).

O espaço geográfico possui suas próprias aberturas disruptivas, pois a inovação e os múltiplos olhares podem potencializar sua construção, reescrevendo textos pragmáticos, racionalizados e mercadológicos, em textualidades poéticas, sensíveis e pulsantes. Mesmo o espaço sendo este "todo" mais abrangente no qual se desenvolve a ação humana em relação com os sistemas de objetos, a significação dele constitui um outro conceito interessante para pensar e repensar a ecosofia, pois a sabedoria comum da casa cobra a criação de outras textualidades e interpretações espaciais.

O que pode dar significado a este espaço? Para alguns autores, o lugar possui esta possibilidade e, de antemão, já deixa algumas perguntas pairando no ar: qual nosso lugar (humano) em Gaia? Qual o meu lugar? Como ressignificar os lugares "ecosoficamente"? Não existem respostas óbvias e tampouco definitivas para tais indagações, mas é possível explorar o lugar e suas múltiplas possibilidades a fim de avançar na criação de novos territórios existenciais e movimentos inventivos nas Ciências Ambientais.

Lugar

O lugar mistura aspectos simbólicos e materiais, tangenciados por singularidades e significados compartilhados (Tuan, 2011; Cabral, 2007). Essa pluralidade pode romper com movimentos hegemônicos do capital ao abrir brechas para a reapropriação dos sentidos das ações, o que repercute na ressignificação temporal: do passado, do presente e do futuro (Zhouri; Oliveira, 2010). A

constituição do lugar ocorre por meio do jogo de "tempos" (passado, presente e futuro), mediados por ações práticas. Para Santos (2004) "[...] em cada lugar, pois, o tempo atual se defronta com o tempo passado, cristalizado em formas [...]" (Santos, 2004, p. 140). As formas revelam combinações possíveis e únicas em um tempo e lugar dados, por isso, é possível observá-las e delas se apropriar para reconstruir significados a partir da ecosofia.

O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, o que requer readequações constantes, sem perda de sua historicidade, mesmo quando irrompem manifestações de espontaneidade e criatividade (Santos, 2004). Estas podem emergir do agir no eu, da subjetividade, dos princípios e das normas do viver; das relações sociais enquanto complexo tecido entre entes, elementos, grupos e agentes e, também, do meio, dos espaços e da natureza.

As ações transformadoras no/do lugar podem se dar em diferentes níveis e intensidades. Os lugares podem ser vistos como um intermédio entre o mundo (Gaia) e o indivíduo. O interno e o externo, assim como as variáveis constituintes do espaço e da ação humana se misturam e confluem na construção do sentido do lugar (Santos, 1997, 2004). Neste jogo de significação e ressignificação, a ecosofia pode orientar para que as ações valorizem a diversidade da vida do ambiente, o que é capaz de transformar quem pensa, o que pensa, quem age, o que age e por que age.

A trilha realizada até aqui perpassou espaços e lugares em suas multiplicidades, porém, não esvazia suas complexidades. Dentre as possibilidades emergentes, um debate importante sobre o território e as fronteiras se torna latente, pois, a cada passo trilhado, novas paisagens e ambientes se fazem presentes.

Território e Fronteira

As categorias abordadas até aqui são perpassadas por relações de poder, as quais se aprofundam no território e nas suas fronteiras. O território é uma categoria abrangente, possui caracteres simbólicos e materiais, com múltiplos poderes em jogo e por isso

carrega uma multiplicidade, formada ela própria pela historicidade. Ele hibridiza relações de poder que caracterizam âmbitos diversos: sociedade, natureza, política, economia e cultura, formando uma complexidade de tempos e espaços. Posse, disputa, controle, emoções e materiais se misturam nesta categoria (Haesbaet, 2007).

Para Haesbaert (2007), o território precisa de sua materialidade concreta, mas caracteriza-se também como um *continuum* que possui a dominação política e econômica, assim como revela a apropriação subjetiva e cultural. Por ser aberto e estar envolvido em fluxos materiais e simbólicos, o território abre oportunidades para a multiterritorialidade, a qual consiste em mesclas, fragmentos, ligações e relações tecidas entre diferentes territórios.

A multiplicidade de concepções sobre o território possibilita pensá-lo, entendê- lo e nele intervir enquanto materialidade e como potência existencial; desse modo, a multiterritorialidade é uma condição para a própria existência do território. Os territórios existenciais são singulares, construídos por devires, acontecimentos, espaços, tempos e conteúdos que formam o ser e o seu agir no mundo (Deleuze, 1995; Guattari, 1990, 2015).

A ação em múltiplos territórios marca a existência humana e possibilita interações com materialidades, sensações e sentidos que mesclam categorias antes separadas, o que é parte da proposta ecosófica, quando pressupõe interligar saberes e seres na reconstituição da singularidade, do comum e da vida como Gaia.

Das territorializações emergem processos de desterritorialização, os quais podem reabrir horizontes existenciais corpóreos e incorporais, que ganham consistência no *filum* evolutivo da vida. A desterritorialização desconstrói as certezas e nos leva para uma outra possibilidade, a de reterritorialização, que ressignifica a existência e abre brechas para a reinvenção do ser em seu processo de vida, de viver (Guattari, 2015; Deleuze, 1995).

Os processos de des-re-territorialização material e existencial são acontecimentos de fronteira, que, para Mesquita (1994), são uma zona de contato, com intercâmbios e permeabilidades, calcada

na possibilidade de nos colocar "de frente" ao outro, avançando ao seu encontro (ou de encontro). As fronteiras podem ser vistas como rupturas do espaço material, oportunidade de olhar para dentro (singularidade e identidade do ser) e para fora (sobre o outro).

A fronteira, pela perspectiva de Mesquita (1994), não ignora os atritos possíveis e/ou existentes entre uns e outros, entre os de "dentro" e os de "fora", mas sim, coloca a possibilidade de intercambiar e trocar como potência. Neste sentido, o ser e os grupos sociais em seus tempos, constituem um processo de trânsitos fronteiriços, marcado pelo movimento e que possibilita im/permeabilidades.

Os contatos possibilitados pelo mundo globalizado criam e recriam fronteiras, as quais operam como possibilidades de avanços, de paradas e de trocas. Tais possibilidades fazem emergir a diversidade fronteiriça, que nem homogeniza e tampouco heterogeneiza de todo. A fronteira possui um caráter temporal, o qual caracteriza-se pelo encontro de forças do passado (que querem conservar o já posto), forças do presente (aquilo já constituído) e forças do futuro (possibilidades disruptivas). Por isso, ela pode gerar atritos e conflitos, mas também confluências e coexistências pacíficas (Haesbaert, 2007; Arendt, 1979). A ecosofia pode se apropriar da ideia de fronteira para transitar, constituir-se e trabalhar com diferentes tempos, espaços e grupos sem invadir ou se apropriar, buscando, antes disso, respeitar tempos e sociedades na constituição de um saber comum e plural.

A proposição de fronteira aqui exposta é colocá-la como possibilidade de encontro com o outro, englobando materialidades e imaterialidades. No encontro, as trocas podem expandir olhares e recriar territórios existenciais, questionando certezas e saberes já cimentados em busca de uma reconstrução de entendimentos e de práticas. A fronteira é vista como um elemento do território e da própria constituição da ecosofia, tendo em vista que ela vai buscar fazer contato e trocar saberes científicos, experienciais e sensíveis com os outros (humanos e não humanos) na constituição de novos territórios existenciais.

Gaia, em sua trajetória de vida até aqui, traçou diversas trilhas e como caminhantes exploradores, nós humanos, necessitamos adentrar espaços, tempos, lugares, territórios e fronteiras; porém, como fazer isso com sabedoria? A proposta é que nossa trilha siga sendo desvendada e até mesmo constituída a partir dos entendimentos e das produções técnicas e tecnológicas, as quais compuseram o habitar humano em Gaia e, além disso, podem potencializar a ecosofia em seus saberes. Vamos à elas então.

Técnica

A técnica é tradicionalmente entendida como o modo como algo é realizado. Ela revela uma produção histórica da realidade, que possui método próprio. A principal relação entre o homem e o meio é a técnica, e as técnicas são conjuntos de meios sociais e instrumentais com os quais o humano realiza a sua vida e cria tempo, espaço e lugar. Pode-se dizer que as técnicas são produtoras de vida e possuem características materiais e imateriais, conectando saberes e práticas humanas (Santos, 2004).

Milton Santos (2004) afirma que a técnica possui um tríplice aspecto: a) é reveladora de uma produção histórica da realidade; b) inspiradora de um método unitário; c) garantia de conquista do futuro. Ela própria é um meio de entender as mudanças sociais através de sua inserção na realidade no decorrer do tempo, assim como um método para realização da ação humana no tempo e no espaço, pois é através da técnica que se unem espaço e tempo. É por meio da técnica que a tessitura da vida vai sendo feita.

As técnicas criam, em cada lugar geográfico, formas-conteúdo, pois possuem um conjunto de instrumentos de trabalho, os quais carregam a intencionalidade da ação e dos objetos. A forma-conteúdo une o processo e o resultado, a função e a forma, o passado e o futuro, o sujeito e o objeto, o social e o natural. Nesse sentido, ação e objeto convivem e não podem ser separados (Santos, 2004).

A técnica medeia a relação entre ideologia e realidade, visto que a primeira produz símbolos, criados para fazer parte da vida

real e que se realizam em objetos e ações. A racionalidade e a ação instrumental possuem um primado e geram a objetificação do mundo. Tal hegemonia é ideológica, baseada nos preceitos mercadológicos e utilitários do mundo (Santos, 2004), geradora das problemáticas socioambientais.

As formas combinadas de utilização dos recursos locais podem ser vistas como técnicas, colocando objetos criados com intencionalidades pré-definidas a terem significados diferentes dos atuais, pois o processo de evolução técnica é constante. Todos os dias somos convidados a realizar inovações e aprender tudo de novo, a fim de reinterpretar os objetos que nos cercam, as ações e sua historicidade e a própria produção de futuro; ou seja, a técnica é mediadora da vida (Santos, 2004).

A ecosofia pode inspirar novos conjuntos técnicos e novas formas-conteúdo produtivas e experienciativas capazes de conceber fluxos temporais e espaciais ecologicamente equilibrados. Técnicas ecosóficas, que levam em conta o outro humano e não humano nas relações habitativas, potencializam a profundidade na reflexão e na ação da produção da vida e do viver. Podemos propor ecosofiar a técnica.

Contemporaneamente, a informação possui um papel importante na constituição das técnicas e de seus sistemas, visto que vivemos em uma sociedade da informação e é ela que guia grande parte das decisões e da produção. Além disso, o sistema técnico atual possui uma universalidade e uma autoexpansão, assim como uma concretude e uma sistematicidade, a qual baseia-se na manutenção do capitalismo e em seu prosperar (Santos, 2004).

A técnica acaba construindo objetos, os quais caracterizam-se atualmente como técnicos-científicos. O objeto também é informacional, pois é chamado a produzir um trabalho preciso, informação, a partir da qual funciona. Graças à cibernética, um objeto técnico pode trocar informações com outro objeto. Os objetos, são eles próprios, informação, criados com objetivos mercantis, concebidos cientificamente, alteram também os sistemas de ação e formam, assim, espaços que se ordenam e operam através

de lógicas mercantilizantes. Hoje a predeterminação dos objetos é uma constância, pois de antemão já está "tudo" cientificamente arranjado. Eles não mais nos obedecem, mas sim o papel ao qual devem desempenhar, sua funcionalidade é extrema, mas seus fins últimos escapam do nosso controle (Santos, 2004).

A proposição de técnicas produtivas que gerem baixo impacto ambiental, assim como a concepção de outros modos de realizar a produção da vida, dialogam com a ecosofia em sua proposição de reavivar a diversidade e ressignificar práticas através de sensibilidades ecológicas. Na trajetória temporal e técnica constituída pelo humano, torna-se pertinente utilizar técnicas que levam em conta o eu, o outro (humano e não humano) e o meio, conforme sugerem os autores que abordam a ecosofia.

Retomar a sapiência na produção de objetos, reverter a ideologia dominante e inovar nas técnicas e em seus sistemas são ações que a ecosofia pode contribuir na construção, principalmente através de seu olhar biocêntrico e diverso. Segundo Santos (2004), vivemos em um meio técnico-científico-informacional, ou seja, a técnica, a ciência e a informação permeiam as visões de mundo e as ações sobre ele. Repensar e colocar-se na busca de equilíbrio entre humano, não humano e meio, assim como refletir e remontar as Ciências Ambientais e outras áreas em busca de uma sabedoria comum, além de tratar a informação com cuidado, criticidade e sensibilidade, são potentes possibilidades ecosóficas a serem exercitadas, visto que o período técnico atual vê a emergência do espaço mecanizado e mercantilizado.

Através da técnica, podemos falar, segundo Santos (2004), de uma tecnosfera (baseada na ciência e na tecnologia) e em uma psicosfera, que se caracteriza como um reino das ideias, das paixões e das crenças, constituidora de um lugar de produção de sentidos, fornecendo diretrizes à racionalidade e estimulando o imaginário. Ambas (tecnosfera e psicosfera) são locais, mas extrapolam o seu lugar e interferem no mundo, sendo retroalimentadas por ele. Dessa forma, em um contexto científico e informacional mediado em

grande medida por formas capitalistas e de mercado, tanto a tecno, quanto a psicosfera produzem e projetam tais lógicas adiante.

A ecosofia e seus pressupostos de relações mais horizontais, calcadas no respeito ao outro, à diversidade da vida e ao meio e seus agentes, requer ressignificar tecnicamente o habitar humano na busca de um estar e um ser mais sustentável no planeta. Sendo assim, é preciso ecosofiar a técnica com fluidez, inovação, disrupção e sabedoria, a fim de fazer com que a esfera técnica além de sustentável, seja viva, pulsante e construtora de um habitar responsável e duradouro do humano no planeta.

Após transitar por possibilidades técnicas, é hora de adentrarmos no terreno da tecnologia, mediadora das nossas relações com o outro (humano e não humano).

Tecnologia

A técnica pode ser concebida como o modo de fazer, prática de interação entre humano e mundo. Já a tecnologia é compreendida como o aparato utilizado pelos humanos, os objetos produzidos e que são utilizados, eles mesmos, para produzirem outros objetos. Juntas, técnica e tecnologia são compositoras da história humana, criadoras de grande parte do mundo como o conhecemos (Santos, 2004; Castells, 2008).

As diferentes tecnologias utilizadas atualmente acabam por gerar graves danos ao meio ambiente, mas então, como repensar essa forma de produção da vida? Naess (2010) sugere que elas precisam ser leves e causar o menor dano possível, enquanto Guattari (1990, 2015) propõe uma era pós-mídia, na qual as tecnologias são importantes ferramentas para a construção de outras lógicas e para a ressingularização do ser e dos grupos sociais em suas relações com a natureza. Maffesoli (2021) sugere que a tecnologia possibilite a emergência do subterrâneo e do sensível ao pluralizar espaços de fala e compartilhamento de plataformas.

Pensar a tecnologia na ecosofia é dialogar com o mercado, com a globalização, com o tecnocrático, mas sem se render a eles. Trata-

se de apropriar-se dos meios para transformar os modos de produção e os próprios meios de apropriação tecnológica, ou seja, adentrar o já existente para transformar as práticas por meio de relações mais horizontais e justas.

A tecnologia ecosófica é aquela que busca, no intermédio das relações individuais, sociais e com o meio, um equilíbrio, uma redução dos danos que o humano é capaz de causar. Ao propor tal delicadeza e leveza na forma de utilizar a tecnologia, objetiva-se fazer dela um meio de transformação, capaz de recriar os territórios existenciais analógicos e virtuais, ou seja, criar "brisas e ventanias" para recolocar à vista demandas, grupos e visões soterradas nas montanhas de entulhos da racionalidade moderna, que delimitam, em muitos casos, paisagens inventivas.

Técnica e tecnologia se retroalimentam, sendo permeadas por construções socioculturais mutantes. Neste processo, ideias, movimentos, ações e interligações múltiplas ocorrem, gerando redes, as quais merecem atenção, pois conectar diferentes agentes, técnicas e tecnologias na formação de fluxos é potente para ecosofiar novos territórios existenciais e movimentar inventivamente as Ciências Ambientais. É chegada a hora de emaranhar-se nas redes.

Redes

As redes são constituídas por objetos, fluxos e seres que se interconectam e são capazes de realizar trocas. Ao avançarmos na realização material e na transformação física do mundo, a constituição de redes torna-se cada vez mais comum e coloca em circulação e movimento, produtos e informações, tanto locais quanto globais. Dessa forma, as redes são múltiplas, capazes de se estabilizar e também de serem dinâmicas, constituindo-se pelas permeabilidades presentes em diferentes sistemas lógicos e racionais, envolvidas em jogos de poder diversos e cheios de movimentos em múltiplas direções (Santos, 2004).

A própria rede, por ser formada de diferentes formas-conteúdo, técnicas, tecnologias, objetos e agentes, traz "correntes de ar" que possibilitam o sobrevoo por diferentes espaços e tempos, principalmente por seu caráter reticular, o qual pode potencializar tomadas de decisões de maneira mais plural e abrangente, levando em consideração os diferentes seres e ecossistemas. Sendo assim, graças às configurações das redes, é possível deslocar-se entre diversos tipos de estruturas físicas/materiais e cognitivas, adentrando terrenos singulares, subjetivos, sociais, políticos, econômicos e naturais, o que abre espaço para reinvenções democráticas para o ser e estar no mundo (Di Felice; Lemos, 2014).

As redes podem se apropriar de caracteres ecosóficos, acoplando a si o respeito pela diversidade, o que intensifica e pluraliza as possibilidades de reflexão e ação dentro delas. Tal proposta retroalimenta a ecosofia, pois ela sintetiza redes criando sabedorias outras. Esta interligação gera redemoinhos, capazes de transformar contextos e realocar agentes em espaços de transformação intra e interpessoal.As redes possuem em seu "DNA" a lógica transgressora, quando abrem brechas para o incomum e o inovador em diferentes terrenos. Por serem múltiplas e conectarem pluralidades, elas possibilitam um repensar ações por meio de diferentes polos intercomunicantes (Di Felice; Lemos, 2014). Podemos, através das tecnologias que permeiam cada vez mais as redes, pensar uma democracia e uma gestão ecológica baseadas em elementos humanos e não humanos, afinal "[...] Temos hoje formas de controle que a tecnologia nos proporciona: olhos e ouvidos mecânicos que dão vozes a outros atores" (Di Felice; Lemos, 2014 p. 59-60).

As diferentes tecnologias, principalmente as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), influenciam de maneira determinante as redes, criando circuitos comunicativos reticulares e determinados por seus atores e pelas conexões. Seus nós, suas arestas e seus fluxos geram uma *autopoiesis* de reticularidades que se reinventam durante os processos comunicativos. Ou seja, é possível falar cada vez mais em interatividade entre os atores, visto

que estes precisam estar na rede, imersos, sendo parte constituinte e constitutiva da mesma (Di Felice; Torres; Yanaze, 2012).

Castells (2008) afirma que a rede pode potencializar o contrapoder. Mesmo que as tecnologias na rede não mobilizem automaticamente, as apropriações e os usos feitos por pessoas podem ajudar na mobilização/ação voltadas para questões que envolvem a sustentabilidade. Neste sentido, Di Felice, Torres e Yanaze (2012, p. 207) propõem a concepção de redes de redes, as quais nos revelam a impossibilidade de se separar "[...] o natural, o social, o global, o local, as comunidades, os territórios, as tecnologias – eles estão irremediavelmente conectados, interferentes, construindo fluxos informativos que não somente circulam na rede, mas são a própria rede". Ou seja, nada existe isoladamente e todos estão em relações constantes e constitutivas.

Pensar, agir e construir em redes horizontais e diversas em e de saberes, é uma forma ecosófica de compreensão e ação, a qual leva em conta a complexidade ecossistêmica da subjetividade, dos grupos sociais, do meio ambiente, do porvir, da pluralidade da vida e da diversidade que constitui o ser no mundo. As redes podem então conectar, fornecer mapas e trajetos, apropriar-se de técnicas e tecnologias diversas nas suas constituições. A potência aqui observada é a de influenciar as redes ecosoficamente para, assim, evitar graves acidentes epistemológicos e práxicos nas nossas relações com Gaia.

As redes são múltiplas e misturam tempos, espaços, técnicas e tecnologias, tanto analógicas quanto digitais. O contexto contemporâneo traz em si diversas possibilidades constitutivas, o que nos leva a um espaço que, em si, já é rede e, ao mesmo tempo, é ciber, e é por ele que seguiremos nosso trajeto.

Ciberespaço

O ciberespaço coloca-se como um lugar de contornos indefinidos, com laços sociais sólidos e pontilhados, o qual se fortalece com possibilidades de ligação e de influências outsiders

grandes. Ou seja, o espaço "impuro" da transformação social (internet e as redes sociais digitais) influenciam muitos dos modos como interagimos (Di Felice; Torres; Yanaze, 2012), podendo servir à ecosofia.

As possibilidades de empoderamento dos atores nas redes sociais se veem potencializadas, pois o compartilhamento e a articulação de ação não esbarram em barreiras dos territórios físicos, o que possibilita interações multiterritoriais, multipessoais e multitecnológicas. A arquitetura das redes nos leva a interações mais imersivas e tipos singulares de fruição (Di Felice; Torres; Yanaze, 2012). O ciberespaço coloca-se então como território a ser explorado e ressignificado.

Um dos desafios postos para o ciberespaço neste livro é como inteirar-se dele de maneira ecosófica. O pensamento reticular vincula-se ao sentir ecosófico através de uma inteligência ecossistêmica e relacional, sem centro, com a ação e o conhecimento do sujeito relacionando-se intimamente, o que conecta o conceito já trabalhado de redes para ligar o material, o simbólico e o virtual. A qualidade conectiva, o reconhecimento de agentes não humanos e a possibilidade de transgredir o já posto para avançar na ação mais consciente, crítica e sensível com o mundo, traz a possibilidade de passarmos de uma comunicação no ambiente virtual à uma comunicação com tal ambiente, enquanto alguém que participa, limita, fortalece e constrói a possibilidade habitativa ecosófica.

Com a mídia, o território sofre alterações e as relações do sujeito com ele também são modificadas. Podemos pensar em um território *ciber* digitalizado, eletrificado, com formas de sociabilidade e práticas interativas, as quais resultam de sinergias entre dispositivos comunicativos, interfaces e sujeitos. Ao pensarmos nesse espaço ciber e nos territórios digitais, profundas mudanças conceituais, arquitetônicas e sensoriais podem emergir (Di Felice, 2009; Di Felice; Torres; Yanaze, 2012). Tais espaços e territórios abrem possibilidades potentes para o ser e fazer ecosófico, assim como complexificam a teia da vida e afetam existências e os diferentes ambientes da experiência.

Graças à digitalização e ao ciberespaço, podemos falar de redes de redes, com circuitos informativos e topografias maleáveis, possibilitando interações criativas e formas inéditas de habitar. Tal rede que se compõe e recompõe-se através de outras redes, revela a impossibilidade de separar o social, o global, o local, as tecnologias, as comunidades, os territórios e o natural, visto que eles estão conectados, são interferentes e constroem fluxos que circulam na rede, sendo a própria rede (Di Felice; Torres; Yanaze, 2012).

A eletricidade e as mídias audiovisuais permeiam cada vez mais a forma como o mundo é sentido e traduzido. A natureza do habitar passa então a se basear em um movimento através da informação e de navegações informativas. A mídia é, então, parte da natureza, criadora de redes autopoiéticas, digitais e dinâmicas, que entrelaçam o material e o imaterial digital. Tal contexto faz emergir a necessidade de se pensar a natureza e o mundo como conjunto de relações comunicativas (Di Felice, 2009).

O ciberespaço proporciona áreas de exploração e de conhecimento ainda pouco exploradas ecosoficamente. As experiências existenciais relacionadas às identidades, ao gênero, à moda e outras searas da vida, mostram que as opções rígidas e "únicas" de outrora parecem ser substituídas por estéticas fluidas e híbridas. A mutação e o contínuo devir constroem-se nesse espaço mecânico, orgânico e eletrônico ao mesmo tempo no espaço *ciber*. Dessa forma, vamos nos constituindo e nos formamos continuamente em trânsito (Di Felice, 2009). Assim como o que é queimado, transforma-se, flutua e dilui-se, o ciberespaço assim se constitui, continuamente.

Di Felice (2009) propõe uma habitação cada vez mais atópica, a qual se caracteriza pelo transorgânico, como um habitar nem interno e nem externo. O a-topos não nega necessariamente o "topos" (espaço), mas busca colocá-lo como algo indizível, justamente por ser "trans". Esse habitar não se deixa narrar. Pode-se pensar em novos ecossistemas, nem orgânicos nem inorgânicos, nem estáticos e nem delimitáveis, mas informativos e imateriais. A atopia é, então, como uma habitação *"on demand"*, plural e tecno-subjetiva.

A informação ganha espaço e torna-se uma característica importante, influenciando o habitar contemporâneo por meio do diálogo de redes, interfaces e circuitos informativos. A heterogênese coloca-se como característica fundante da habitação, a qual possibilita circuitos linguísticos transhumanos e realidades existenciais e comunicativas compostas por humanos e máquinas, com uma transorganicidade latente e pulsante, criadora de novidades e de devires múltiplos (Di Felice, 2009).

A proposição de um habitar atópico fornece à ecosofia a possibilidade de pensar a hibridação habitativa, sua transitoriedade e fluidez, além de seu envolvimento com tecnologias, ecossistemas e relações orgânicas e inorgânicas. A partir de onde se está, com o que se tem e com o que se sabe, a ecosofia aqui proposta constrói-se como uma sabedoria interconectada do passado, do presente e do futuro para agir conscientemente e sensivelmente nas práticas do habitar.

A compreensão dos desafios atuais e a busca por possíveis resoluções passam por espaços ciber e pelas redes. Como afirma Castells (2009), a maior força deles está em uma apropriação que coloca-se como contrapoder. O debate sobre questões ecológicas vem ganhando cada vez mais espaço graças ao ciberespaço e às redes, por possibilitarem ações sociais que são "[...] constitutivas dos novos modos de construir opinião pública e das novas formas de cidadania, isto é, das novas condições em que se diz e se faz política" (Martín-Barbero, 2011, p. 70). Inserir plugins ecosóficos nas redes pode potencializar e diversificar os debates envolvidos na e pela ecologia.

A ecosofia pode atuar como ponto de ligação entre o ciber, o eletrificado, o digitalizado e o orgânico, possibilitando utopias novas, mas mantendo a conexão orgânica do humano com o mundo. Musso (2006) afirma que o ciberespaço liga sem fim e possui, ao mesmo tempo, técnica, simbolismo, natureza e sociedade, existindo graças à interligação, com interconexões praticamente ilimitadas. Dessa maneira, a rede e o ciberespaço tornaram-se "[...] o fim e os meios para pensar e realizar a transformação social, e mesmo as

revoluções de nosso tempo" (Musso, 2006, p. 218). Sendo assim, conectar o mundo ciber à ecosofia torna-se pertinente e interessante.

O humano modificou o ambiente desde a Pré-História, encontrando e criando ferramentas tecnológicas que auxiliaram na sobrevivência e também na acumulação de capital, na obtenção de prazer ou mesmo na realização de seu lazer. O que ocorre contemporaneamente, segundo Tadeu (2009), é uma ambiguidade na relação entre humanos e máquinas. Os primeiros, cada vez mais se parecem máquinas, e os segundos, cada vez mais possuem ares humanos. Ou seja, de um lado a eletrificação do humano e de outro, a humanização e a subjetivação da máquina: "[...] é da combinação desses processos que nasce essa criatura pós-humana que chamamos de 'ciborgue'" (Tadeu, 2009, p. 12). Esse ser, chamado ciborgue, pode ser pensado através de fluxos e intensidades, carne e eletricidade, materialidade, sensibilidade e "digitalidade". O caminho segue por essa compreensão e agora mistura transorganicidades constitutivas do ser presente e futuro.

O ciborgue

O ciborgue é uma criatura animal-máquina, que habita um mundo natural e fabricado. Quando se fazem ciborgues, criam-se quimeras, híbridos (teóricos e fabricados) de máquina e organismo; e nós, cada vez mais, somos ciborgues. O ciborgue faz parte da nossa ontologia, pois acopla seres vivos, além de colocar animal-humano e máquina em ligações intrínsecas e constitutivas do ser; por isso é ainda mais fluido do que um "simples ser humano". Ele é um tipo de eu (pessoal e coletivo) pós-moderno, desmontado e remontado através das biotecnologias e das tecnologias de comunicação (Haraway, 2009).

Para Haraway (2009), não está claro quem faz e quem é feito na relação entre humano e máquina. O que é mente e o que é corpo se confundem (principalmente no ciberespaço) e pode-se entender que os organismos biológicos tornaram-se sistemas bióticos (dispositivos de comunicação como quaisquer outros). Sendo

assim, "[...] não existe, em nosso conhecimento formal, nenhuma separação fundamental, ontológica, entre máquina e organismo, entre técnico e orgânico [...]" (Haraway, 2009, p. 91).

O ciborgue pode explorar as diferentes possibilidades, redes e espaços, tendo em vista que seu corpo não busca uma unidade identitária totalizadora. Ele assume a ironia como natural. A máquina não é alguma "coisa" a ser dominada e tampouco inanimada, mas sim, parte integrante da corporificação. Neste jogo, nós somos responsáveis pelas fronteiras e somos também fronteiras, com possibilidades de avançar, operar como zona de trocas e regeneração entre diferentes lados (Haraway, 2009). Neste sentido, ultrapassamos em nosso caminhar concepções racionais através desse ser "ciborguiano", que abre possibilidades para repensar a ecosofia nas relações humano-máquinas e vice e versa.

Segundo Haraway (2009), criar alianças que atravessem o gênero e a raça e que sejam capazes de respeitar o humano-máquina pós-moderno e sua multiplicidade é desejável e necessário. Tais alianças devem ser formadas em torno do pressuposto de sustentação básica da vida. Aqui, a ecosofia possui uma entrada interessante, que dialoga intimamente como um modo ciborguiano de ser e buscar "[...] uma sutil compreensão dos prazeres, das experiências e dos poderes emergentes, os quais apresentam um forte potencial para mudar as regras do jogo" (Haraway, 2009, p. 82).

Diálogos entre ecosofia e ciborgues, ou até mesmo um viés ecosófico ciborguiano tornam-se latentes e inspiradores, pois compreendem que o humano cada vez mais se faz máquina e vice-versa. Tal concepção é capaz de tratar de questões socioambientais diversas e dialogar com o *filum* evolutivo de Guattari, com a sensibilidade de Maffesoli e com a diversidade de Naess. Ou seja, a ecosofia com nuances de ciborgue parte da coexistência e da mistura dos elementos constitutivos do humano e do não humano, coabitando o espaço na construção de sua sabedoria da casa comum.

Na possibilidade do ciborgue mudar as regras do jogo usando a potência das tecnologias, das redes, do ciberespaço e dos

diferentes territórios e fronteiras ambientais se reconhece uma saída do labirinto dos dualismos que buscam explicar a vida. Isto porque este novo ser carrega em si características orgânicas e inorgânicas, assim como o passado, o presente e diferentes possibilidades futuras em desenvolvimento, sem se prender a um aspecto específico. Dessa forma, rompem-se as ideias de ser um ou outro e se abrem possibilidades para a coevolução que mistura e complexifica o ser em diferentes direções e formas. Não se trata mais de ser uma ou outra "coisa", mas sim de ter em si uma e outra "coisa". É, por assim dizer, a coexistência que guia as possibilidades disruptivas ciborguianas.

Para Lovelock (2022), os ciborgues serão autoconcebidos no futuro, através da Inteligência Artificial. Segundo o autor, "[...] nós seremos pais dos ciborgues e já estamos a gerá-los. É importante não esquecermos disso. Os ciborgues são fruto dos mesmos processos evolutivos que nos criaram" (Lovelock, 2022, p. 115). Dessa forma, as configurações do ciborgue adentram os territórios do ciberespaço e possibilitam o traçar de novas rotas criativas e existenciais.

O ciborgue, enquanto fruto de esforços em transformar a nós e ao mundo, traz riscos, pois a sua autoprodução pode desembocar em caminhos diferentes dos planejados ou dos imaginados. Tal risco existe e não parece frear as inovações tecnológicas do tempo presente, as quais também trazem a possibilidade ecosófica de transmutar ideologias, corporeidades, tecnologias e técnicas em novos jeitos de ser e de viver complexamente a existência, balizando os avanços no respeito à vida e à diversidade.

A vida orgânica precede a vida inorgânica e eletrônica, mas elas coexistem e assim formatam as novas relações do humano com o meio. Tais relações cada vez mais são mediadas por informação, ciência e técnica. Um dos problemas dessas mediações está posto na lógica mercadológica e utilitarista da vida, centrada no acúmulo de capital e na colonização de corações, mentes e ações. Estas características fazem emergir um período no qual o humano coloca-se como centro das atenções e busca ser o "dono do mundo",

criando o que alguns chamam de Antropoceno. Nosso caminho segue e adentra neste movediço e arriscado terreno, mas que no decorrer da nossa caminhada, vamos desbravar e buscar fertilizá-lo com organicidades ecosóficas.

Antropoceno

Gaia possui em sua história diversas eras geológicas e, segundo alguns autores, podemos falar em uma outra que coloca a humanidade no jogo das grandes transformações planetárias, sendo chamada de Antropoceno. A ação humana está adentrando a geohistória do planeta, colocando o humano como agente transformador de Gaia, ao mesmo tempo que está "preso" a ela. Não estamos fora, somos ela e, como componentes determinantes, temos responsabilidades sobre todos os coabitantes planetários (Latour, 2020).

O poder de transformação planetária que a humanidade parece possuir, coloca um desafio latente ao Antropoceno e à visão de poder da espécie *"sapiens sapiens"* sobre as transformações planetárias (epistemologia existencial). O Antropoceno insere o humano dentro dos circuitos que operam como ciclos geológicos e colocam a ele a necessidade de "ser desta Terra". Ou seja, se somos capazes de transformar profundamente as estruturas geológicas e climáticas de Gaia, é preciso pensar formas de não o fazer, colocando-se como ser que convive e necessita preservar equilíbrios, ao invés de causar danos a si e aos outros humanos e não humanos que coabitam o planeta. O envolvimento de coabitar Gaia passa, então, por uma fusão lenta e progressiva de virtudes emocionais, estéticas e cognitivas, portanto, requerem cada vez mais sensibilidade (Latour, 2020).

A sensibilidade é essencial no relacionamento humano com Gaia se não pretendemos que o Antropoceno seja extremamente nocivo a nós e aos outros com quem coabitamos o planeta. Ser sensível, neste caso, é ser capaz de sentir e reagir rapidamente ao que nos é sinalizado como práticas insustentáveis e, a partir daí,

recriar formas de relacionamento entre nós e com o meio que nos circunda. Dessa forma, viver no Antropoceno significa questionar-se de que forma, com qual cosmologia e em que território iremos agir a fim de conviver na Terra sem nos aniquilarmos e afetarmos a existência de outros seres (Latour, 2022).

A ecosofia coloca-se então como uma forma sensível do agir humano no planeta, pois propõe uma política que adentra nos diferentes terrenos individuais e coletivos, engendrando humanos e não humanos em sua epistemologia, reconhecendo que a casa é comum e a coabitação é essencial em sua práxis (Maffesoli, 2021; Guattari, 2015; Naess, 2018).

Latour (2022, p. 31) afirma que "[...] Não existe cura para o pertencimento ao mundo. Mas, pelo cuidado, é possível se curar da crença de que não se pertence ao mundo [...] Será preciso lidar com isso. É definitivo". Pertencer e reconhecer tal pertencimento ao mundo e como todos os seres se afetam mutuamente é um pressuposto da ecosofia que a coloca como uma nova proposta estética, sensível, rompedora do antropocentrismo.

Segundo Latour (2020), o Antropoceno e seu antropocentrismo parecem acometer os humanos de certas loucuras. Uma delas é a de negar os dados e as pesquisas que demonstram nossa relação insustentável com Gaia, enquanto outra é lutar contra o sistema terrestre, a fim de dominá-lo. Por fim, alguns creem que as instituições atuais, através da ação racional, irão solucionar a crise ambiental. O reconhecimento dessa ilusão faz emergir uma pergunta: "[...] Se a terra é animada por mil formas de agentes, por que se quer pensá-la como essencialmente inerte e inanimada?" (Latour, 2020, p. 109).

A Terra retroage às nossas ações por meio de fluxos que constroem o mundo, junto com nosso agir. O mundo sempre transborda da natureza. Além disso, ambos são marcos temporais, influenciando-se constantemente, pois podemos entender a natureza como o que já está estabelecido e o mundo como aquilo que vem, ou seja, potência criativa a partir do que lhe é natural. Neste jogo complexo do que está e do que virá, não se trata de

desanimar de todo o mundo ou superanimá-lo, mas sim, de concebê-lo como esta interação constante entre todos os elementos que o constituem, ou seja, concebê-lo ecosoficamente nas relações já postas e naquelas que podem ressignificar existências.

Criar um novo *modus vivendi* constitui-se, então, em um desafio que pressupõe uma forma de nos apoiarmos uns aos outros (Latour, 2020). A ecosofia, como sabedoria da casa, une diferentes registros e comunidades, fazendo com que o ser humano, com seus princípios e ações, possa ser agente de reconstrução com e no mundo, sustentando a vida com sensibilidade (Naess, 2018; Guattari, 2015; Maffesoli, 2021).

A compreensão de Gaia nos coloca diante de uma injunção para rematerializarmos o pertencimento ao mundo, abandonando o parasitismo e retornando à Terra, ao terrestre e ao ser terreno. Neste sentido, os terrestres devem redesenhar territórios dos quais dependem para existir, afastando-se do emaranhado demasiado humano que expulsa a natureza (e ela de nós). Trata-se de encarnar-se, como ser que tem seu elã vital na natureza, finita e provisória. Eis a profanação que a ideia de Gaia traz: ser natural no mundo (Latour, 2020).

Algumas ideias e percepções podem nos aproximar da rematerialização sensível do mundo, entendendo que somos partes dele como seres biopsiocossociais. Neste sentido, podemos transformá-lo ao mesmo tempo em que nos transformamos nas relações que tecemos com ele. As possibilidades que se abrem através destes entendimentos possibilitam ressignificarmos ideologias e práticas, buscando assim novas formas políticas, econômicas, individuais e sociais de ser e agir com Gaia (Thompson, 1990).

A rematerialização sensível do mundo pressupõe que o processo do viver precisa se aproximar mais do artista, sem, contudo ignorar o cientista racional moderno, pois o primeiro possui maior liberdade para profanar e inovar no Antropoceno, podendo influenciar o cientista no seu fazer, transformando-o em mais ecosófico do que pragmático. O artista traz em si a imaginação, que segundo Thompson (1990), é algo potente, pois "[...] nos apresenta o

mundo como um ser vivo, cujos órgãos internos são limitados por membranas permeáveis [...]" (p. 162). Sendo assim, a ecosofia enquanto forma de ver, sentir e aprender ou apreender o mundo, traz em si permeabilidades que trocam com o meio diversas possibilidades inovadoras, buscando constituir-se por meio do que há de mais vivo e pulsante nas reciprocidades experienciadas.

Ao pensar onde estamos, observamos diversas problemáticas socioambientais, as quais carregam consigo dificuldades epistemológicas e práxicas. Mas as inter-relações ecosóficas, apresentadas como possíveis e latentes, demonstram que o trabalho, mesmo que árduo para as ressignificações dos nossos modos de coabitarmos o planeta, possibilitam imaginarmos um futuro sensível.

A concepção de Gaia enquanto planeta vivo, em seus diferentes tempos, lugares, espaços, territórios e fronteiras, possibilita algumas coordenadas e paisagens interessantes para pensar a ecosofia acoplando-se às Ciências Ambientais. A técnica e a tecnologia, cocriadoras de nossa trajetória no planeta, perpassadas contemporaneamente pelo ciberespaço, pelas redes e pelo ser ciborgue fazem emergir diversas possibilidades habitativas, mesmo que o Antropoceno trace um cenário pouco fértil para a sustentabilidade da vida humana e não humana no planeta. Dessa forma, o mapa geral de onde estamos traz inseguranças, ao mesmo tempo que faz emergir novas possibilidades, as quais passam por retomar os saberes ambientais, pela ideia de decrescimento, de decolonialidade e de bem viver, sendo nessa direção que iremos a partir daqui.

E Agora, Para Onde Vamos?

Eu vejo a vida melhor no futuro Eu vejo isso por cima de um muro Eu vejo a vida mais clara e farta Repleta de toda satisfação Que se tem direito do firmamento ao chão Eu quero crer no amor numa boa [...] Eu vejo um novo começo de era De gente fina, elegante e sincera
Lulu Santos

Os caminhos possíveis para nossa caminhada são amplos e diversos e a proposta é traçar algumas possibilidades para trabalhar com a ecosofia. O contexto de crise ambiental fez com que as questões que envolvem relações entre seres vivos e destes com o meio ganhasse espaço na ciência, trazendo a ecologia como projeto científico. A ecologia pode ser entendida como o estudo do "lar-terra" e das relações que interligam todos os seus membros. O pensamento ecológico é alimentado pela concepção do ecossistema como uma comunidade de organismos em suas interações físicas e ambientais, formando, ao mesmo tempo, uma unidade ecológica, não linear e de seres interdependentes (Capra, 2006). Para alterar percepções antropocêntricas e inférteis para a vida, os próximos passos vão em direção ao pensamento ecossistêmico e sua proposição de vida enquanto teia.

O Pensamento Ecossistêmico e a Teia da Vida

A vontade de controle, de domesticar e de dominar o outro geram o que Capra (2006) chama de "crise de percepção", uma visão fragmentada da realidade. Nossos problemas são sistêmicos "[...] o que significa que estão interligados e são interdependentes [...]" (Capra, 2006, p. 23). Nesse sentido, uma epistemologia das Ciências Ambientais precisa partir da elaboração de um pensamento sistêmico, o qual compreende que um sistema vivo surge das interações e das relações entre as partes, ou seja, ele coloca a análise em um contexto, onde o todo e as partes se influenciam, sendo que o todo é mais que a soma de suas partes

(Morin, 2006). Valorizador das interconexões, o pensamento ecossistêmico concebe a vida como formadora de uma teia, redes dentro de redes, sem dominação: "[...] na natureza, não há 'acima' ou 'abaixo', e não há hierarquias. Há somente redes aninhadas dentro de outras redes" (Capra, 2006, p. 45).

O pensamento ecossistêmico assume uma visão holística da realidade, entendendo o planeta como um todo integrado (Gaia). Pensar a existência humana a partir de tal concepção nos faz compreender que o sistema nervoso interage com o meio ambiente e assim tem modulada continuamente sua estrutura. Nosso pensamento é acompanhado por processos e sensações que temos a partir da interação com o meio, realimentada de forma contínua, o que é essencial para o viver. Somos compostos e compositores de um sistema vivo (Capra, 2006; Lovelock, 2006).

Num sistema vivo, os componentes mudam continuamente, partindo de três critérios: padrão, estrutura e processo. O padrão caracteriza-se como a configuração de relações que determina as características essenciais do sistema. A estrutura é a incorporação física do padrão de organização do sistema, enquanto o processo vital coloca-se como a atividade envolvida na incorporação contínua do padrão de organização do próprio sistema (Capra, 2006). Segundo Capra (2006), os sistemas vivos são autônomos, mas interagem com o meio ambiente através de intercâmbios de energia e matéria.

Pensar e agir ecossistematicamente é compreender que o padrão produz essências, a estrutura dá firmeza, mas não engessa e o processo é a autoprodução, que, geradora de novidades, faz avançar o processo da vida e do viver de quem participa do sistema. Em suma, a práxis ecossistêmica é a ecosofia enquanto composto e compositora de histórias e destinos, agindo para isso no tempo, no espaço, no território e nas fronteiras que constituem seres e saberes.

O pensamento ecossistêmico e sua ancoragem na proposta da vida em redes pressupõe uma autopoiese ou autocriação dos organismos vivos. Autopoiese pode ser entendida como um

padrão de rede no qual cada um dos componentes participa da produção ou da transformação dos demais componentes da rede, desta forma, ela cria a si mesma constantemente. Ou seja, ela se autoproduz e elabora seus componentes por meio deles mesmos (Capra, 2006).

As redes autopoiéticas devem regenerar a si mesmas continuamente para manter sua organização. A matéria que flui continuamente através do organismo, mantém o sistema estável, mas também o modifica, concomitantemente. Pode parecer uma simples mudança de visão sobre os organismos e suas inter-relações, porém, isto influencia determinantemente no processo de conhecer (cognição), que entende a auto-organização do sistema vivo, em todos os níveis, através da atividade mental, dos processos e de suas estruturas.

A percepção proposta por Capra (2006) dialoga com a ecosofia, pois abraça os fluxos e seus componentes e a impermanência própria da vida. A natureza transforma-se em algo além do mercadológico e maquínico, apresentando-se como o humano: imprevisível, sensível ao mundo que a circunda e influenciada por pequenas flutuações. A ecosofia assume a irremediável condição do humano como natureza.

Ao se compreender a teia da vida como uma estrutura em muitas camadas de sistemas vivos aninhados dentro de outros sistemas vivos (redes dentro de redes), entende-se que toda e qualquer ação pode alterar de forma determinante a organização ecossistêmica. Em todos os lugares os componentes interagem entre si em diferentes magnitudes, gerando a co-criação contínua da vida (Capra, 2006).

A visão ecossistêmica é ecosófica em sua essência, pois pensa formas de coabitar que integram, interinfluenciam-se e recriam possibilidades coexistenciais. Desta forma, podemos falar em uma coevolução que, segundo Capra (2006), pode ser entendida como "[...] uma dança em andamento que procede por intermédio de uma sutil interação entre competição e cooperação, entre criação e mútua adaptação" (p. 182). Ou seja, conflitos e colaborações fazem

parte deste habitar comum da casa, que sabiamente faz coevoluir a todos que aqui residem.

Reconhecer a simbiose evolutiva como uma força possui implicações filosóficas profundas, pois todos os organismos são testemunhas vivas de que práticas destrutivas não se sustentam no longo prazo. É "natural" os agressores destruírem a si mesmos, abrindo caminho para aqueles que sabem cooperar. A vida pode ser muito menos uma luta competitiva pela sobrevivência do que um triunfo da cooperação e da criatividade (Capra, 2006).

Criatividade e cooperação são essenciais para inserir o humano na teia da vida, o que, por sua vez, é requisito para recuperar a plena humanidade. Reconectar o ser humano à teia é essencial, pois ela oferece a segurança de viver a vida em seus fluxos, linguagens, culturas, desafios e possibilidades (Capra, 2006; Maturana, 1990).

A ecosofia pode ser entendida como uma tecedora, que através de sensibilidades, normas, princípios e vasos comunicantes ou registros ecológicos compõe cenários para os atores que coabitam a teia. Através de seus genes e seus *plugins,* práticas ressignificativas podem ser tecidas, levando à construção de novas existências, cada vez mais interconectadas com o outro (humano e não humano). Entre tempos, espaços, ciências, saberes, autores e atores, é na ecosofia que reside um potencial constitutivo que pode fortalecer a teia e quem por ela navega, sendo ao invés de uma armadilha para captura e aniquilação, um mosaico inter-relacional pulsante e forte. Ao ser concebida em Teia e dialogar com a ecosofia, a vida requer investir no saber ambiental, o qual merece uma atenção especial.

Saber Ambiental

Segundo Leff (2006), o saber ambiental agrega o científico, o econômico e o tecnológico, os quais são próprios da modernidade, mas também conjuga saberes marginalizados e subjugados pela centralidade do cientificismo. Parte-se, então, da concepção de que o ambiente não é somente ecologia "[...] mas a complexidade do

mundo; é um saber sobre as formas de apropriação do mundo e da natureza através das relações de poder que se inscreveram nas formas dominantes de conhecimento [...]" (Leff, 2006, p. 17).

O saber ambiental coloca em confronto racionalidades e tradições com possibilidades novas e criações de outridades, dando espaço à alteridade do conhecimento. Esta atitude possibilita inserir a complexidade ambiental através de diferentes áreas, integrando o emergente com o já cimentado pela ciência. Ou seja, tal saber conjuga possibilidades que envolvem o ser e seu ambiente (Leff, 2006; 2012).

O saber ambiental não está pronto e sim em constante produção conforme o contexto ecológico e sociocultural, o que o caracteriza como necessariamente inter ou transdisciplinaridade. Por sua racionalidade aberta, converte-se em um espaço de diálogo com a incerteza e com a desordem, com o inédito e o virtual (futuros possíveis), incorporando assim, a pluralidade axiológica e a diversidade como formas de conhecer e transformar a realidade (Leff, 2006).

O saber ambiental problematiza a própria ciência e sua fragmentação, sem ignorar as relações de poder que o atravessam. A direção proposta é a de inserir saberes "não-científicos" na ciência, abrir espaço para novas matrizes de sentido e construir novas racionalidades teóricas, sociais e produtivas. Para que isso seja possível, são necessárias novas significações sociais, permeadas por novos modos de subjetividade e de posicionamento ante o mundo, seja pelo indivíduo, pela sociedade ou pela ciência (Leff, 2006). A proposta ecosófica possibilita esses diálogos entre saberes, indivíduos, grupos, meio ambiente e demais componentes da vida, a fim de criar territorialidades para ser e fazer nos diferentes espaços.

Entre as forças do saber ambiental, a valorização do singular, do subjetivo e do pessoal contribui especialmente com a ecosofia, assim como a proposta de encontro (enfrentamento, entrecruzamento, hibridação, complementação e antagonismo) de saberes diferentes e diversos (Leff, 2006).

Por meio do saber ambiental "[...] flui a seiva epistêmica que reconstitui as formas do ser e do pensar para apreender a complexidade ambiental" (Leff, 2006, p. 192). Seja através da seiva bruta ou da seiva elaborada, o saber ambiental possibilita pensar uma ecosofia plural e singular, racional e sensível, complexa e inter-relacional no que se refere às formas de vida individual, coletiva e planetária.

Trabalhar com o saber ambiental é atentar para as possibilidades ecotecnológicas de produção, que através da interdisciplinaridade podem gerar usos mais sustentáveis de recursos. Tais processos inserem-se na construção de uma racionalidade não mais econômica ou mercadológica; é ambiental, caracterizando-se como um processo social e político que passa pela reordenação de tendências consumistas, pela ruptura de barreiras institucionais e epistemológicas e pela criação de outras formas novas de organização produtiva e científica, compreendendo o ambiente em suas transversalidades constitutivas e pulsantes (Leff, 2006, 2000).

As constelações de saberes e de instrumentos de diversas disciplinas direcionam o saber ambiental para uma atuação de fim prático na resolução de problemas concretos e do "desenvolvimento" alternativo. A racionalidade ambiental que emerge daí pode orientar as pesquisas e a aplicação dos conhecimentos científicos e técnicos através das políticas científico-tecnológicas inter/transdisciplinares (Leff, 2001, 2006, 2012).

A racionalidade ambiental contempla uma práxis diferenciada, pois nela "[...] são gerados novos princípios, valores e conceitos para uma nova racionalidade produtiva e social, e projetos alternativos de civilização, de vida, de desenvolvimento" (Leff, 2001, p. 151). A racionalidade enquanto forma de reorientação produtiva e o saber ambiental enquanto epistemologia reconstrutiva das relações do humano com o meio se complementam, pois articulam-se assim os campos culturais, ecológicos, econômicos e tecnológicos, envolvendo diferentes atores com suas visões de mundo. Segundo Leff (2000), "[...] o saber ambiental é gerado num processo de conscientização, de produção teórica e de pesquisa científica [...]" (p.

152). Nesse sentido, a ecosofia pode retroalimentar(se) do saber ambiental, pois este transita e dialoga com os mais altos níveis de abstração conceitual, mas também com o saber mais prático do cotidiano. Pode-se dizer que ele leva a marca das suas diferenças, sem uma fusão perfeita, mas repleta de permeabilidades e fios mestiços que se entrelaçam, tecendo linhas de sentido, forças sociais e ambientais capazes de originar uma nova ordem, entre o sensível e o inteligível. Dessa trama emerge a possibilidade de uma episteme ambiental (Leff, 2000).

O saber ambiental é uma racionalidade também pedagógica, que baila com diferentes lógicas, o que induz à criatividade e à ação solidária para a construção de um novo saber, de novas mentalidades e sabedorias, por isso, ecosofias. Por meio da ecosofia, é possível pensar novos territórios existenciais, construtores de sentidos coletivos e de identidades compartilhadas. O saber ambiental de Leff não se intitulava ecosofia, mas indicava a mesma direção: a construção de uma sabedoria do viver, que leva em conta as partes e o todo, transpõe dicotomias e atua em comunhão.

Ao tratar da teia, do pensamento ecossistêmico e do saber ambiental, observa- se que outras lógicas emergem e criam novas possibilidades para o viver. Dentre as mapeadas pelo caminhar do pesquisador, emerge o decrescimento, que, para além da lógica, adentra o campo da ação prática, limpando e cultivando terrenos que visam a sustentabilidade futura. Seguimos pela proposta de decrescer para sustentar.

Decrescimento

Avanços teóricos e ações práticas se complementam na proposta do decrescimento, o qual tem como meta enfatizar o abandono do crescimento econômico ilimitado. O sistema precisa começar a mudar sua lógica, decolonizando imaginários, pois do contrário, nosso crescimento econômico excessivo se chocará ainda

mais com a finitude da biosfera e com a capacidade de regeneração da Terra (Latouche, 2009).

O problema está posto e passa, inevitavelmente, pela política, a qual o decrescimento despende atenção. Ele propõe um projeto político baseado em uma análise realista da situação, que busca coerência teórica e prática, partindo dos muitos "Rs": reavaliar, reconceituar, reestruturar, redistribuir, relocalizar, reduzir, reutilizar, reciclar etc. Dessa forma, foge-se da lógica politiqueira e partidária, renovando a "velha" forma dos ecologistas, ao pensar globalmente e agir localmente, intencionando com a inovação política e a autonomia econômica, principalmente em nível local, encontrando possibilidades de se consumir menos e se aproveitar mais o que a Terra oferece (Latouche, 2009).

As formas supracitadas de decrescimento são algumas das possibilidades, pois esse conceito prático é revolucionário, não enquanto guerra civil ou derramamento de sangue, e sim como mudança radical da cultura, das estruturas jurídicas e de relações de produção. Ele se posiciona como conceito prático pois avança na elaboração de proposições concretas, tendo pilares essenciais como: o resgate de uma pegada ecológica igual ou inferior ao que o planeta suporta, agricultura que busque ser local e o mais natural possível, criação de ecotaxas dos custos ambientais existentes na produção, impulsionamento da "produção" de bens relacionais, como a amizade e o conhecimento, redução dos desperdícios de energia, dentre outras possibilidades (Latouche, 2009).

As propostas decrescentes versam sobre materialidades, mas não somente, pois, segundo Latouche (2009), é preciso reencantar, redescobrindo o tempo livre e ocioso, criando assim novas formas de pensar e agir para e com o meio. Dessa forma, decrescer é uma tarefa ecosófica, tanto pela limitação de recursos disponíveis quanto pela força de ampliação do escopo de objetivos de vida, que, para além do crescimento e do consumismo, pode ser o ato de viver sabiamente com o tempo, com o espaço, consigo, com o outro e com o meio, sempre buscando equilíbrios e fluxos que

potencializam a vida e não a sua exaustão. Ou seja, trata-se de iluminar e aquecer a vida.

Decrescer e transmutar-se em diferentes níveis são possibilidades para reinventar existências, as quais quando permeadas pela ecosofia, pressupõem equilíbrio, dinamicidade e fluxo intenso de vida. O humano não precisa dominar o território pelo qual passa e no qual vive, mas sim compreender-se como um ser que faz parte dele, junto com outros na constituição da vida em Gaia. Para isso, é preciso decolonizar-se. É nesta direção que seguimos.

Decolonialidade

O modo moderno de habitar a terra, é um modo colonial, visto que compreende que certos seres humanos e seus vieses ocidentais, mercadológicos e capitalistas se expandiram e construíram racionalidades e subjetividades que perduram até hoje. Neste sentido, o colonialismo impõe uma lógica de domínio, dicotomização e apropriação do outro (humano não "ocidentalizado" e o não humano) como recursos para obtenção e acumulação de capital (Ferdinand, 2022).

Este habitar colonial possui princípios, fundamentos e formas. Os primeiros compreendem uma exploração dos não humanos e o altericídio dos humanos não ocidentais ou não ocidentalizados. Em seus fundamentos, encontram-se a usurpação da terra, o desmatamento e desbravamento dos não humanos, enquanto a morte ou a escravidão dos humanos (domínio sobre corpos e mentes) justifica-se em prol desta vida "correta". Por fim, em suas formas, a propriedade privada, a monocultura e a subjugação escravista do outro das mais diferentes maneiras, estruturam o modo de vida colonizado e colonizador (Ferdinand, 2022).

Para Krenak (2021), o pensamento e a lógica colonial são compostos por essa razão ocidental que imprime sentido em outros mundos diferentes dos seus e criam sujeitos que vão ser a imagem e semelhança do que o colonizador propõe. Este pensamento objetiva negar aos latino-americanos a pluralidade e a criatividade inventiva

dos diversos povos que compuseram e ainda compõem o continente, pois preza pela "europeização" cultural. O colonialismo em sua materialidade constitui-se na violência contra os diferentes ambientes e eliminação do outro (Ferdinand, 2022).

Para falar em ser decolonial, é preciso iniciar pelo pensamento de ruptura com o modo moderno e ocidental de governar corações, mentes e corpos. Pode-se partir do respeito ao outro e da memória do que vem antes da colonialidade, como forma de emancipação do puro materialismo e entendimento do humano enquanto ser natural, componente e compositor da natureza. Pensar por si próprio, abrindo-se para experiências e saberes novos, assim como para cosmovisões memoriais de povos que viviam e ainda vivem de forma diferente, pode ser um início promissor para o decolonialismo (Krenak, 2021; 2020).

A ecosofia potencializa a decolonização, pois abrange em seu escopo práticas disruptivas e diferentes das dominantes. Ela proporciona, ao pensar os humanos e seus meios (registros, sensibilidades, normas e princípios) a proposta de reciprocidade, colocando-nos "[...] entre aqueles que propõem que nos juntemos para pensar mundos" (Krenak, 2021, p. 78). Pensar mundos ecosóficos não é tarefa "replicativa", mas sim inventiva, criadora e calcada na biodiversidade, coisas que o colonizador não respeita e nem sequer compreende, como afirma Ferdinand (2022).

Decolonizar é colocar em pauta os saberes ambientais e a partir deles trabalhar. Pode ser também utilizar o ciberespaço e outras ferramentas disponíveis a fim de criar, a seu próprio modo, outras lógicas mais equilibradas ecossistematicamente. São muitas possibilidades, mas o cerne é compreender e criar visões próprias e singulares do mundo, distantes das pré-fabricações ocidentais e dominantes.

Os processos de decolonização de saberes e práticas pressupõem outras lógicas produtivas, as quais, embora diversas, complementam a proposta de descrescimento. Esse diálogo ganha força e se alimenta da ecosofia podendo avivar as Ciências Ambientais. Nesse sentido, o Bem Viver emerge como uma

possibilidade potente para apreciar e degustar sabiamente e ecosoficamente o trajeto que compõe o habitar em Gaia. Essa é nossa próxima parada!

Bem Viver

O Bem Viver é uma construção coletiva do sentido da vida que se afirma no equilíbrio e na convivência entre os seres. Nesse sentido, indivíduo, sociedade, planeta e tudo o que o compõe se relacionam de maneira íntima, inter e transpessoal (Acosta, 2016).

O Bem Viver supera o desenvolvimento tradicional. Trata-se de um bem conviver com a natureza, construindo outras sociedades, sustentadas na harmonia das relações entre humanos consigo e com a natureza. A recuperação de cosmovisões indígenas e suas solidariedades são incentivadas, principalmente no que tange a vida comunitária e a busca pela autossuficiência e autogestão com base na comunidade, buscando assim uma integração entre direitos humanos básicos e direitos da natureza (Acosta, 2016).

Enquanto filosofia de vida, o Bem Viver abre as portas para a construção de um projeto emancipador, que parte da reconstrução utópica do futuro a partir da visão andina e amazônica. Ele não produz visões dogmáticas ou excludentes, tampouco elabora propostas fechadas e indiscutíveis; antes disso, busca complementações e inclusões de propostas provenientes de diversas latitudes e longitudes. Pode-se dizer que o Bem Viver se posiciona como um ponto de partida no estabelecimento democrático de sociedades sustentáveis (Acosta, 2016).

O Bem Viver forja-se na interculturalidade, na relacionalidade e na complementaridade de todos os seres vivos (humanos e não humanos). Não é um simples conceito, mas uma vivência, que busca "[...] impulsionar uma vida em harmonia dos indivíduos em comunidade como parte da Natureza" (Acosta, 2016, p. 83). Ele é uma ética da suficiência para toda a comunidade, uma transição do

antropocentrismo para o sociobiocentrismo, sendo plural em sua essência e em sua nomenclatura, pois é possível pensar e enxergar bens viveres e bons conviveres, de comunidades entre si e com a natureza (Acosta, 2016).

Uma outra economia é exigida pelo Bem Viver, baseada na sustentabilidade e na solidariedade. Os objetivos econômicos devem estar subordinados às leis dos sistemas naturais. A execução de tal tarefa será o motor da realização das necessidades humanas, levando em conta os direitos da natureza (de existir, ser respeitada, preservada e de prosperar), visto que no final das contas, somos natureza (Acosta, 2016).

Segundo Acosta (2016), como forma "palpável" de organização e efetivação, o Bem Viver possui as seguintes diretrizes básicas: a) Frear a aceleração do despojo às comunidades; b) Reduzir a dependência do petróleo e da mineração; c) Reduzir o desperdício e desacelerar o aumento da entropia; d) Impulsionar a redistribuição de renda e da riqueza; e) Mudar os padrões tecnológicos e incentivar alternativas locais. Tais diretrizes podem ser ampliadas ou novas acrescentadas e, desta forma, podemos dizer que "O Bem Viver será para todos e todas. Ou não será" (Acosta, 2016, p. 240).

As propostas colocadas em discussão por Acosta (2016) sobre o Bem Viver demonstram possibilidades múltiplas, que dialogam em sua multiplicidade com a ecosofia. Mudanças de padrões, diálogo de saberes, reflexão e práticas conectadas ao meio e respeito à diversidade na constituição de sociedades sustentáveis interligam ambos conceitos. Ou seja, a cooperação entre ambos pode ser vista como uma simbiose de interesses e desejos, capazes de transformar os modos como vivemos.

A cooperação é essencial para o Bem Viver e sua efetivação, principalmente no que tange recuperar e fortalecer instituições ancestrais, as quais podem retroalimentar as modernas, buscando estabelecer condutas baseadas na reciprocidade, na redistribuição e na solidariedade. Nesse sentido, buscar formas de emprego pleno e digno, uso eficiente de energia, espaços democráticos para vozes

e vieses discordantes e integrar de forma solidária os mais diferentes povos faz parte do horizonte utópico que pode vir a se tornar realidade (Acosta, 2016).

A comunidade interliga o indivíduo a um grupo, à sociedade e a si mesmo, pois valores e práticas compartilhadas significam a existência. A comunidade, por sua vez, precisa interligar-se à natureza, buscando com ela tecer relações igualitárias e equitativas, pois do contrário, as lógicas produtivas e sociais seguirão com laços frágeis e não transformantes. Pode parecer simples utopia, porém, enquanto um rascunho a ser elaborado coletivamente e continuamente, o Bem Viver acolhe a perspectiva da construção coletiva e contínua, pois por ser um projeto de vida "[...] solidário e sustentável, deve ser uma alternativa imaginada coletivamente, conquistada e construída politicamente, e executada democraticamente a todo momento e circunstância [...]" (Acosta, 2016, p. 198).

O Bem Viver possibilita a construção de conhecimentos vinculantes do ancestral e do moderno, supera distâncias entre teorias e práticas e fornece novas possibilidades de vida, com constância, humildade e vontade de transformar e transformar-se. A ecosofia se inspira no Bem Viver e pode ser inspiradora dele, repensando sabedorias e certezas já cimentadas na busca de reconstruções possíveis, que passam pela ética, pela estética, pelas subjetividades individuais e coletivas, partindo de emergências subterrâneas na construção de novas formas habitativas.

Falamos em sobreviver, mas a ecosofia vai além disso, pois reflete sobre como viver. Dessa forma, propõe-se que nos transformemos em fluidez e fluxo, que "[...] sejamos água, em matéria e espírito, em nossa movência e na capacidade de mudar de rumo, ou estaremos perdidos" (Krenak, 2022, p. 27). A proposta ecosófica faz com que as lógicas de vida sejam transformadas, e também as científicas, fluindo em estado de rio, com suas interconexões e possibilidades múltiplas de existência. Sendo assim, conforme nos sugere Krenak (2022), é preciso gerar alianças afetivas entre mundos não iguais, permeados por alteridades e empatias que deslizam em diferentes dimensões, para assim

tatearmos e adentrarmos no terreno do Bem Viver. À ciência cabe ser protagonista neste chão.

É preciso repensar a própria ciência e seus rumos contemporâneos, afinal, como afirma Santos (2004), ela é um eixo central das lógicas aplicadas pela humanidade nas últimas décadas. Sendo assim, inferir desafios e possibilidades científicas na formação da ecosofia e de suas práticas coloca-se como um fluxo práxico a ser explorado.

Ciência

Leff (2006) afirma que a ciência não vive e não é feita em um vazio ideológico. As lógicas científicas modernas serviram e ainda servem, em larga escala, aos princípios mercadológicos e utilitários, se autodenominando neutras em diversas oportunidades, mas servindo ao sistema posto e imposto pelo capital. Como afirma Morin (2014), "[...] a ciência tornou-se poderosa e maciça instituição no centro da sociedade, subvencionada, alimentada, controlada pelos poderes econômicos e estatais [...]" (p. 19). Nesse sentido, pode-se observar que o modelo moderno e disciplinar que a ciência produziu já foi largamente criticado e precisa ser superado, pois articular diferentes saberes, habilidades e competências é um desafio posto para diferentes searas da vida, envolvendo a ecosofia em seu cerne.

O fazer científico precisa se interrogar sobre suas estruturas ideológicas e se aventurar pelo autoquestionamento de sua pessoalidade, visto que ela é resultado de/e retroalimenta técnicas, sociedades, mercados e estados. A neutralidade e objetividade, outrora defendidas, podem dar espaço ao intuitivo e à imaginação científica que, eliminada por não ser claramente definida, está na origem de todas as construções científicas. A ciência está sempre em movimento, em ebulição e essa é sua maior potência, mesmo que ignorada pelo viés utilitarista e mercadológico (Lovelock, 2022; Morin, 2014).

A ecosofia é potencializada e potencializa a ciência, visto que parte de uma ecoprodução que admite a possibilidade de erro, a biodegradação conceitual, do movimento e do fluxo que compõem os conceitos, os métodos, seus resultados e as conclusões sempre impermanentes e parciais do mundo conhecido e concebido. Conforme sugere Morin (2014), "[...] a fecundidade da atividade científica está ligada ao fato de ela ser motivada por fenômenos antagonistas ou contraditórios, por mitos, por ideias e por sonhos [...]" (p. 54). Eis aqui a possibilidade de fazer uma ciência ecosófica criativa e fecunda do porvir.

Morin (2014) sugere a complexidade como uma característica da ciência e mesmo como um paradigma para a contemporaneidade. Para o autor, complexidade comporta incerteza, não linearidade, motivação para pensar e repensar o fazer científico, mas não é uma simples receita. O pensamento complexo tenta dar conta da incompletude e luta contra a mutilação. Tende para o conhecimento que reconhece e respeita a multidimensionalidade do conhecer. A complexidade possui uma organização recursiva, autoprodutiva e autorganizativa. O complexo é o que está junto e é tecido por diferentes fios e saberes que se entrecruzam. Sendo assim, "[...] tudo se entrelaça para formar a unidade da complexidade; porém, a unidade do *complexus* não destrói a variedade e a diversidade das complexidades que o teceram" (Morin, 2014, p. 188).

A complexidade científica confunde as fronteiras nítidas dos conceitos dualistas e se fundamenta na dialogia entre imaginação e verificação, empirismo e realidade. Primeiro a complexidade é confusão desafiante. Ao avançarmos pelas suas avenidas percebemos ligações, esquinas, rodovias e redes de transporte que levam o conhecimento a abrir possíveis diálogos, sem necessariamente concluir ou finalizar algo. Sendo assim, em sua genética, a complexidade é multidimensional, temporal e transitória, atuando por meio da junção de conceitos e de seu reordenamento constante (Morin, 2014).

A complexidade aplicada à ciência ajuda-nos a conceber desvios, errâncias, aniquilamentos e enriquecimentos nos

diferentes conhecimentos produzidos. O objetivo do conhecimento é abrir(se) para o diálogo, o que é complexo em sua essência e pressupõe uma rearticulação entre o que foi separado. Ele não é um objeto puro, mas sim percebido e coproduzido por nós, tecido junto e, por isso, complexo (Morin, 2014).

A ecosofia é um convite à errância na complexidade. Mesmo que feita individualmente e como série de normas e princípios pessoais conforme sugere Naess (2008), ela pressupõe uma abertura e respeito para com o outro e uma articulação entre disciplinas, que parte de negociações entre o desconhecido e o vivido. É uma responsabilidade que ao ser criativa e singular, precisa dialogar com o tecer junto mundano, conforme a proposta de Morin (2014).

A ciência e sua racionalidade podem beber na fonte da complexidade para compreensão e aprofundamento das dimensões bioantropológicas e biossocioculturais. Ao reconhecer a ordem-desordem, a oposição e a complementaridade nas trocas comunicativas entre agentes e saberes, o trânsito inteligente e afetivo pelo real (que transcende o racional) complexifica-se e incorpora múltiplas óticas, seres, ambientes e processos envolvidos entre todos os entes presentes (Morin, 2014).

A ecosofia parte de uma interrogação sobre como convivemos em nossa casa, refletindo e agindo sobre diferentes categorias constitutivas do ser. Neste sentido, ela tem muito a ganhar com a complexidade científica proposta por Morin (2014), principalmente a partir de novos modos de interrogar e dialogar com o mistério do mundo, sua instabilidade e suas mutações. Conceber a impureza dos objetos do conhecimento e da própria história/trajetória humana no planeta é algo pertinente, visto que o universo cria, desenvolve e destrói o ambiente no qual vivemos, sendo o meio um lugar de surgimento de acontecimentos complexos, nos quais nos inserimos e participamos ativamente. A ecosofia pode, então, suavizar nossa inserção e coparticipação nos eventos, equilibrando relações e tecendo uma sabedoria complexa por entender sua incompletude, sua multifocalidade e sua força intensa e reconstrutora da vida e do viver.

A ciência, e mais especificamente aquela que dialoga com a ecosofia ou se posiciona como ecosófica, atenta para a auto-organização. Seus sistemas são abertos às mudanças internas e externas, possuindo autonomia para se autotransformar, visto que indivíduo, sociedade e meio se retroalimentam constantemente. Por isso, mesmo que o objeto de estudo seja o humano e seus territórios existenciais junto com os meios pelos quais constituem a vida, é preciso atentar para estes eventos extra e intra humanos, afinal, "[...] podemos conceber que o homem seja um ser físico, biológico, cultural e psíquico [...]" (Morin, 2014, p. 288).

A ciência, ao preocupar-se com a vida complexa, busca compreender e gerir processos de ordem, desordem e organização; de emergência, retroação e recorrência; de autonomia e dependência. Os humanos, dotados de consciência e linguagem, tomam decisões, constroem seus próprios caminhos e afetam direta e indiretamente o mundo (Morin, 2014); por isso a perspectiva ecosófica torna-se importante no tempo contemporâneo, pois além da responsabilidade, auxilia-nos no entendimento, na aceitação e na transformação da realidade a fim de fazer-nos mais sábios no processo de habitar nossa casa, o planeta Terra.

A complexidade científica cobra articulação entre diferentes ciências e saberes. Tal articulação está pautada e prima pela troca (importação e exportação) de conceitos e paradigmas, assim como aplicação de objetos teóricos de um campo do conhecimento a outro. Dessa forma, é possível reelaborar conceitualmente, metodologicamente e epistemologicamente saberes científicos, partindo do trânsito de interciências para novas constituições científicas (LEFF, 2006). O exercício ecosófico dialoga claramente e intimamente com tais ideias.

Uma proposta inicial na busca de uma articulação das ciências é a interdisciplinaridade, a qual se propõe uma metodologia, tanto para o avanço do conhecimento quanto para a resolução de problemas práticos envolvendo diferentes campos e disciplinas científicas. Colocar diversas ciências e cientistas a dialogarem em torno de uma problemática comum, criando, a partir daí, um saber

conjunto que interliga (não apenas soma) saberes disciplinares distintos; é uma prática científica já aplicada, mas que pode e precisa ser dinamizada e aprofundada, atravessando os diferentes eixos formativos institucionais e não institucionais (Leff, 2006).

O projeto interdisciplinar gera um campo de integração de sujeitos, práticas, subjetividades, técnicas, políticas e métodos em interações múltiplas, tanto de confluência quanto de atrito. Ser e produzir ciência de forma interdisciplinar não é eliminar o papel de cada disciplina, mas buscar integrá-las, a fim de tecer um saber complexo sobre o que se estuda (Leff, 2000, 2006).

A ecosofia parte da interdisciplinaridade na busca de criar formas mais sustentáveis de habitar o planeta, o que pressupõe uma cooperação entre cientistas e suas ciências. Porém, ela abre brechas para desafios ainda mais audaciosos e propõe-se transdisciplinar, que, para além de assimilar os saberes disciplinares e interligá-los, busca a descentralização e o deslocamento de objetos teóricos e práticos em busca de novos conhecimentos, que transpõem os limites disciplinares (Leff, 2006).

Um passo além da interdisciplinaridade está a transdisciplinaridade, a qual não possui contornos claros, sendo um conceito opaco, muito por conta dos problemas de percepção criados pelo cientificismo dominante. Ela pode ser definida como um processo de intercâmbios entre diversos ramos e campos do conhecimento científico, nos quais se transferem conceitos, métodos, termos e corpos teóricos inteiros para outros, os quais são assimilados e incorporados pela disciplina importadora. Ao se fazer esse movimento, a disciplina que importa conhecimentos transforma-se em um processo contraditório de avanço/retrocesso do conhecimento induzido, o que faz o desenvolvimento das ciências avançar e transmutar-se constantemente em novos saberes não enclausurados em uma ou duas disciplinas (Leff, 2006).

Para exercitar a ecosofia científica, é preciso criar objetos e objetivos de pesquisa que além de desafios técnicos, sociais, ambientais ou subjetivos, pense e experimente problemas existenciais multifocais. Fazer ecosofia é transpor limites, subverter lógicas e

adentrar campos de experiência que ultrapassam disciplinas científicas e desafiam saberes já constituídos, multiplicando problemas, propostas e ações para se trabalhar na superação da crise ambiental e de outras crises que a acompanham e formam-na (sociais, ecológicas, subjetivas etc.). Não se trata de imaginar soluções simples, mas atividades que atuem na busca de superar os desafios impostos.

Fazer ciência é, em suma, o que se deseja. Pensar um modo próprio de articulação de saberes para produzir conhecimento científico entrelaçado com as experiências do pesquisador foi um exercício realizado até aqui e que será aprofundado. Nesse sentido e usando como inspiração Guattari, Naess e Maffesoli, assim como todos os outros autores "plugados" à ecosofia, parte-se na jornada que mistura diferentes elementos e complexifica o pensar, preparando o terreno para adentrar nas reflexões mais profundas sobre a ecosofia e os movimentos inventivos na área das Ciências Ambientais. Essa tarefa inicia-se pela análise da última versão publicada do documento de área para, a partir dela, elaborar quatro linhas epistemológicas, a fim de enriquecer o campo.

As Ciências Ambientais em suas Transversalidades

Segundo a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a área das Ciências Ambientais parte da necessidade de abordar desafios ambientais, considerando a interação entre sistemas antrópicos e naturais que emerge no mundo contemporâneo. Tal ponto de partida demonstra-se profícuo e levou a um aumento de programas de pós-graduação, de 56 existentes em 2011, para 137 em 2019. Este contexto evidencia o ganho de importância das temáticas que compõem as Ciências Ambientais (Capes, 2019).

Por trabalhar com contextos sociais e ambientais diversos, a área emerge como multidisciplinar e ganha, no decorrer de sua história, um caráter interdisciplinar. No entendimento da Capes (2019), a interdisciplinaridade nas Ciências Ambientais é uma emergência "[...] oriunda de grandes problemas contemporâneos, dentre os quais as

questões ambientais, que requerem nova epistemologia baseada na complexidade que demanda colaboração e coprodução entre diversos campos de conhecimento" (p. 5). Dessa forma, segundo o órgão, é preciso compreender que a interdisciplinaridade agrega diferentes áreas do conhecimento em busca de entendimento comum e envolvimento direto de seus interlocutores. Ou seja, ela cobra interações entre saberes, instituições, pesquisadores, programas e territórios (Capes, 2019).

A interdisciplinaridade nas Ciências Ambientais não é meramente a contribuição de conhecimentos técnicos ou instrumentais para práticas de pesquisa ou de intervenção na natureza, mas uma geradora de novidades, capaz de construir novos saberes na busca por soluções para os problemas advindos da relação entre sociedade e natureza. Tal concepção parte dos próprios problemas de pesquisa da área, os quais tangenciam atividades sociais, econômicas, tecnológicas, entre outras. Dessa forma, compreende-se que competências acadêmicas específicas são insuficientes e acabam gerando conhecimentos fragmentados, ou seja, é preciso lançar mão da interdisciplinaridade, construindo saberes que resultem em produtos técnicos e tecnológicos, assim como publicações que estejam conectadas às demandas sociais e territoriais diversas (Capes, 2019).

Segundo a Capes (2019), diferentes perspectivas e convergências entre conhecimentos distintos são possibilidades importantes para as Ciências Ambientais. Sendo assim, a práxis científica do campo, enquanto interdisciplinaridade, identifica- se como método e atitude na produção de conhecimento. A intenção é que sobreposições sejam eliminadas e complementaridades sejam construídas, visto que para a área, a interdisciplinaridade é entendida "[...] como uma proposta que busca aproximação entre as ciências da natureza e as sociais, dando flexibilidade para análise das questões relevantes na interface ambiente e sociedade" (Capes, 2019, p. 10).

Sob a perspectiva das Ciências Ambientais, a interdisciplinaridade não é um simples somatório ou combinação entre ciências, mas um método de construção do conhecimento que

parte de uma problemática complexa e trata da fragmentação de saberes. Por isso, pesquisas, pesquisadores e programas de pós-graduação precisam integrar tal proposta e metodologia aos seus fazeres (Capes, 2019). Nesse sentido, as inferências interdisciplinares da área estão próximas do que propõem Morin (2006) e Leff (2006).

Para a Capes (2019), as atuações dos programas devem enveredar cada vez mais em direção à proposição de soluções. Neste sentido, para consolidação da área, é preciso perpassar problemas atuais, formar recursos humanos altamente qualificados, ampliar o escopo de publicações e a cooperação técnico-científica e de parcerias entre universidade, empresas, setor público e sociedade civil, valorizando a inovação e os impactos acadêmicos advindos de programas de pós-graduação e suas respectivas pesquisas.

As propostas do documento de área das Ciências Ambientais interconectam-se ao exposto até aqui, tendo em vista que diferentes saberes são tangenciados e ampliados em conexões múltiplas, dialógicas e férteis na busca de movimentos inventivos. Esse contexto e a visão de que a área pode ampliar ainda mais seu escopo e suas miradas, fazem emergir linhas transversais e ecosóficas que propomos a seguir para as Ciências Ambientais, as quais formam um tecido amplo, colorido e diverso, buscando cobrir espaços deixados em aberto, proporcionando a respiração de múltiplos saberes, geradores de linhas, redes, teias e alguns emaranhados na constituição de inovações teóricas e metodológicas para o fazer científico ambiental.

PARTE 3

LINHAS TRANSDISCIPLINARES PARA UMA EPISTEMOLOGIA ECOSÓFICA NAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS

A proposição é fazer artesanato científico. Muitas são as possibilidades para "artesanar" e a escolha feita aqui é de trabalhar com linhas, as quais costuram, interligam, amarram e embelezam as Ciências Ambientais, com movimentos delicados, precisos e até mesmo despretensiosos. Tais movimentos podem inclusive formar um pano de fundo para tal campo científico. Nesta tarefa, nos colocamos como artesão, tecedor de interconexões próprias e singulares, que visam aproximar a ecosofia das Ciências Ambientais e criar transversalidades, capazes de enriquecer o "bordado e o bordar científicos".

No ato de artesanar, vibra-se com a capacidade autônoma de criar e recriar entendimentos, abrindo espaços para a criatividade e a inventividade do artesão (Ingold, 2011; Melucci, 2004). Tal tarefa requer coragem, perspicácia e autenticidade, a fim de fugir do utilitarismo mercadológico ou da cegueira dogmática racional.

Com base nas propostas de Ingold (2011), entende-se que o artesanato é um moldar-se a partir das interações com o meio e com o que ele possui, buscando colocar, como matéria-prima para a criação artesanal, a relação com os seres que habitam o mundo e com os processos dinâmicos criados ou vivenciados. Para fazer artesanato, é preciso colocar em ação a visão, a audição e o tato das coisas, juntamente com a experiência e com as sensações tecidas a partir de diversos elementos e sentidos. Aqui, a imersão no fazer com materialidades e subjetividades é uma forma de se criar artesanato e fornecer transversalidades ecosóficas para as Ciências Ambientais.

O artesanato é composto pelas materialidades, virtualidades, sensibilidades e pelo fazer do artesão, o qual coloca-os em

movimento e cria narrativas. Ao artesanar, o poder imaginativo e o impulso criativo ganham vida, articulando o que está posto e enredando no movimento corporal e na razão abstrata, no pequeno texto e no arquitetônico, no tátil e no ótico, nas improvisações e na abdução, no devir e no ser, na construção da própria vida e do viver (Ingold, 2011).

Este artesanato ecosófico para a Ciências Ambientais é uma produção singular, mas que visa inspirar o campo, os programas de pesquisa, suas linhas e os próprios pesquisadores da área. Por ter essas características, não se coloca como um manual ou como uma vontade de ser absoluto, apenas propõe que assim como o desafio aqui realizado, outros desafiem-se a artesanar suas práticas, recriando territórios existenciais e científicos. Sendo assim, vozes verbais, alguns autores e pensamentos próprios misturam-se neste artesanar. Como artesão e falando em primeira pessoa, referenciamos todos os autores que compuseram esta pesquisa até aqui, pois é com eles e com as experiências vividas que delineamos a proposta que sustenta este livro.

São quatro linhas transversais que se cruzam para um fazer transdisciplinar nas Ciências Ambientais: a) Inventividade; b) Organicidade; c) Afetividade; d) Ativismo. As linhas tratam do campo das Ciências Ambientais como um todo, inserindo o cientista, os programas, as universidades e os demais envolvidos nas suas reflexões. Mas podem atravessar qualquer campo científico atento aos desafios contemporâneos. Tendo as linhas em mãos, é hora de tecer, costurar, remendar e bordar transversalidades ecosóficas.

A Inventividade

A ciência, em sua genética, carrega a inventividade, ou ao menos deveria carregar e dela fazer uso. Inventar algo pressupõe questionar, criar perguntas e problemas a serem resolvidos. A solução virá, mas é a arte de gerar problematizações que faz avançar o pensamento e suas possibilidades criativas (Kastrup,

2001; Guattari, 1992). Essa linha transversal ecosófica alimenta as Ciências Ambientais com a proposta de elaborar problemas e objetivos que se abrem a diversos objetos, tempos e espaços, os quais possibilitam a realização de colagens múltiplas e tessituras com materiais diversos, permeados por questões relativas ao humano e suas relações com a natureza.

A ecosofia em si já se propõe como inventividade, pois assim como a vida, vai sendo feita no próprio trajeto do viver. Ela parte de questionamentos referentes ao como se vive para então criar sabedorias sobre a casa e quem nela habita (Naess, 2010). Nesse sentido, sensibilidade e ação encontram-se intrincadas em lances circulares, nem sempre espontâneos, mas permeados pela proposta de ser e fazer diferente. Trata-se de uma proposta de artista aprendiz que, através do encontro heterogêneo e polifônico consigo, com o meio e com o outro, é capaz de inventar novas possibilidades de existência (Guattari, 1992).

A inventividade coloca o cientista como um ser que questiona e faz disso uma arte. No trajeto científico-artístico-ecosófico ganha força a ideia de ritornelo, o qual consiste em territorialização, desreterritorialização e reterritorialização de saberes. Ao alimentar-se dessa reconstrução constante, artística e "caótica", o universo ecosófico abre-se para uma complexificação infinita, com virtualidades criativas várias. O ritornelo coloca-se como forma de gerar virtualidades possíveis e insere o caos criativo como mediador do processo (Guattari, 1992).

A inventividade pode ser aplicada em diferentes instâncias, desde um objetivo de pesquisa até a reelaboração de um campo científico, tendo nos ritornelos possibilidades para executar reinvenções múltiplas. Nesse sentido, inventar perguntas, objetos, projetos, conceitos e práticas através de reflexões teórico-metodológicas é tarefa ecosófica transversal necessária às Ciências Ambientais.

O cientista, através da inventividade, pode trabalhar com a criação de projetos de pesquisa que agreguem saberes distintos, por meio da complexificação de olhares e do entendimento múltiplo

das relações humanas e ambientais, tateando assim os fluxos constitutivos do próprio campo e do saber ambiental. Neste processo, algumas vezes mais exato e em outras mais caótico, a abertura ao novo, à reconstrução epistemológica e ao encontro com o distinto, faz da inventividade uma linha transversal que potencializa o fazer científico.

A proposta de inventar ecosoficamente dentro das Ciências Ambientais passa por uma abertura flexível do pesquisador e do campo, articulando estéticas e éticas diversas nas suas pesquisas. Neste sentido, observamos que possibilidades pertinentes para esta linha transversal atuar decorrem do trânsito por aquilo que é antropo, mas também poético, perpassando pontilhados políticos, educativos, tecnológicos, econômicos e culturais, que dão uma forma singular ao fazer científico (Tinnell, 2012; Marín, 2018; Hampson, 2010). Trata-se de criar existências múltiplas nos trajetos científicos de pesquisadores e pesquisas, inventando novas formas de pertencer, encantar e sentir o campo e a produção do conhecimento científico.

Quando inventiva, as Ciências Ambientais podem se apropriar da curiosidade e da criatividade, movimentando o intelecto, o que emancipa a ciência, ao fazê-la transitar por estéticas diversas, aliando racionalidade e emoção na ressignificação de saberes. Daí, como propõe Antônio Bispo (2023), torna-se importante inventar palavras, inventar outras formas criativas de ser e fazer, para enfraquecer aquilo que nos enfraquece, que nos afasta da terra. Ser criativo passa pela disposição de experimentar afetos e emocionar-se no fazer, entrelaçando o que já se sabe na construção do novo, seja ele intelectual ou prático (Júnior, 2015; Maturana, 1998). Inventar é próprio do humano, de sua trajetória e até mesmo de Gaia. Assim, esta linha transversal trata de humanizar a ciência para compor formas do humano habitar.

A separação cartesiana do conhecimento em disciplinas boicota diversas possibilidades inventivas. As Ciências Ambientais já pressupõem o diálogo entre campos, disciplinas, componentes curriculares e saberes, compreendendo que a interligação entre eles

é essencial. A linha da inventividade busca dinamizar esta possibilidade através da transdisciplinaridade, vista como potência criadora, pois, por meio dela, é possível prestar atenção ao todo, buscando sentidos, encontrando interconectividades, relações, necessidades de transformação e dinâmicas de pertencimento entre campos e saberes separados ou desvalorizados, a fim de tecer um saber novo e multifacetado. Tal prática científica atenta para o fluxo que une o interno e o externo, aventurando-se nele para transmutar os saberes, principalmente pela visão múltipla sobre agentes e práticas (Melluci, 2004; Kaplan; Davidoff, 2014).

A transdisciplinaridade é uma forma de unicidade, que busca uma autenticidade para além do disciplinar, sendo construída a partir do diálogo consigo, com o meio social e com o meio ambiente, sem anular nenhum, mas realizando-se através das interconexões entre eles (Rodríguez, 2019). Pode-se entendê-la como o trajeto do ritornelo que busca na arte de reencantar a existência, sua forma de ser (Guattari, 1990, 1992). Neste sentido, a ecosofia assume-se valorizadora da transdisciplinaridade, podendo ser entendida como o mesocosmo, aquele lugar entre as partículas e o todo holístico, mas que, através do entendimento das multiplicidades, faz a ligação entre saberes outrora separados e medeia a ressignificação existencial macro e micro, características estas que abrem as Ciências Ambientais ao inventar- se.

Através da transdisciplinaridade se reconhece o diálogo de saberes, o qual pode trabalhar com o decrescimento e com o bem viver na construção de conhecimentos próprios e inventivos. Podemos pensar em "bens viveres", conforme sugere Acosta (2006), o que abre possibilidades criativas, solidárias, comuns e dialógicas para o campo, não limitando-se ao aglomerar, mas sim criando trânsitos e fluxos entre saberes na invenção do ser e do fazer ciência.

No campo do fazer científico e até mesmo pessoal, ser transdisciplinar é uma prática ecosófica a ser exercitada cotidianamente e incorporada ao escopo de possibilidades futuras para aulas, encontros, amizades, trabalho e pesquisas acadêmicas.

Tais práticas podem fortalecer os grupos nos quais os cientistas se inserem, o que, por sua vez, é capaz de gerar a cooperação na produção científica (Buckingham, 2017). O que se propõe, aqui, é transdisciplinarizar para criar.

Uma possibilidade pujante da linha inventiva é ser artesanal, o que não significa deixar de seguir alguns modelos ou padrões, mas sim afastar-se das ações mercadológicas e puramente utilitaristas, que afetam nossas singularidades e buscam criar padrões de comportamento e de consumo. Tal tarefa é importante na recriação de territórios existenciais ecosóficos pessoais, coletivos e científicos (Naess, 2010; Guattari, 2015), pois cada vez que cientistas trabalham como artesãos alguma originalidade surge.

Ingold (2018), sugere que devires humanos, animais e vegetais se interinfluenciam-se e se movem juntos. Desse encontro processual entre eles, o artesão forma uma imensa e contínua tapeçaria. O cientista pode ser o artesão artista, buscando no mundo o que lhe perturba para criar sua pesquisa. Dessa forma, ser artesanal é incentivar o encontro com o outro humano e não humano na criação de sua própria peça.

Na busca do ser inventivo, a experiência é essencial, pois ela sugere algo que acontece, atravessa e transforma quem passa por ela, estando vinculada à ressignificação das ações planejadas ou improvisadas, levando em conta os sentidos, os sentimentos e os aspectos racionais sobressalentes do que acontece (Larrosa, 2002). Sendo assim, a linha inventiva se desenrola na proposição de um cientista que experiencia, no seu fazer, a incerteza, a busca pelo original no campo das Ciências Ambientais. Trata-se, por fim, de conceber e valorizar a sua própria mutação, o próprio desconhecimento/reconhecimento de seus territórios e fronteiras, a fim de expandi-los.

A proposição experiencial afirma que é preciso buscar atravessamentos constantes, imersões e ações que transformem o ser cientista em alguém que busca o equilíbrio com o meio, enquanto a Ciência Ambiental oferece suporte, aberturas e possibilidades para que tal busca se efetive. Atuar

transversalmente através da ecosofia inventiva é uma forma de experienciar a transformação pessoal e interpessoal que compõe o habitar Gaia e a realização de pesquisa nela.

A poesia, a formação com professores, o yoga e o trabalho com diferentes grupos em diferentes espaços e permeados pelos genes ecosóficos, mostram que o leque da inventividade ecosófica é amplo e pode ser explorado através de diversas formas e formatações (Xiangzhan, 2013; Buckingham, 2017; Comins Mingol, 2016; Marín, 2018; Ayres; Albernaz, 2018; Rodríguez Milagros; Rodríguez Mireya, 2020). Sendo assim, entende-se que a inventividade pode adentrar os mais diferentes objetos de pesquisa das Ciências Ambientais, partindo do inventar criativo para recriar o fazer científico.

Os objetos mais específicos das Ciências Ambientais também podem realizar maiores aberturas a outros campos por meio do viés ecosófico. Abrir parcerias com o campo político (Ecofeminismo, Ecologia Profunda, Justiça ambiental etc.) e com o campo cultural (memórias, poesia, permacultura, ecolinguística etc.) são possibilidades ecosóficas pertinentes (Hampson, 2010; Marín, 2018), que podem tensionar e fazer vibrar esta linha transversal inventiva. Todas as possibilidades supracitadas demonstram a necessidade de se experienciar ecosoficamente as Ciências Ambientais e de se trabalhar com um olhar curioso, atento às possibilidades emergentes a serem construídas.

No trançar inventivo, a curiosidade demonstra-se essencial. Ser curioso parte de uma atitude para consigo e com o outro (humano e não humano), pois só assim aquilo que já está posto ou em vias de se colocar na realidade pode emergir. Entende-se que a curiosidade convoca a imaginação, a intuição, a racionalidade e a sensibilidade a participarem do ato inventivo. Dessa forma, é através do acesso à curiosidade que a esperança de algo novo (uma cosmovisão, um relacionamento, um *hobbie* ou mesmo um paradigma) pode emergir. Ser curioso é um traço da linha ecosófica inventiva.

As mesclas e disruptividades propostas pela inventividade requisitam um viés de esperançar, o que não significa esperar algo e

sim ir em busca do que se almeja e ao mesmo tempo ter paciência para que a mudança ocorra, conforme sugere Freire (2015). Ter esperança na transformação pessoal, social e ambiental é uma forma que movimenta um agir direcionado e otimista, quase animador para quem acredita que é possível interligar e agregar, ao invés de recortar e dominar. Tais características são ecosóficas em essência e fortalecem as Ciências Ambientais na sua atuação no mundo.

Esperançar possibilita um agir em múltiplos espaços e como vivemos, cada vez mais, em uma sociedade em rede e da informação; desafios *ciber* emergem, mas também potências a serem exercitadas. Nesse contexto, reinventar o jogo e criar possibilidades participativas por meio do ciberespaço e suas redes são ações importantes e possíveis (Castells, 2006, 2009). Integrados à rede, já um pouco ciborgues e conectados aos *big datas*, cabe a nós, cientistas, ressingularizarmos as práticas e pluralizar as vozes, tendo a ação consciente, sensível e solidária como pilares fundamentais das relações entre humano e tecnologia.

A tecnologia da ecosofia inventiva é compreendida em sentido amplo, como a gama de ferramentas analógicas e digitais das quais podemos fazer uso para produzir, integrar e interagir com informações, pessoas, animais e demais seres de Gaia. Além de compor a história humana e auxiliar em nossa evolução até aqui, a tecnologia possui um caráter disruptivo, dependendo dos seus usos e das significações postas sobre ela, tendo nas redes um expoente a ser dinamizado.

Tornar os usos tecnológicos mais ecosóficos, passa pela apropriação leve e sensível do aparato disponível, buscando através da estética e da ética, ressignificar os usos feitos da tecnologia. Trata-se, então, de usar o que há a nosso dispor para fazer emergir a sensibilidade ecológica gestada em nosso tempo, explorando ritornelos, fluxos, autodeterminação, espontaneidade, mobilidade, desejo, arte, emoção, instinto e outros elementos disruptores ecosóficos para fazer ciência e ser cientista ambiental (Naess, 2010, 2021; Guattari, 1990, 2015; Maffesoli, 2010, 2021).

A inventividade é uma forma de fazer das Ciências Ambientais onde quer que pouse com suas pesquisas. Quando as Ciências Ambientais compõem com a formação de professores, por exemplo, no intuito de recriar formas de interagir, o uso das TICs em processos de educomunicação (vinculação entre os campos da educação e da comunicação) emerge como força a ser intensificada. O agir educomunicativo busca utilizar as tecnologias de comunicação em processos significativos e significantes para quem deles participa. A partir deste agir, abrem-se espaços para a dialogia e para a troca de saberes, utilizando para isso os mais diferentes dispositivos e linguagens. A educomunicação caracteriza-se pelo relacionamento dialógico e participativo, buscando a mudança de concepções e atitudes, sendo um campo de intervenção social que faz uso de TICs (Soares, 2014; Aparici, 2014).

A educomunicação já foi utilizada pelos artesãos deste livro em diferentes atividades teóricas e práticas, demonstrando-se pertinente e importante para experienciar o fazer educativo através das TICs[26]. Experienciar o uso de TICs por meio da ecosofia, coloca-se como uma forma de encontrar-se com o outro, aprender e criar com ele formas de ser e agir. A partir das diferentes tecnologias e técnicas, a inventividade ganha força e possibilita pesquisas e intervenções conscientes, críticas e sensíveis, nas quais o cientista e a ciência, ao invés de explorar o que os contextos socioculturais trazem, constroem junto com ele e com aqueles que fazem parte dele.

A tecnologia inventiva do fazer científico, interconecta saberes e seres na busca de formas mais equilibradas de vida, pluralizando e democratizando acessos, o que acontece quando utilizada para

[26] Na realização do Trabalho de Conclusão de curso, por meio da produção de um vídeo, nomeado *Agricultura: do manual ao automático.* Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WAhBgiqZZhk&pp=ygUlYWdyaWN1bHR1cmE6IGRvIG1hbnVhbC BhbyBhdXRvbcOhdGljbw%3D%3D Na elaboração da dissertação de mestrado, a qual resultou em dois vídeos diferentes: a) *É tempo de experimentar-se* - https://www.youtube.com/watch?v=HDIOjwn5lCQ; b) *Diferentes olhares voltados à natureza* - https://www.youtube.com/watch?v=EioiUpId0Zg&t=482s&pp=ygUnZGlmZXJlbnRlcyBvbGhhcmVzIHZv bHRhZG9zIMOgIG5hdHVyZXph.

criar e partilhar. Seja no analógico ou no virtual, a inventividade pressupõe a partilha, o fazer com e não para o outro, sendo assim, possui em si um caráter de invenção pedagógica. Vislumbramos que novos espaços, tempos e modos de se fazer ciência ambiental podem ocorrer por meio do aparato tecnológico disponível e ainda a ser construído.

O elemento pedagógico da linha inventiva se constitui na ação de envolver o outro, acompanhando-o na busca pelo saber, pelo conhecimento construído a partir do compartilhamento de espaços, tempos e saberes. No encontro com o outro humano e não humano, podemos aprender e ensinar, e essa riqueza pedagógica traz em si o caráter inventivo. São nos encontros com viés pedagógicos (qualquer encontro pode ter esse viés, seja no meio acadêmico ou não) que são capazes de ressignificar, construir e reconstruir saberes e práticas.

O fazer e o saber científicos ambientais podem ganhar muito ao dialogar com a pedagogia e fazer uso dos diferentes dispositivos na composição de múltiplos cenários de pesquisa e de atuação. A aproximação gera contato e trocas, que vão desde a forma de escrita de trabalhos acadêmicos até as salas de aula e divulgação de pesquisas já realizadas. Ser pedagógico no fazer científico é tratar a complexidade como essência, sem restringir entendimentos ou profundidades, abrindo espaço para que o entendimento conjunto ocorra de forma ampla e dinâmica.

O desenrolar da linha transversal ecosófica inventiva propõe ações pedagógicas que valorizem tanto conhecimentos científicos quanto saberes experienciais, tradicionais e populares, colocando em contato a cultura local e a global, gerando "entrelugares" recheados de pluralidades. Estas ações carregam o germinar da rebeldia, do desafio e da (re)criação, tratando o que nos chega para então devolver algo mais fértil. Realizado pelos corpos, mentes e corações de muitos, é no encontro que se efetiva a inventividade.

Uma linha, dependendo de como tocarmos, faz soar notas mais graves ou mais agudas, por isso é importante que o cientista-artista que trabalha nas Ciências Ambientais experimente diferentes tons

no seu campo de atuação, deixando-se levar pela música que se cria na reinvenção. Transversalmente, a inventividade se cruza com as outras três linhas, uma delas é a organicidade.

Organicidade

O ser humano é orgânico, composto e compositor de Gaia, nas mais diversas inter-relações ambientais possíveis. Fazer ciência ambiental por meio da organicidade é valorizar os ecosaberes. Tal sabedoria já é existente entre diferentes povos tradicionais indígenas, os quais afirmam que na natureza "[...] a ecologia somos nós, os humanos. Mas são também, tanto quanto nós, os *xapire*[27], os animais, as árvores, os rios, os peixes, o céu, a chuva, o vento e o sol [...]" (Kopenawa; Bruce, 2015, p. 480). Sendo assim, o cientista e a pesquisa científica ganham muito ao conceber tal eco-lógica como orgânica e essencial ao habitar planetário em diferentes tempos e espaço. Rüsen (2001) diz que é necessário criarmos uma consciência histórica, ou seja, interligar diferentes tempos (passado, presente e futuro) em um *continuum*. Esta noção está presente na ancestralidade, ecosófica por natureza, que ao interligar temporalidades distintas, busca reconstruir entendimentos do habitar humano na terra. Nesta tarefa, inspira-se em saberes indígenas do Sul, o que não significa não valorizar outros saberes, mas exercitar as possibilidades encontradas da geografia de onde se fala. Tal atitude tampouco visa idealizar saberes de povos tradicionais, mas beber das suas fontes para inventar possibilidades no campo científico ambiental.

Um dos elementos importantes da ancestralidade e que alimenta a linha orgânica é o da resistência, em sua manifestação fluida e "malemolente", como as águas dos rios que refazem caminhos constantes e transformam-se em outras águas no seu transcorrer. Trata-se de ser resiliente em alguns pontos e em outros se reinventar, buscando palavras e ações que impulsionam formas de viver ecosóficas, valorizando-as ao valorizar o outro, humano e não humano,

[27] Espírito que visita o líder espiritual (Xamã).

como pressuposto para a vida poder ser vivida mais plenamente (Bispo, 2023; Krenak, 2022; Kopenawa; Bruce, 2015). A ancestralidade da ecosofia compõe o entendimento de que humanos são natureza e tal composição é polifônica, intercultural e mestiça. São diversos "microfios" que se misturam, reconhecendo a importância do passado para o presente e para a constituição do futuro. Não se trata de viver nostalgicamente o que éramos, mas recriar o que somos para sermos, quem sabe novamente, natureza, conforme nos sugere Krenak, Kopenawa, Jacupé, dentre outros tantos. O viés ancestral pode atravessar o indivíduo em seu ínterim pessoal, mas abre-se para o cientista e para a ciência, que ansiosa pela novidade, pode beber desta fonte para recriar entendimentos e práticas.

Umas das concepções férteis da ancestralidade é de que a relação do humano com a natureza é profunda e é a partir dela que elaboramos tecnologias, teologias, cosmologias e sociedades. Dessa forma, é preciso deixar a memória fluir pelo espírito, não como uma mecânica pré-concebida, mas como um tempo que organizou "[...] o espaço dos ancestrais, do homem, das paisagens, das tribos" (Jacupé, 2020, p. 33). Por isso, a linha orgânica traz a ancestralidade como potência memorial e disruptiva, que religa saberes e seres desligados por lógicas recortantes. O envolvimento ocorre por meio de diferentes polos eco-relacionais, fato que potencializa uma ciência ambiental que além de desenvolver-se, envolve-se com o que circula o pesquisador, a pesquisa e o campo enquanto componentes orgânicos multitemporais do ser e estar no mundo.

As linhas transversais dialogam. Na organicidade há também um caráter inventivo que busca referências no ancestral como uma forma de envolver-se com o mundo passado, para respirar o presente e sonhar o futuro. Dentre as possibilidades ancestrais, sonhar, dançar, ritualizar e criar formas de ser e agir enquanto natureza são forças da linha orgânica. Dessa forma, entende-se a partir dos ancestrais, que a vida não tem utilidade. Ela é fruição, uma dança cósmica (Jacupé, 2020; Krenak, 2020; Kopenawa; Bruce, 2015). Sendo assim, o cientista e a ciência ambiental podem ouvir a melodia, dar seus passos e montar suas coreografias, sem, contudo,

perder o caráter científico. Ao deixar-se levar pelo que é orgânico, que pulsa, projeta, destrói e cria possibilidades existenciais, ao invés de competir com o outro (humano e não humano), passa-se a cooperar com ele.

O aspecto criativo do sonhar ancestral merece atenção, pois coloca-se como a possibilidade de criar através da arte, da cerimônia e da celebração, que se desdobra em beleza, ordem e alegria, outros modos de viver. Esta criação toda é invenção pedagógica, que pode fortalecer e intensificar o fluir do espírito científico no tempo e no espaço. Assim, as Ciências Ambientais podem embarcar nos fluxos ecosóficos que dialogam com a ancestralidade pedagógica, a fim de aprimorar reflexões e práticas próprias do seu campo.

Um elemento ancestral que dialoga com a contemporaneidade é o aspecto de estar em risco, mas ainda sim perseverar, fluir e se reinventar. Esse contexto de crise está presente em indivíduos, instituições, movimentos sociais e em relações com o meio ambiente, as quais encontram-se profundamente atravessadas pela liquidez e fluidez da mudança constante (Baumann, 2001). Nesse cenário, compartilhar anseios e espaços, cooperando e colaborando na criação de práticas de respeito ao outro (humano e não humano), são potências para ressignificar teorias e ações que atravessam e compõem os três registros ecológicos de Guattari, o movimento da Ecologia Profunda de Naess e a sensibilidade ecológica de Maffesoli, mas para além disso, é uma forma pulsante de cada um constituir-se enquanto pesquisador das Ciências Ambientais.

Os diferentes elementos temporais e espaciais envolvidos na linha orgânica podem buscar nos genes ecosóficos suportes importantes. A pluralidade epistemológica que coloca diferentes saberes em diálogo na construção de visões multi/inter/transdisciplinares, a constituição de relações entre povos e saberes de forma mais horizontalizada e heterogênea e a valorização da polifonia em articulações ético-estéticas que sejam biocêntricas são algumas possibilidades já experimentadas e que se demonstraram pertinentes para o fazer ecosófico (Salazar; Jalabert, 2015; Grage, 2017; Valera,

2018; Stibbe, 2014; Christensen-Scheel, 2012; Xianzhang, 2013; Hampson, 2010). A organicidade acaba por distanciar-se das limitações latitudinais e longitudinais, aproximando autores, paisagens e organismos dos diversos pontos de Gaia num diálogo fértil e cooperativo para as Ciências Ambientais.

Para cooperar é preciso ser solidário e tal solidariedade perpassa a relação entre indivíduos, grupos sociais e instituições em seus diversos cenários retroalimentativos. A linha da organicidade preza por esse encontro entre entes, compreendendo que gerar trocas legítimas e processos significantes e significativos produz possibilidades ricas em inovação e criatividade, buscando assim na inventividade (linha que se entrelaça à orgânica), formas de se relacionar harmonicamente com o meio.

As eco-relações altruístas propostas por Naess (2010, 2018) elaboram possibilidades para harmonias entre humano e meio. A valorização dos diferentes saberes, através de experiências livres e autodeterminadas, prezando pela arte da convivência e das coexistências geram pertencimentos transformadores, os quais podem ser sistematizados singularmente, mas também podem adentrar no terreno social, seja do movimento político ou do fazer científico. Esse processo faz avançar a valorização de diferentes saberes (tradicionais ou não) e a noção simbiótica que compõe a vida.

Ao interligar a inventividade e a organicidade através de eco-relações, é possível observar que o envolvimento e o uso dos sentidos propõem uma autenticidade de envolvimento, deixando para trás o que está saturado em busca de uma interligação complexa e sensível ecologicamente. Só assim a vida pode ser reencantada e o comum acordo de respeito e companheirismo com a natureza tecido, gerando, a partir do comum orgânico em quem habita Gaia, a possibilidade de uma ecosofia para os novos tempos (Maffesoli, 2010, 2021), ou ao menos uma ecosofia para as Ciências Ambientais.

No decorrer da história humana, diversos conflitos ocorreram, mas em muitos momentos a solidariedade prevaleceu, caracterizando-se como o respeito aos sentimentos das pessoas

para criação de redes entre aqueles que são diferentes, mas compartilham os mesmos objetivos e sonhos. Ser solidário não é puramente utopia, mas sim colocar-se diante do outro como alguém que pode auxiliar no seu desenvolvimento, envolvendo-se também no processo de abertura e auxílio. Sendo assim, no que tange o ser cientista ou campo científico, a organicidade é solidária enquanto linha transversal, pois pressupõe a coexistência.

É importante compreender e valorizar o fato de que coexistimos com outros seres. A coexistência pressupõe existir com os múltiplos que nos compõem, com a diversidade interna e singular, que precisa ser levada em conta nas construções científicas ambientais. No coexistir, estamos com o outro e consigo, sendo este fato algo a ser apreciado, potencializado e utilizado com sabedoria e delicadeza. Não somos um ou outro, somos com o outro; por isso, o respeito à diversidade insere-se na organicidade, sendo atitude necessária para o cientista ambiental e seu campo de pesquisa.

Ao se compreender a unidiversidade existente em nós e no planeta, os fluxos da vida geram emergências que nos aproximam do orgânico que nos compõe (Maffesoli, 2010, 2021). Assim, podemos enunciar em pesquisas e atuações enquanto pesquisadores, princípios outros que reinventam epistemes a partir da relação íntima, diversa e profunda com o meio que nos compõe, conforme sugere Naess (2010, 2018).

Quanto mais diversos somos, mais inovadores e criativos podemos ser. Ao acolhermos pesquisas de diferentes vertentes e abrirmos nossas fronteiras para permeabilidades advindas dos diversos saberes produzidos até então, enriquecemos nossas práticas, sem precisar abrir mão de nossas singularidades. Dessa forma, respeitar a diversidade passa por deixar ser (Maffesoli, 2021) e, quando se sentir convidado, interagir com o outro e com seus universos constitutivos, criando zonas de contato, troca, atrito e cooperação, reinventando-se a partir do que se é e do que o outro é. Nesses caminhos, o respeito à vida e à diversidade que ela traz precisa confluir como sinalizadores importantes para o fazer ciência ambiental.

Por ser um campo científico aberto em sua gênese, as Ciências Ambientais podem ganhar muita potência e espaço ao realizar duas práticas: a de ligar e a de companheirar, um neologismo. Ligar é posto aqui com um duplo entendimento: o de energizar-se para agir e de criar uma ligação de si com o outro. Além disso, é preciso ligar-se ao que acontece, como uma forma de sentir o mundo e suas vibrações. As energias que coexistem e entrecruzam-se nos espaços por onde passamos, ajudam a compor quem somos e, por isso, ligar-se ao animal, ao vegetal e ao mineral é interligar-se ao que nos fez chegar até aqui, afinal, somos parte de um cosmos, que mais ou menos caótico, possibilitou nossas vidas. Estas só existem graças a tudo que nos rodeia e coexiste em Gaia.

Muitas vezes vinculado a alguns espectros políticos, o companheirar aqui é propositivo e desvinculado de siglas partidárias. Não é um verbo isento, mas sim um que preza pelo ser companheiro do outro. Tal verbalização pressupõe o compartilhamento daquilo que se sabe e o aprendizado do que se desconhece, a fim de construir em conjunto, com o outro. É um andar junto pelas trilhas da vida e, neste caso, seja o cientista ou o campo científico, companheirar fornece subsídios para fortalecer ligações sem sobrepor, mas sim para compor saberes plurais, diversos e potentes, por isso ecosóficos e ambientais em sua gênese.

Ao companheirar existências adentramos nos terrenos eco e biocêntricos, os quais são transversais em suas essências e constituições. A heterogênese científica dessas visões amplifica as possíveis relações entre seres e saberes, "ecosofiando" práticas e concepções epistemológicas nas questões que envolvem humano e natureza (Salazar; Jalabert, 2015; Grage, 2017; Stibbe, 2014). A simples, porém, complexa construção heterogenética de saberes cobra uma organicidade genuína, que reconhece suas limitações e seu potencial criativo existente na diversidade, os quais podem potencializar o fazer ciência ambiental no presente e no futuro.

O caminho traçado até aqui desemboca na possibilidade de ser mais orgânico por ser mais selvagem, conforme sugere Maffesoli (2021). Reavivar o natural em nós, o instintivo e o inato, mediando

relações com a natureza, outrora adormecidas, entendendo-se como ser que vive em Gaia e, ao mesmo tempo, é Gaia, faz parte do ser selvagem. Esta percepção é capaz de dar vazão à emoção e à intuição que mobilizam a ciência em direção à ruptura de paradigmas paralisantes ou pouco profícuos. Trata-se de agir o mais próximo do natural, entendendo os ciclos que compõem o cientista, o fazer científico e a própria vida, na qual tudo se insere.

Ser selvagem é diferente da selvageria. A última é destrutiva, enquanto a primeira atenta para o que escapa, aquilo que é menorizado, ao mesmo tempo que é profundamente humano. O corpo (humano, vegetal, animal e científico) se move, cresce e deteriora-se recompondo-se transversal. Deixar o novo brotar através do que irrompe de decomposições e recomposições é inventivo e é o selvagem aplicado ao fazer científico em seu estado puro e pulsante. A escrita deste texto é selvagem, pois busca no íntimo, permeado pelos diferentes universos referenciais, sintetizar o que emergiu, se deteriorou e brotou em forma de texto.

Os componentes da linha orgânica geram o que pode ser chamado de cosmologia, a qual mistura companheirismo, ser selvagem, ligar-se, sonhar, ancestralidade e esperança (Maffesoli, 2021; Krenak; 2022; Jacupé, 2020). A cosmologia orgânica parte de crenças em visões mais abertas, que compreendem o planeta como Gaia e que respeitam os diferentes saberes, buscando reavivar o selvagem e o intuitivo, sem, contudo, ignorar o tradicional científico.

O cosmos proposto, compreende possibilidades de embelezar e reencantar o fazer científico, sonhando com outras formas de ser e fazer ciência. Esse sonho é partilhado pelas propostas decoloniais e do bem viver, compreendendo que todos convivemos juntos, estando ligados pelas redes, pelos tempos e pelos espaços mais diversos que compuseram nossa trajetória, a qual chamamos de vida. Ou seja, tocar na linha transversal orgânica é ouvir que as Ciências Ambientais possuem em si múltiplas potências, porém precisamos colocá-las em prática e reinventá-las quando possível e necessário.

A linha transversal ecosófica orgânica traz elementos gerais da vida para o diálogo com o fazer científico, porém, uma característica essencial do viver emerge ao fim do seu tecer, que é a afetividade. Por sua força disruptiva e diversa, o afeto forma outra linha, que, conectada ao inventivo e ao orgânico, costura outras possibilidades para as Ciências Ambientais, talvez jamais assumidas.

Afetividade

A linha transversal da afetividade tensiona possibilidades de reconhecer, colorir, sentir e demonstrar carinho ou ternura pelo que e com o que se pesquisa. Neste caso, trata-se de afetar-se pela pesquisa científica e pelos saberes existentes e emergentes, respeitando o já feito e abrindo-se às possibilidades sensíveis que o campo, as trocas e os seres envolvidos no fazer científico oferecem. Essas transversalidades atuam com o corpo e a carne, atravessando emoções, sentidos e sentimentos que provocamos para que façam parte das Ciências Ambientais.

A crise ambiental pode ser entendida como uma crise de percepção. Perceber é um verbo vigoroso. Perceber o outro humano e não humano e a si mesmo, enquanto singularidade, é um passo essencial na mudança de entendimento e de postura para com o mundo. Olhar atentamente, buscar nuances e ressignificar dogmas são passos para construir elos diversos, reconhecendo falhas e lacunas existentes, o que faz vislumbrar novos horizontes da pesquisa. Adentrar elos para constituir novas percepções é o que se propõe, formando assim um processo retroalimentativo que afeta e é afetado pelo que se reconhece como legítimo no trajeto científico ambiental. A linha afetiva aberta à percepção gera reconhecimento dos terrenos nos quais passamos, das ações que realizamos e das reações que causamos com nossas potências de agir. Reconhecer que alguns saberes destoam das propostas ou problemáticas contemporâneas, enquanto outros fornecem subsídios e interlocuções interessantes, é usar o afeto, deixar-se afetar pelo que pesquisamos para abrir mão de cargas

desnecessárias e levar consigo novidades interessantes e férteis. Não temos mais objetos de pesquisa, mas afetos de pesquisa.

A concepção dos afetos de pesquisa gera subversões micros que podem impactar contextos maiores, por isso a importância de valorizar a afetuosidade envolvida no fazer científico. Assim, a solidariedade de entender o que afeta a si e ao outro na potência antropoética e solidária de afetos mútuos (Carlin, 2017; Buckingham, 2017; Marín, 2018) pode alterar formas de ser e fazer ciência ambiental nos diferentes contextos.

Segundo Marin (2018), a ecosofia possibilita uma prática antropoética interessante e pertinente. Neste caminho de tornar o antropo mais poético, o perceber e o reconhecer entram em cena e requisitam acessar o sentimento, o afetar-se pelo que lhe acontece. Dessa forma, sentir é ação ecosófica transversal, pois colocar-se diante de si e de qualquer outro, ser aberto ao que lhe toca e atravessa é abrir canais sensíveis múltiplos, os quais nos premiam com sensações que podem ir desde o estranhamento até o mais puro amor. Tal caminho geralmente não é linear e, por isso, torna-se único e raro. Eis a beleza de perceber e reconhecer, pois através deles e do sentir genuíno, o cientista torna-se mais consciente das relações, sendo essa sua singularidade uma possibilidade ecosófica no fazer científico ambiental.

Buscar a sensibilidade no ato de fazer ciência é construir a empatia regenerativa das relações. Sentindo o que se é verdadeiramente nos torna sensíveis aos outros, abrindo espaços de escuta e de fala. A sensibilidade é uma transversalidade para ser e agir com o mundo, capaz de gerar compartilhamentos afetivos e, segundo Bispo (2023), "[...] Os afetos não se trocam, se compartilham. Quando me relaciono com afeto com alguém, recebo uma recíproca desse afeto. O afeto vai e vem. O compartilhamento é uma coisa que rende" (p. 36).

Conforme sugere Maffesoli (2010; 2021), a sensibilidade, o pertencimento e o reconhecimento nos aproximam da noção de irmandade, a qual visa construir autenticamente uma sensibilidade ecológica. Paixão, arte e o onírico se misturam, gerando

envolvimentos plurais entre nós e o meio, intensificando sensibilidades ecológicas que, para além de gerar respeito e engajamento com as questões ambientais, podem reencantar a natureza e a própria subjetividade, necessidades emergentes e pulsantes contemporaneamente.

Os sentimentos experimentados pelo cientista e pelo fazer científico ambiental são diversos, mas todos cobram algo importante, que é a delicadeza. Ser delicado pode ser entendido como a ação de ser sensível consigo, com o outro e com o meio (conforme sugere Guattari), observando a sensibilidade ecológica que pulsa ou pode vir a pulsar no ser (Maffesoli, 2021). Ser delicado é ser tomado pela proposta de sentir as demandas interiores e exteriores, agindo com cautela e cuidado, buscando sempre reduzir danos possíveis em si e no outro humano e não humano, conforme Naess (2010) sugere. Pode-se dizer, então, que é na delicadeza sutil, conforme sugere o "Teatro Mágico" que reside a exuberância e nela que se busca a ressonância das ideias do amor.

O amor dialoga com a sensibilidade delicada, emergindo como o ato de compreender e aceitar o que não pode ser mudado, ao mesmo tempo que se luta por aquilo que se acredita, respeitando as diversidades e, principalmente, tratando com carinho as dores e amores que emergem no caminho do pesquisar nas Ciências Ambientais. O amor trata das incompletudes, é sensível, respeita o outro e sente carinho por si, pelo meio e por quem coexiste em Gaia. Ou seja, a visão científica e seus métodos podem ser influenciados pelo amor, não tratando somente de objeto de pesquisa, mas sim de agentes de pesquisa que, junto do cientista ambiental, produzem o fazer científico cotidiano.

A compreensão de que o campo científico ambiental necessita de poesia, arte, fluxo e singularidade é uma apropriação feita de Guattari (1990, 2015), que dialoga com seus registros ecosóficos, mas, principalmente, valoriza a subjetividade fértil que brota da autopoiesis comum aos organismos vivos. Atuar no seu território existencial singular, reinventando-o através de pluralidades maquínicas, do caos complexo e das virtualidades que a arte de tecer

a vida oferece em seus ritornelos, tece afetividades para a construção empírica inventiva, orgânica e afetuosa no campo científico.

As Ciências Ambientais pressupõem uma abertura à diversidade e, neste sentido, perceber, sentir, amar e reconhecer se complementam, formando um *patchwork* de pequenas linhas e "retalhos" que pode ser entendido como práticas de amorosidade, pois ao misturar-se tais elementos, criam-se atitudes e compreensões que perfazem a criação de territórios de pesquisa amplos e singulares, calcados no respeito pelo outro. Dessa forma, a linha afetiva ecosófica fornece um corpo práxico robusto e sensível, aberto ao que escapa da racionalidade sem perder a maleabilidade criativa necessária para o cientista e seu campo. Fazer jus à razão e à emoção na ciência é algo ainda a ser vivido mais plenamente.

A linha afetiva compreende, aceita, reconhece e mesmo ama a incompletude, pois crê na importância de lacunas existirem para que o fazer científico continue se aprimorando e aumentando seu escopo. Entende-se tal incompletude por meio da visão ecosófica, própria das mutações da vida, que sugere contínuos refazeres à ciência.

A incompletude pode ser vista como inquietação crítica, sensível e delicada do ser, a qual abre brechas importantes para a recriação constante das relações entre humano, meio e Gaia. Ou seja, ao saber que a completude, além de não ser tangível, gera imobilidade, bloqueia os fluxos e as potências do agir científico, é preferível perceber-se, reconhecer-se e fazer-se incompleto na busca pelo novo, pelo inventivo. A incompletude ecosófica para as Ciências Ambientais opera como uma criatividade rizomática, que se espraia para diversas direções e gera diferentes alternativas, perpassadas pelo desejo, pelo inconsciente e pelo que é singular. Assim, ela reinventa territórios existenciais a partir do que afeta e toca o ser em seu íntimo, compreendendo que este é em si um registro ecosófico, interligado e retroalimentado pelos outros dois: o socius e o meio ambiente (Guattari, 1990, 2015).

O mundo como o conhecemos, encontra-se acizentado, morno (ficando mais quente por conta das mudanças climáticas) e

desencantado. A proposta afetiva é colorir o fazer científico, o qual merece cores, gestos e pinceladas diversas e vivas. Este colorir ocorre através dos diferentes espaços de ação, das teorias filosóficas, sociológicas, econômicas ou políticas e, até mesmo, das cosmovisões individuais e coletivas, que podem projetar saberes mais pulsantes e vivos no campo científico. Não se trata de ignorar a tradição ou as ciências mais "exatas", mas mesmo delas também se abrir à relatividade, ao afeto do que se afeta, que transforma desde o mineral, até o vegetal e o animal. Este olhar atento à sabedoria constitutiva da casa comum é a ecosofia que pode atuar transversalmente nas Ciências Ambientais.

Naess (2010, 2018) propõe que a ecosofia possa ser uma filosofia do ser, mas aberta aos diferentes campos filosóficos e religiosos. Tal abertura aproxima-se das possibilidades criativas existenciais, solidárias e múltiplas que Guattari (1990) propõe por meio de seus registros, o que, por sua vez, valoriza a emergência do fluxo e da emoção que compõem o selvagem humano a partir do profano, do inventivo e do heterodoxo sensível, proposições que são tecidas por Maffesoli (2021). Sendo assim, a afetividade aqui construída com os autores ecosóficos já consagrados, demonstra que os afetos criados, sejam eles próximos e materiais ou distantes e imateriais, possibilitam a constituição do conhecimento ambiental e o potencializam, trazendo consigo a rigorosidade científica em sua transversalidade, tecida a partir dos diálogos transingulares entre pesquisadores e pesquisas.

Tornar as pesquisas mais coloridas, fazendo emergir inclusive cores novas, é fazer ciência ambiental através do olhar complexo, ecossistêmico e eco-relacional (Morin, 2006; Leff, 2006). É preciso, então, imaginar e ir além do literal, compreendendo que o preto e branco do cartesianismo pode ser útil, mas não dá conta das realidades mutantes que vivenciamos. Animações múltiplas podem recriar territórios existenciais singulares e científicos.

A proposição de animar o ser e seu fazer científico cobram uma ressingularização do meio através do cuidado de si e de uma abertura flexível na construção da subjetividade. Novos territórios

existenciais com mais cores, linhas e costuras precisam ser tecidos, interligando-se pensamentos e ações que conectam vieses ecossistêmicos e organísmicos com as Ciências Ambientais (Ayres; Albernaz, 2018; Marín, 2018; Buckingham, 2017; Anderson, 2016).

A linha tecida até aqui toca em questões que envolvem a singularidade, o ato de ser único, de entender seu lugar micro, meso e macro no cosmos. Saber suas limitações, seus tempos e seus poderes, compreendendo necessidades e agindo a fim de melhorar a vida, não buscando individualizar-se, mas singularizar-se por meio dos encontros vividos.

Uma singularidade das Ciências Ambientais é seu escopo amplo e inter-relacional diverso. No trajeto de tornar-se um ator do campo ambiental, o cientista desta área pode fazer emergir o que lhe é próprio, assim como outras singularidades da área, ampliando suas epistemes. Este movimento acopla-se ao que é identitário, dinamizando a produção científica através deste trânsito aberto ao diferente. Desse modo, produz-se a transingularidade.

Transingularizar o fazer científico é adentrar as outridades compondo teias inter-relacionais, por meio de diálogos plurais. Para Melucci (2004), o ser está integrado ao ambiente e, por isso, seu constituir-se não é separado dos outros com quem interage. Seu "planeta interno" é vivenciado junto com o que é exterior, enquanto uma invenção transingular.

A transingularidade pode ser trabalhada através da inventividade orgânica que compõe os processos criativos e artísticos. Por isso, a compreensão que somos deste planeta e ao mesmo tempo somos ele, possibilita uma transpessoalidade entendida através da coevolução, que exige uma cocriação existencial, caótica, ecossistêmica e biológica propriamente poética de Gaia (Antonioli, 2018; Schroll; Polansky, 2017). Dar vazão à transingularidade e viver o fluxo interpessoal e, por que não, interanimal/vegetal/mineral que nos constitui, é fertilidade ecosófica para o fazer científico que transforma o meio, mas também o pesquisador que com ele atua.

A inspiração para a transingularidade também bebe na fonte de Ingold (2015), o qual afirma que o movimento da vida valoriza o sentimento e acopla-o à percepção sobre nós e sobre o outro. Somos nossas relações, como organismos e pessoas, somos fios que se entrelaçam continuamente em sempre novos movimentos. O transingular "[...] *não é limitado pela pele.* Ele, também, vaza" (Ingold, 2011, p. 141). Entre vazamentos e trânsitos entre saberes e seres, a linha ecosófica afetiva oferece à ciência ambiental uma possibilidade de fazer sensível, consciente e crítica. Esta linha caracteriza-se pela poética, pela estética, mas também é política e práxica. Seu rigor metodológico inclui o observador no que observa, o cientista no que investiga. Assumir esta condição é um fazer político em si, que repensa o lugar da objetividade e da subjetividade na ciência. Este lugar na pesquisa inspira a próxima linha a ser fiada: a do ativismo.

Ativismo

A linha transversal ativista possui um caráter práxico em sua essência, pois pressupõe como característica da atividade científica a de contribuir para transformar o mundo. Isso, porque sua prática está contextualizada em um cenário de crise ambiental, em que se considera que o campo científico deve envolver-se afetivamente: deixar-se afetar com afeto pela vida.

O ativismo proposto pressupõe que atuemos, individualmente e em conjunto, a partir da ecosofia. Cada um de nós pode assumir o compromisso de ser ator de nossa própria existência, mas com a peça sendo escrita por nós em parceria com o mundo que nos rodeia, pois, se seguirmos apenas *scripts* pré-fabricados, poderemos fingir que estamos atuando, quando, na verdade, seremos apenas ventríloquos.

As primeiras tonalidades da linha ativista referem-se ao sentido transformativo do que se faz. A politização no campo científico está em poder expor, debater e agir no enfrentamento dos problemas de investigação das Ciências Ambientais. Sendo assim, politicar pode ser verbo constante, presente no dia a dia, aderindo

ao terreno das negociações que levem em conta o respeito à diversidade de saberes.

O ativismo ecosófico busca não ser ingênuo ou apenas criador de utopias (utopista), visto que compreende as necessidades urgentes, assim como projeta futuros. Dessa forma, através da "politicação" pode-se agir a fim de compensar o que já fizemos. A compensação carrega consigo os caracteres da ação pragmática e científica, podendo ser entendido como ações que visem despoluir e tratar das problemáticas socioambientais através de tecnologias, técnicas, indicadores e agentes tradicionais (o Estado, por exemplo). A proposição feita aqui é realocar o verbo compensar, entendendo-o como o pensar com, compartilhando saberes e práticas, a fim de abrir horizontes intervencionistas para as Ciências Ambientais.

Naess (2010, 2018) sugere a Ecologia Profunda como uma forma de ativismo, na qual quem com ela compactua precisa agir na transformação do mundo. Para isso, podemos nos apropriar de diferentes espaços e saberes, fazendo nossa parte enquanto pesquisadores ambientais, assim como buscando angariar simpatizantes para as causas ambientais, compensando os danos já causados aos diferentes ecossistemas e reinventando práticas políticas. Trata-se de fazer uma ecologia que se entende como política por ser ativista e não se esconder de sua responsabilidade com Gaia.

A proposta de envolver-se afetivamente e efetivamente no ativismo ecosófico pressupõe a criação de ecósofos amadores, que tecem sua própria ecosofia, o que se coloca como uma possibilidade micropolítica importante para a linha ativista. Compreender os diferentes elementos que constituem a vida, adentrando territórios existenciais a fim de ressignificá-los por meio das diferentes técnicas e tecnologias disponíveis, gera possibilidades heterogenéticas potentes, permeadas pelo artista onírico que sonha, ao mesmo tempo que gesta e faz emergir, no seu atuar, aquilo que a imaginação proporciona. Este entrecruzamento entre ideias de Naess (2010, 2018), Guattari (1990, 2015) e Maffesoli (2010, 2021) demonstra que em sua gênese, a ecosofia é ativista,

perpassando o racional e o sensível em suas diferentes instâncias na construção de uma sabedoria práxica.

A transformação da realidade intra e interpessoal é construída pelo encontro com diferentes saberes e pela construção de novos, o que além de ser transdisciplinar, é subversivo, produtor de novidades e possibilidade cocriativa para a ação individual e coletiva. Tais pressupostos precisam de empatia nas suas construções éticas e estéticas, pois assim é possível agir positivamente no mundo. O tom revolucionário do ativismo ecosófico é inovador, pois é perpassado pela reconstrução de territórios existenciais individuais e coletivos através de um agir consciente e sensível consigo e com o outro, no que incluímos o não humano (Rodríguez, 2019; Marín, 2018; Carlin, 2017; Schroll; Polansky, 2017; Buckingham, 2017; Aiken, 2017; Buckingham, 2017; Tinnell, 2012; Grange, 2017).

O ativismo ecosófico nas Ciências Ambientais se tece por meio do questionamento sobre o que fazemos e por que fazemos para então usar dos afetos, da apropriação midiática, das máquinas, dos fluxos, dos territórios, dos sistemas e dos diferentes registros ecológicos para revolucionar (mudar radicalmente) o modo como interagimos com o outro (humano ou não humano) (Rodríguez, 2019; Marín, 2018; Carlin, 2017; Schroll; Polansky, 2017; Buckingham, 2017; Aiken, 2017; Buckingham, 2017; Tinnell, 2012; Grange, 2017). Tais proposições são complexas, mas demonstram uma potência disruptiva que amplia o leque de possibilidades para as Ciências Ambientais, compreendendo que o campo não é um lugar/espaço a ser apropriado, mas algo a ser vivido e transformado por meio de relações interdependentes harmônicas e respeitosas a partir da ecosofia.

As manufaturas ecosóficas identificadas na análise integrativa tornam visíveis algumas possibilidades para as Ciências Ambientais e demonstram que as demais linhas transversais podem ser amplificadas pelo ativismo. Formação de professores através da arte e de saberes comunitários (transdisciplinares), a educação ambiental que faz uso de vivências e afetos com o meio ambiente, a apropriação

midiática por meio de práticas formativas permeadas pelo bem viver, as diferentes intervenções sensíveis com grupos diversos através da exploração de espaços naturais, as práticas individuais e coletivas permeadas pela ecosofia, assim como a criação de ecovilas, designs sustentáveis e uso da permacultura, fazem do ativismo uma forma de arte ecosófica capaz de ressignificar o habitar humano em Gaia. Além disso, vale citar que em alguns casos, tais práticas podem influenciar até mesmo instituições, seja por meio de ações legais/tradicionais (constituições cidadãs e permeadas pela *pachamama*) ou de atuações diversas dos agentes políticos (Ayres; Albernaz, 2018; Rodríguez; Rodríguez, 2020; Comins Mingol, 2016; Marín, 2018; Anderson, 2016; Aiken, 2017; Xiangzhan, 2013).

As ações ativistas dialogam com as outras linhas supracitadas, mas cobram a autonomia própria, tanto do agente cientista quanto do campo científico ambiental. Trata-se de não se acomodar com o já posto e buscar transformar a realidade. Exercitar o pensamento autônomo e traçar suas próprias ações, mediado por tudo que cerca o contexto da pesquisa, são proposições latentes nesse sentido.

Ser autônomo não significa agir inconscientemente ou de forma inconsequente, pois requer uma autocrítica do pesquisador e do próprio campo. Autocriticar-se, no viés ecosófico, é buscar uma práxis condizente com aquilo que se prega. Buscar a coerência e a sinceridade consigo mesmo potencializa o ativismo nas Ciências Ambientais. Tais pressupostos dialogam com Naess (2010, 2018) e sua proposta de sistematização ecosófica, pois, a partir dela, é possível criar balizadores que guiem a ação, deixando espaços criativos e inventivos sem, contudo, deixar-se levar por qualquer proposto ou proposta.

A autocrítica no viés ecosófico não possui uma lógica de controle excessivo e tampouco de punição. Ela traz para o diálogo os objetivos de realização pessoal, mas atenta também a como isso afeta as relações. Autocriticar-se é apreciar o que se fez e refletir sobre o que pode ser diferente.

Ao autocriticar-se e ter clareza nas ações ecopolíticas e sistêmicas a serem realizadas pode-se alcançar a autorrealização

proposta por Naess (2010) para uma filosofia do viver, pois o ecósofo sente-se realizado ao saber que o outro também se sente assim. Estas relações são altruístas e abrem-se para possibilidades descentralizadas (no sentido político e egoísta) do fazer científico ambiental, possibilitando ao campo uma expansão por diferentes áreas, saberes e espaços.

Criticar sistemas, hipóteses, teorias e práticas é importante, mas também criticar como tudo isso é incorporado à singularidade do indivíduo e suas ações para com o mundo é agir ecosoficamente centrado no objetivo da construção de uma sabedoria própria, delicada e crítica. Guattari (1990, 2015) critica o Capitalismo Mundial Integrado, mas também propõe uma ação micropolítica e sensível do ser consigo mesmo e com o meio, o que pode ressignificar a prática individual e coletiva. Dessa forma, apropriar-se da mídia na criação de outras éticas e estéticas, usando a inteligência e a sensibilidade para criticar e autocriticar-se, valorizando os *feedbacks* emergentes para repensar a ação, é uma forma ativista ecosófica que oferece caracteres múltiplos para as Ciências Ambientais e para o pesquisador desse campo.

Se o desejo é uma ciência inventiva, afetiva, orgânica e ativista, é preciso agir para que assim o seja. Talvez tenhamos assim a possibilidade de criar saberes científicos que não limitam e nem se limitam a simples dados ou verdades irrefutáveis. Aguçar o olhar, fazer análises enquanto ser constituinte e constituído no e pelo meio, reconhecendo o fato de que a ciência não sabe tudo e, às vezes, não consegue contribuir tanto quanto necessário para o enfrentamento dos problemas crescentes e cada vez mais complexos do mundo.

Por isso, o ativismo nas Ciências Ambientais prepara para a transformação consciente e sensível do mundo, buscando com-viver com Gaia. Crer na mudança, preparar-se para ela e ancorar-se no conhecimento científico para que ela ocorra são genes ecosóficos aqui valorizados e cultivados. Esta linha se estica e costura possibilidades interessantes para a pesquisa-intervenção a partir da ecosofia.

A linha tecida até aqui sugere que o ativismo precisa ser delicado. Tal ideia foi tecida por Kaplan e Davidoff (2014), os quais afirmam que agir onde outros não agem, examinar as maneiras como pensamos e atuamos são passos essenciais para o ativista. Ser um ativista delicado é envolver-se em diálogos, enxergar, reconhecer, honrar e respeitar a natureza, acolhendo as mudanças que isso gera no ser, afinal "[...] o mundo muda através de nossas mudanças e nós mudamos através das mudanças do mundo. Essa é uma fenomenologia da mudança (Kaplan; Davidoff, 2014, p. 23).

O ativismo delicado compreende que nossa luta por um futuro melhor é a essência da nossa humanidade, pois reconhece que vivemos dentro do mundo que estamos tentando mudar e, dessa forma, mudaremos a nós mesmos nos processos que desenvolvermos para transformar o mundo. Somos um só com o mundo e tal percepção é radical e delicada, pois abre e reconhece a mudança mútua, prestando atenção ao todo em busca de significados e sentidos para a existência. Estes traços interconectam, relacionam e pertencem a nós e ao mundo (Kaplan; Davidoff, 2014). Dessa forma, ser um ativista delicado e fazer tal ativismo é lançar-se em processos autoreflexivos permeados pelo inventivo, pelo orgânico e pelo afetivo, como um trançar transversal das linhas ecosóficas aqui tecidas.

Ser e fazer ciência por meio do ativismo é evitar ciladas epistemológicas recortantes e espraiar as possibilidades, partindo da legitimação, da atuação, da autonomia, da autocrítica e da práxis delicada para uma ciência ambiental ecosófica, capaz de refletir e atuar com o mundo na sua própria transformação.

As Linhas que Formam o Tecido Ambiental

As diferentes linhas emendam-se, enrolam-se e criam um tecido maleável, capaz de dar cobertura, aquecer, proteger e ao mesmo tempo deixar respirar o corpo científico que abriga. Como um tecido, misturam algodão e poliéster em seu fazer, transitando pelo orgânico e também pelo sintético, tangenciando assim as

diversas possibilidades, subáreas, programas, projetos e linhas de pesquisa nas Ciências Ambientais.

O objetivo com a exploração das linhas é costurar as inter-relações sem, contudo, perder originalidade. O artesanato feito visa fornecer traçados e costuras, mas não determinar o produto final. Cada pesquisa possui e possuirá seus próprios trançados ou bordados, os quais serão feitos a partir da apropriação de elementos que emergirem como importantes, necessários ou interessantes no seu desenvolvimento.

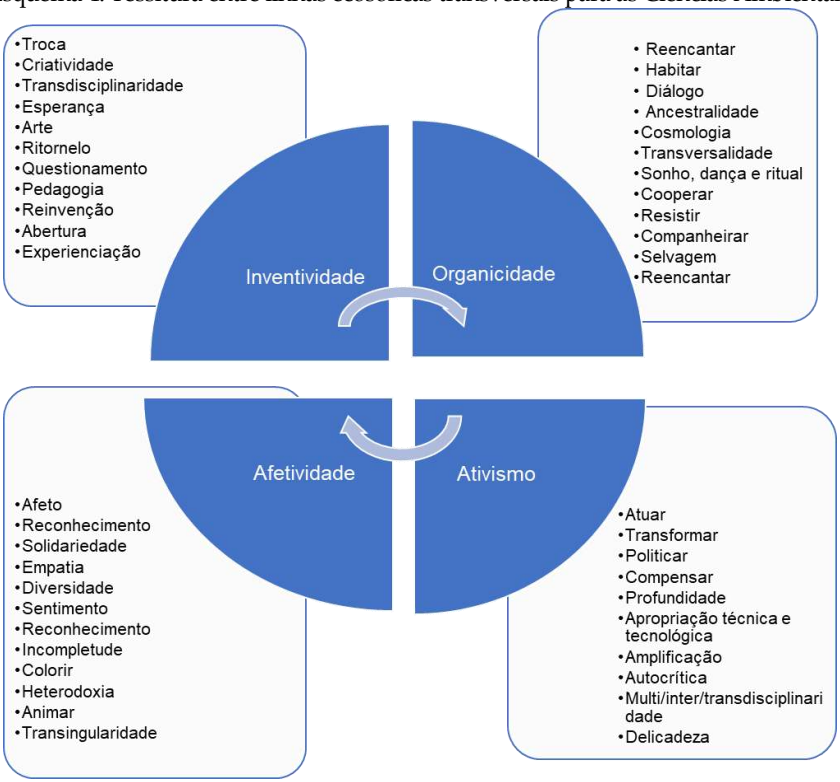
A partir das linhas e do tecido produzido, é possível dizer que as Ciências Ambientais, quando permeadas pelas transversalidades ecosóficas, transformam-se em ciências da vida. Em alguns momentos, emerge opaca e até dissimulada, em outros, clara e diretiva e, por isso, configura-se como prática do viver. Sendo assim, a ecosofia como sabedoria comum da casa que compartilhamos, partilha ensinamentos com as Ciências Ambientais na transformação de seres e realidades. Mas ainda falta ecosofia às Ciências Ambientais.

Ao propor que as Ciências Ambientais sejam ciências da vida, caminhamos por bifurcações, encruzilhadas, *highways* e trilhas diversas. Elementos que misturam diferentes vasos comunicantes, princípios, normas, sensibilidades e ecologias entrecruzam-se neste tecido ambiental que, ao conceber o humano enquanto ambiente, trata da vida em sua essência.

As linhas formam o tecido, mas as estampas ou bordados abrem-se para a criatividade, assim como a vida o faz. Todo cientista ambiental que se faz artesão, pode misturar suas cores, fazer seus desenhos, engrossar ou afinar o bordado, mas é nesta concepção artesanal, inventiva, orgânica, afetiva e ativista que, transversalmente, busca-se incorporar a ecosofia às Ciências Ambientais.

Como forma de organizar o pensamento e sistematizar as relações entre as diferentes linhas, o Esquema 4, a seguir, traz inter-relações entre a tessitura artesanal realizada:

Esquema 4: Tessitura entre linhas ecosóficas transversais para as Ciências Ambientais



Fonte: Dados da pesquisa e elaboração do autor.

O esforço de síntese não traz a totalidade das linhas, mas transita por verbos e características no tecer ambiental permeado pela complexidade que compõe esta pesquisa. Muitas linhas foram "desenroladas", mas o novelo ainda tem muito a oferecer; por isso, a partir do Esquema 4, é possível observar que as linhas dialogam, retroalimentam-se e constituem um pano de fundo para uma Ciência Ambiental Ecosófica, pertinente e potente para os desafios contemporâneos ambientais.

CONSIDERAÇÕES ECOSÓFICAS AMADORAS E NÃO FINAIS

Talvez seja estranho, no meio científico, falar de artesanato, afeto, amor ou amorosidade. Esta estranheza deve gerar incômodos no cientificismo e no tecnicismo, que, é preciso lembrar, contribuíram para a crise ambiental vivenciada. Tal crise não é apenas técnica ou material, é espiritual, diz respeito à teia da vida e à incompletude e complexidade humana. A prática do viver chegou, por assim dizer, no ponto que necessita ser reinventada. Uma necessidade que cobra agilidade, perspicácia e sensibilidade.

A reinvenção de práticas científicas e sua legitimação, neste livro, é perpassada pelo objetivo de investigar reflexões teórico-metodológicas sobre a perspectiva ecosófica, a fim de gerar movimentos inventivos nas Ciências Ambientais, o que se demonstrou possível, pulsante e potente, tanto na área ambiental quanto no próprio processo de vida de quem faz parte dela. Para reinventar, é preciso mapear, conhecer o terreno e explorá-lo, a fim de evitar armadilhas e traçar caminhos, mesmo que incertos. Podemos dizer que as perspectivas teórico-metodológicas mapeadas foram um guia valioso, pois, em muitos casos, direcionaram como seguir, mas, em outros, deixaram a livre exploração emergir.

Mapear a ecosofia e seus significados é navegar, dançar, desenhar ou mesmo escrever pluralidades. Nenhum enquadramento dá conta da totalidade do conceito, e eis uma de suas forças, pois, ao se estender indefinidamente, ela adentra searas das vidas individuais, comunitárias, societais, institucionais e ecológicas. O mapa não possui monstros e nem os imagina como na Idade Média, porém, deixa em branco partes ainda a serem descobertas, descritas e exploradas.

Ao aprofundar reflexões teórico-metodológicas ecosóficas que contribuem para o campo interdisciplinar das Ciências Ambientais,

a pesquisa demonstrou-se uma tarefa árdua e ao mesmo tempo bela, pois relações tecidas entre diferentes autores, latitudes e longitudes possibilitaram interconexões múltiplas, que desembocaram na construção de linhas ecosóficas transversais nas Ciências Ambientais. Dessa forma, entende-se que a reinvenção de epistemologias e práticas no campo científico parte de reorientações, ressignificações e reconstruções de filosofias de vida de quem faz ciência.

Os traçados realizados evidenciam que a ecosofia emerge como uma possibilidade pertinente na geração de movimentos inventivos na área das Ciências Ambientais porque extrapola suas fronteiras e adentra os territórios existenciais. O rompimento de barreiras/fronteiras é próprio da ecosofia, que supera a fragmentação do saber e se coloca como um conceito amplo. Em algumas apropriações até opaco e, em outras, bem definido.

Sua polissemia traz elementos reflexivos e práxicos em abundância, abrindo campos de ação para materialidades e imaterialidades. Enquanto teoria, escuta, absorve e articula diferentes saberes; já quando práxis, impulsiona a agir com sabedoria. Nesse jogo entre saber, aplicar, refletir e ressignificar, a ecosofia se reinventa constantemente, tornando-se, por assim dizer, um conceito mutante e uma prática móvel.

Naess, Guattari e Maffesoli, assim como outros autores, deixaram pistas essenciais para qualquer "marinheiro de primeira viagem". Estes autores fornecem pontos cardeais para a bússola de qualquer ecósofo que faz ciência ambiental, mostrando diferentes direções, assim como os pontos cardeais. Pensar o cientista ambiental como um ecósofo é propor um ecoso-fiar-se artesanalmente no próprio fazer científico.

Esta pesquisa partiu do mapeamento, mas como faz parte do humano a curiosidade e a experimentação, extrapolou-se a prática geográfica do cartografar e se buscou também tecer através de diferentes linhas, um pano de fundo para as Ciências Ambientais. Tal tessitura, parte de um certo amadorismo e transita pelo artesanato, demonstra possibilidades inventivas, afetivas,

orgânicas e ativistas, que foram também vivenciadas pelo pesquisador-ecósofo.

As aventuras epistemológicas aqui empreendidas sugerem que fazer ciência pode ser divertido, sem com isso se perder a cientificidade. Refletir sobre conhecimentos já produzidos, aprofundar-se em alguns autores, tatear diferentes cosmovisões e brincar de interligar conceitos e criar palavras foi um fazer lúdico que fez aderência à proposta.

A "linha de chegada" parece a utopia de Fernando Birri. Toda vez que dois passos foram dados, ela se afastou dois passos, porém, isso serviu para que se seguisse caminhando, navegando ou costurando, afinal, os trajetos foram múltiplos e as analogias brotaram no decorrer do caminho. Esta obra, é, por assim dizer, ela mesma um artesanato feito por várias mãos e mentes. Um convite à ecosofiar-se!

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver:** uma oportunidade para imaginar outros mundos. **São Paulo:** Editora Autonomia Literária; Editora Elefante, 2016.

AIKEN, Taylor Gerald. Permaculture and the social design of nature. *In:* **Geografiska annaler. Series B, Human geography**, *[S.l.],* v. 99, n. 02, p. 172-191, apr. 2017. DOI:10.1080/04353684.2017.1315906.

ANDERSON, Joshua. The self in deep ecology: A response to Watson. *In:* **Asian philosophy**, *[S.l.],* v. 30, n. 1, p. 30-39, jan. 2020. Disponível em: https://philpapers.org/rec/ANDTSI-4. Acesso em: 30 out. 2021.

ANDRADE, Mariana Bologna Soares de; CALDEIRA, Ana Maria de Andrade. O modelo de DNA e a Biologia Molecular: inserção histórica para o Ensino de Biologia. *In:* **Filosofia e História da Biologia**, *[S.l.],* v. 4, p. 139-165, 2009. Disponível em: https://www.abfhib.org/FHB/FHB-04/FHB-v04-05-Mariana-Andrade-Ana-Maria-Caldeira.pdf. Acesso em: 21 out. 2021.

ANTONIOLI, Manola. What is Ecosophy?. *In:* **European Journal of Creative Practices in Cities and Landscapes,** *[S.l.],* n. 1, v. 1, out. 2018. Disponível em: https://cpcl.unibo.it/article/view/8587. Acesso em: 30 out. 2021.

ANTHONY, Raumond. Animistic pragmatism and native ways of knowing: adaptive strategies for overcoming the struggle for food in the sub-Arctic. *In:* **International journal of circumpolar health**, *[S.l.],* v. 72, n. 1, jan. 2013. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/full/10.3402/ijch.v72i0.21224. Acesso em: 30 out. 2021.

APARICI, Roberto. Introdução: a educomunicação para além do 2.0. *In:* APARICI, Roberto. (org.). **Educomunicação:** para além do 2.0. São Paulo: Paulinas, 2014.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro.** 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1979.

ATLAN, Henry; THOMPSON, Willian Irwin; TODD, John; LOVELOCK, James; MARGULIS, Lynn; VARELA, Francisco; HENDERSON, Hazel; BATESON, Gregory; MATURANA, Humbeto. **GAIA:** uma teoria do conhecimento. São Paulo: Gaia, 1990.

AYRES, Isabel Gomes; ALBERNAZ, Roselaine Machado. Articulações entre cuidado de si e Ecosofia: problematizando a formação de professores. *In:* **INTERthesis,** *[S.l.],* v. 15 n. 1, p. 17-35 jan./abril, 2018. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2018v15n1p17/35809. Acesso em: 30 out. 2021.

BARCELOS, Valdo. **Uma educação nos trópicos:** contribuições da Antropofagia Cultural Brasileira. Petrópolis: Vozes, 2013.

BATESON, Gregory. Os homens são como a planta: a metáfora e o universo do processo mental. *In:* THOMPSON, Willian Irwin. (org.). **GAIA:** uma teoria do conhecimento. São Paulo: Gaia, 1990.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BUCKINGHAM, Susan. Materializing ecosophy - yoga as an ethical academic practice. **Geografiska annaler. Series B, Human geography,** *[S.l.],* v. 99, n. 2, p. 143-155, 2017. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/04353684.2017.1332273?journalCode=rgab20. Acesso em: 30 out. 2017.

BUGALLO, Alícia. Prólogo. *In:* NAESS, Arne. **Ecología, comunidade y estilo de vida.** Ciudad Autônoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018. 320 p.

CABRAL, Luís Otávio. Revisitando as noções de espaço, lugar, paisagem e território, sob uma perspectiva geográfica. **Revista de**

Ciências Humanas, Florianópolis, v. 41, n. 1 e 2. abr./out. 2007. p. 141-155. DOI: https://doi.org/10.5007/%25x

CAPES. **Documento de área 49 - 2019.** Disponível em: https:// www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/C_amb.pdf. Acesso em: 21 out. 2021.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida:** uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2006.

CARLIN, Charles. Cultivating ecosophy: a dialog with the contemporary vision fast company. *In:* **Geografiska annaler. Series B, Human geography,** *[S.l.],* v. 99, n. 2, p. 114-127, abr. 2017. Disponível em: https://www.semanticscholar.org/paper/Cultivati ng-ecosophy%3A-a-dialog-with-the- vision-fast-Carlin/f4026c9d2a f847f99b67250c23a91c8fda497308. Acesso em: 30 out. 2021.

CAVIDAD. Clara Inés Builes; GIRALDO, Luis Fernando Garces; SALDARRIAGA, Luz Eugenia. Antecedentes de la ecosofía. *In:* **Produccion + Limpia**, *[S.l.],* v. 13, n. 1, p. 120-125, jan./jul. 2018. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_abs tract&pid=S1909-04552018000100120&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 30 out. 2021.

CHRISTENSEN-SCHEEL, Boel. The ethic-aesthetic way of wonders. *In:* **Nordic Journal of Art & Research,** *[S.l.],* v. 1, n. 1, fev. 2012. Disponível em: https://journals.oslomet.no/index.php/infor mation/article/view/215. Acesso em: 30 out. 2021.

CASTELLS, Manuel. Inovação, Liberdade e poder na Era da Informação. *In:* MORAES, Dênis. (org.). **Sociedade Midiatizada.** 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

CASTELLS, Manuel. **Comunicación y poder.** Alianza Editorial: Madrid, 2009.

CASCINO, Fabio**. Educação ambiental:** princípios, história, formação de professores. 3. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.

COMINS MINGOL, Irene. La filosofia del Cuidado de la Tierra como Ecosofía. *In:* **Daimon. Revista Internacional de Filosofía**, *[S.l.]*, n. 67, p. 133-148, 2016. Disponível em: https://revistas.um.es/daimon/article/download/201501/191021/879651. Acesso em: 30 out. 2021.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs:** capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1995.

DIAMOND, Jared. **Colapso:** como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

DI FELICE, Massimo. [Orelha de livro*]. In:* MAFFESOLI, Michel. **Ecosofia: uma ecologia para nosso tempo.** São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2021. 168 p.

DI FELICE, Massimo; LEMOS, Renato. **A vida em rede.** Campinas: Papirus 7 Mares, 2014.

DI FELICE, Massimo. **Paisagens pós-urbanas:** O fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar. São Paulo: Annablume, 2009.

DI FELICE, Massimo; TORRES, Julliana Cutolo; YANAZE, Leandro Key Higuchi. **Redes Digitais e sustentabilidade:** as interações com o meio ambiente na era da informação. São Paulo: Annablume, 2012.

DRENGSON, Alan; DEVALL, Bill; SCHROOLL, Mark A. The deep ecology movement: Origins, development, and future prospects (toward a transpersonal ecosophy). *In:* **International Journal of Transpersonal Studies**, *[S.l.]*, v. 30, n. 1, p. 101-117, nov. 2011. DOI: 10.24972/ijts.2011.30.1-2.101

FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial:** pensar a partir do mundo caribenho. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

FIGUEIREDO, João B. A. Das práticas escolares à pedagogia das marchas: uma perspectiva (des)colonial, dialógica e eco-relacional. *In:* BARCELOS, Valdo; MADERS, Sandra. **Educação e intercultura:**

a descolonização do saber. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2015. p. 21-45.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 51. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Gen Atlas, 2010.

GODOY, Ana. **A menor das ecologias.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

GOOGLE, 2021. **Ajuda do google.** Disponível em: https://support.google.com/.

GONZAGA, Álvaro de Azevedo. **Decolonialismo indígena.** 2. ed. São Paulo: Matrioska Editora, 2022.

GONZAGA, Amarildo Menezes. A pesquisa em educação: um desenho metodológico centrado na abordagem qualitativa. *In:* PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. (org.). **Pesquisa em educação: Alternativas investigativas com objetos complexos.** São Paulo: Loyola, 2006.

GRANGE, Lesley Le. Ubuntu, ukama, environment and moral education. *In:* **Journal of moral education**, *[S.l.]*, v. 41, n. 3, p. 329-340, set. 2012. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/03057240.2012.691631. Acesso em: 30 out. 2021.

GRÜN, Mauro. **Ética e educação ambiental:** A conexão necessária. Campinas: Papirus Editora, 1996.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias.** Campinas: Papirus Editora, 1990. p. 7-55.

GUATTARI, Félix. **Caosmose:** um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 1992.

GUATTARI, Félix. **Qué es la ecosofia?** Textos presentados y agenciados por Stéphane Nadaud. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2015.

HAESBAERT, Rogério. Desterritorialização: entre redes e os aglomerados de exclusão. *In:* CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (org.). **Geografia:** conceitos e tema. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p.165-205.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. *In:* GEOgraphia, *[S.l.],* v. 9, n. 17, p. 19-44, 2007. DOI: https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2007.v9i17.a13531

HAMPSON, Gary P. Facilitating eco-logical futures through postformal poetic ecosophy. *In:* **Futures: the journal of policy, planning and futures studies**. v. 42, n. 10, p. 1064-1072, 2010. Disponível em: https://ur.booksc.eu/book/16818730/f6c195. Acesso em: 30 out. 2021.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens:** Uma breve história da humanidade. Porto Alegre: L&PM, 2018.

HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz. **Antropologia do ciborgue:** as vertigens do pós-humano. Organização e tradução de Tomaz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

HOPIA Hanna; LATVALA Eila; LIIMATAINEN Leena. Reviewing the methodology of an integrative review. **Scandinavian Journal of Caring Sciences,** *[S.l.],* v. 30, n. 4, p. 662-669, apr. 2016. https://doi.org/10.1111/scs.12327

INGOLD, Tim. **Estar vivo:** ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

INGOLD, Tim. **Evolução e vida social.** Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

JACUPÉ, Kaká Werá. **A terra dos mil povos:** história indígena do Brasil contada por um índio. 2. ed. São Paulo: Peirópolis, 2020.

JONES, Derek. Embodied cognitive ecosophy: the relationship of mind, body, meaning and ecology. **Geografiska Annaler:** Series B,

Human Geography, *[S.l.],* v. 99, n. 2, p. 156-171, 2017. DOI: https://doi.org/10.1080/04353684.2017.1306971

JÚNIOR, Valmôr Scoot. Olhar a afetividade para a formação de professores: de principio jurídico à princípio educativo. *In:* BARCELOS, Valdo; MADERS, Sandra. **Educação e intercultura:** a descolonização do saber. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2015. p. 167-182.

KAPLAN, Allan; DAVIDOFF, Sue. **O Ativismo Delicado:** Uma abordage radical para mudanças. Proteus Initiative, 2014.

KOPENAWA, Davi; BRUCE, Albert. **A queda do céu:** Palavras de um xamã yanomami. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KASTRUP, Virgínia. **Aprendizagem, arte e invenção.** Psicologia em Estudo, Maringá, v. 6, n. 1, p. 17-27, jun. 2001. https://doi.org/10.1590/S1413-73722001000100003

KRENAK, Aílton. **A vida não é útil.** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **O futuro é Ancestral.** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Aílton; SILVESTRE, Helena; SANTOS, Boaventura de Sousa. **O sistema e o antissistema:** três ensaios, três mundos no mesmo mundo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2021.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental:** sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LEFF, Enrique. **Aventuras da epistemologia ambiental:** da articulação das ciências ao diálogo de saberes. São Paulo: Cortez, 2012.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação,** *[S.l.],* v. 19, p. 20-29, abr. 2002. https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003

LATOUCHE, Serge. **Pequeno tratado do decrescimento sereno**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

LATOUR, Bruno. **Diante de Gaia:** Oito conferências sobre a natureza no Antropoceno. São Paulo/Rio de Janeiro: Ubu Editora/Ateliê de Humanidades Editorial, 2020.

LEFF, Enrique. **Discursos sustentáveis.** São Paulo: Cortez, 2010.

LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

LEFF, Enrique. Interdisciplinaridade e formação ambiental: antecedentes e contribuições da América Latina. *In:* PHILIPPI JUNIOR, Arlindo; TUCCI, Carlos Eduardo Morelli; HOGAN, Daniel Joseph; NAVEGANTES, Raul. (org.). **Interdisciplinaridade em Ciências Ambientais.** São Paulo: Signus Editora, 2000.

LEVESQUE, Simon. Two versions of ecosophy: Arne Næss, Félix Guattari, and their connection with semiotics. **Sign Systems Studies**, *[S.l.]*, v. 44, n. 4, p. 511-541, 2016. Disponível em: https://doi.org/10.12697/SSS.2016.44.4.03. Acesso em: 21 out. 2021.

LOVELOCK, James. **A vingança de Gaia.** Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006.

LOVELOCK, James. Gaia: um modelo para a dinâmica planetária e celular. *In*: THOMPSON, Willian Irwin. (org.). **GAIA:** uma teoria do conhecimento. São Paulo: Gaia, 1990.

LOVELOCK, James. **Novaceno:** o advento da era da hiperinteligência. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2022.

LUTZENBERGER, José. **Gaia:** O planeta vivo (por um caminho suave). Porto Alegre: L&PM, 1990.

MAFFESOLI, Michel. **Ecosofia: uma ecologia para nosso tempo.** São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2021. 168 p.

MAFFESOLI, Michel. **Saturação.** São Paulo: Iluminuras; Itaú Cultural, 2010.

MARÍN, Maria Eulalia García. A ecosofia: Uma contribuição para a memória de Pueblo Bello *In:* **Revista Lasallista de Investigacion**,

[S.l.], v. 15, n. 1, p. 143-151, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.22507/rli.v15n1a16.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Desafios Culturais: Da Comunicação à Educomunicação. *In:* CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho. (org.). **Educomunicação:** construindo uma nova área do conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 121-134.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **De máquinas e seres vivos - autopoiese:** a organização do vivo. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

MATURANA, Humberto. O que se observa depende do observador. *In:* THOMPSON, Willian Irwin. (org.). **GAIA:** uma teoria do conhecimento. São Paulo: Gaia, 1990.

MELUCCI, Alberto. **O jogo do eu:** A mudança de si em uma sociedade global. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

MESQUITA, Zilá. Procura-se o coração dos limites. *In:* LEHNE, Carlos; CASTELO, Iara Regina; SCHÄFFER, Neiva Otero. (org.). **Fronteiras no Mercosul.** Porto Alegre: UFRGS, Edições Prefeitura Municipal de Uruguaiana, 1994. p. 69-73.

MORAES, Roque. Mergulhos discursivos: análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos. *In:* FREITAS, José Vicente de; GALIAZZI, Maria do Carmo. (org.). **Metodologias Emergentes de Pesquisa em Educação Ambiental.** Ijuí: Unijuí, 2007.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência.** 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

MUSSO, Pierre. Ciberespaço, figura reticular da utopia tecnológica. *In:* **Sociedade Midiatizada.** MORAES, Dênis de. (.org.). Tradução

de Carlos Frederico Moura da Silva, Maria Inês Cimbra Guedes, Lucio Pimentel. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

NAESS, Arne. **Ecología, comunidade y estilo de vida.** Esbozos de una ecosofia. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018. 320 p.

NAESS, Arne. **Ecology of wisdown: writings by Arne Naess /** edited by Arne Alan Dregson and Bill Devall. Counterpoint: Berkeley, CA. 2010.

NAUDAD, Stéphane. Prefácio: Félix Guattari, el ecósofo. *In:* GUATTARI, Félix. **Qué es la ecosofia?** Textos presentados y agenciados por Stéphane Nadaud. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2015.

PASINI, Carlos Giovani; LEMES, João L. Navegar é preciso, descolonizar-se não é preciso – A Educação Intercultural e as Epistemologias do Sul. *In:* BARCELOS, Valdo; MADERS, Sandra; PASINI, Carlos Giovani. **Cenas e cenários interculturais:** pensando epistemologias a partir do sul. Santa Maria: Editora e Gráfica Caxias, 2016. p. 33-50.

PASSETI, Edson. Ecologia e controle por elites. *In:* PREVE, Ana Maria; CORRÊA, Gulherme. (org.). **Ambientes da ecologia:** perspectivas em política e educação. Santa Maria: Editora UFSM, 2007. p. 09-30.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Os (des)caminhos do meio ambiente.** 15. ed. São Paulo, 2012.

POZZER, Adecir; CECHETTI, Elcio. Educação, Decolonialidade do Saber e Episte(me)todologias interculturais. *In:* BARCELOS, Valdo; MADERS, Sandra; PASINI, Giovani. **Cenas e cenários interculturais:** pensando epistemologias a partir do sul. Santa Maria: Editora e Gráfica Caxias, 2016. p. 13-32.

RODRIGUEZ, Milagros Elena. Los investigadores educativos, transdisciplinares, ecosóficos y antropoéticos: retos venezolanos. *In:* **Revista Ratio Juris**, *[S.l.],* v. 14, n. 28, p. 161-184, oct. 2019.

Disponível em: DOI:10.24142/raju.v14n28a6. Acesso em: 30 out. 2021.

RODRÍGUEZ; Mireya; RODRÍGUEZ, Milagros Elena. Ecosofía-antropoética: una recivilización de la humanidad. *In:* **Telos:** revista de Estudios Interdisciplinarios en Ciencias Sociales, *[S.l.]*, v. 22, n. 2, p. 310-324, 2020. Disponível em: DOI: https://doi.org/10.36390/telos222.04. Acesso em: 30 out. 2021.

ROSA, Cleni Inês da. Saberes populares e educação ambiental: dialogando numa perspectiva intercultural. *In:* BARCELOS, Valdo; MADERS, Sandra. **Educação e intercultura:** a descolonização do saber. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2015. p. 221-238.

ROTHENBERG, David. Introduction. *In:* NAESS, Arne. **The Ecology of wisdown: writings by Arne Naess /** edited by Arne Alan Dregson and Bill Devall. Counterpoint: Berkeley, CA. 2010.

RÜSEN, Jörn. Pragmática: A constituição do pensamento histórico na vida prática. *In:* **Razão histórica:** teoria da história: fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

SALAZAR, Gonzalo; JALABERT, Daniela. Towards a landscape ecosophy. Interpreting how the Villarrica-Pucón urban system inhabitants in the Araucanía region of Chile perceive and relate with the dynamics of Landscape. *In:* **Urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana**, *[S.l.]*, v. 8, n. 1, p. 28-41, dez. 2015. Disponível em: https://doi.org/10.1590/2175-3369.008.001.SE02. Acesso em 30 out. 2021

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço:** Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004

SANTOS, Mílton. **Metamorfoses do espaço habitado:** fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo: Hucitec, 1997.

SCHROLL, Mark A. Editor's Introduction: From Primordial Anthropology to a Transpersonal Ecosophy. *In:* **Anthropology of Consciousness**, *[S.l.],* v. 22, n. 1, p. 4-8, mar. 2011. Disponível em: DOI:10.1111/j.1556-3537.2011.01033.x. Acesso em: 30 out. 2021.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes:** a escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SOARES, Ismar de Oliveira. Caminhos da educomunicação: utopias, confrontações, reconhecimentos. *In:* APARICI, Roberto. (org.). **Educomunicação:** para além do 2.0. São Paulo: Paulinas, 2014.

SOFIATTI, Arthur. Fundamentos filosóficos e históricos para o exercício da ecocidadania e da ecoeducação. *In:* LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; LAYRARGUES, Philippe Pomier; CASTRO, Ronaldo Souza de. (org.). **Educação ambiental:** repensando o espaço da cidadania. São Paulo: Cortez, 2002.

STIBBE, Arran. An ecolinguistic approach to critical discourse studies. *In:* **Critical discourse studies**, *[S.l.],* v. 11, n. 1, p. 117-128, jan. 2014. Disponível em: DOI:10.1080/17405904.2013.845789. Acesso em: 30 out. 2021.

TADEU, Tomaz. Nós, ciborgues: O corpo elétrico e a dissolução do humano. *In:* HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz. **Antropologia do ciborgue:** as vertigens do pós-humano. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

TALUKDER, Md. Munir Hossain. On "self-realization" - the ultimate norm of Arne Naess's ecosophy T. *In:* **Symposion**, *[S.l.],*v. 32, n. 2, p. 219-235, jan. 2016. Disponível em: DOI:10.5840/ symposion20163217. Acesso em: 30 out. 2021.

TINNELL, John. FCJ-121 Transversalising the Ecological Turn: Four Components of Felix Guattari's Ecosophical Perspective. **Fibreculture journal**, *[S.l.],* v. 18, n. 1, p. 35-64, out. 2012.

Disponível em: FCJ-121 Transversalising the Ecological Turn: Four Components of Felix Guattari's Ecosophical Perspective. Acesso em: 30 out. 2021.

THOMPSON, William Irwin. Gaia e a Política da vida: um programa para os anos noventa? *In:* THOMPSON, William Irwin. **GAIA:** uma teoria do conhecimento. São Paulo: Gaia, 1990.

TODD, John. Uma categoria econômica baseada na ecologia. *In:* (org.). THOMPSON, Willian Irwin. **GAIA:** uma teoria do conhecimento. São Paulo: Gaia, 1990

TUAN, Yi-Fu. Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista. *In:* **Geograficidade,** *[S.l.],* v. 1, n. 1. nov. 2011. p. 4-15. DOI:10.22409/ geograficidade2011.11.a12804

VALERA, Luca. From Spontaneous Experience to the Cosmos: Arne Næss' Phenomenology. *In:* **Problemos,** *[S.l.],* v. 93, n. 1, p. 142-153, out. 2018. Disponível em: DOI:10.15388/Problemos.2018.93. 11758. Acesso em: out. 2021.

VARELA, Francisco. O caminho faz a trila. *In:* THOMPSON, Willian Irwin. (org.). **GAIA:** uma teoria do conhecimento. São Paulo: Gaia, 1990.

XIANGZHAN, Cheng. Aesthetic Engagement, Ecosophy C, and Ecological Appreciation. *In:* **Contemporary aesthetics**, *[S.l.],* v. 11, jan. 2013. Disponível em: http://hdl.handle.net/2027/spo.7523862. 0011.009. Acesso em: 30 out. 2021.

WHITTEMORE Robin, KNAFL Kathleen. The integrative review: updated methodology. **J Adv Nurs.** *[S.l.],* v. 52, n. 5, p. 546-553, dec. 2005. doi: 10.1111/j.1365- 2648.2005.03621.x. PMID: 16268861.

ZHOURI, Andréa; OLIVEIRA, Raquel. Quando o lugar resiste ao espaço: colonialidade, modernidade e processo de territorialização. *In:* ZHOURI, Andréa; LASCHEFSKI, Klemens. (org.). **Desenvolvimento e Conflitos Ambientais.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 439-462.

Um convite para reencantar-se, abraçar a vida com suas forças contraditórias e suas existências plurais e pulsantes.

Ecosofia: uma filosofia singular, uma epistemologia, uma ação política, um posicionamento ético, uma sensibilidade que provoca a aproximação do mundo, dos grupos e de nós mesmos.

Solte-se aos movimentos do pensamento e às práticas inventivas de si enquanto desfruta da leitura desta obra.

CNPq Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
FAPERGS
CAPES
UNIVATES
PPGAD

Pedro & João Editores
pedroejoaoeditores.com.br

ISBN 978-65-265-2996-6